

**UNIVERSIDADE PAULISTA  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TRAVESTI É RESISTIR:  
lutas, microlutas e resistência nas tirinhas de Muriel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de mestre em Comunicação.

**ALINE F. DE CASTRO**

**SÃO PAULO**

**2016**

**UNIVERSIDADE PAULISTA  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TRAVESTI É RESISTIR:  
lutas, microlutas e resistência nas tirinhas de Muriel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra Carla Reis Longhi

**ALINE F. DE CASTRO**

**SÃO PAULO**

**2016**

Castro, Aline Fabiana de.

Travesti é resistir : lutas, microlutas e resistência nas linhas de  
Muriel / Aline Fabiana de Castro. - 2017.  
179 f. : il + CD-Rom.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo,  
2017.

Área de Concentração: Contribuição da Mídia para a Interação  
entre Grupos Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Reis Longhi.

1. Quadrinhos. 2. Gênero. 3. Discurso. I. Longhi, Carla Reis.  
(orientadora). II. Título.

**ALINE F. DE CASTRO**

**TRAVESTI É RESISTIR:  
lutas, microlutas e resistência nas tirinhas de Muriel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Carla Reis Longhi  
Universidade Paulista - UNIP

---

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Bárbara Heller  
Universidade Paulista - UNIP

---

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Tânia Hoff  
ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing

*Para meu pai Roberto, minha mãe Lúcia e para minha tia Graça,  
a quem devo todos os cuidados e afetos da alma e do mundo.*

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Reis Longhi, por acreditar em meu projeto e me oferecer todas as condições para elaboração e realização dessa pesquisa.

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa integral de estudo, concedida durante o curso, por meio da bolsa PROSUP, Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Paulista - UNIP - pela estrutura e atendimento, em especial ao colaborador Marcelo Rodrigues por seu apoio e atenção durante todo curso.

Aos membros da banca, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Barbara Heller e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Hoff, por suas contribuições durante a pesquisa.

Aos professores com os quais cursei as disciplinas durante todo curso, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Barbara Heller, Prof. Dr. Jorge Miklos, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Malena Contrera, Profa. Dra. Janette Brunstein Gorodscy e a minha orientadora Profa. Dra. Carla Reis Longhi.

Aos professores com os quais cursei disciplinas como aluna ouvinte na Universidade de São Paulo - USP, Profa. Dra. Heloisa Buarque de Almeida e Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento.

À Profa. Dra. Carla Cristina Garcia por ter me aceitado como aluna ouvinte na Pontifícia Universidade Católica - PUCSP.

À Profa. Dra. Silvia Quintanilha Macedo pela revisão do texto e pela amizade.

Aos amigos de militância política, em especial as travestis e transexuais que me ensinaram tanto neste caminho, Luiza Coppieters, Victor Vasconcelos, Juno Cipolla, Amiel Modesto, Amara Moira, Aline Freitas, Neon Cunha, Renata Carvalho e Indiana Siqueira.

Às amigas da militância feminista e dos afetos potentes, Profa. Dra. Fátima Lima, Profa. Dra Amana Mattos, Dra. Heloisa Melino, Monique Prada, Profa. Dra. Regina Facchini, Gabriela Pozzoli, Adriana Quedas, Dra. Ana Amorim, Ms. Marcus Lyra, Márcia Balades, Sabrina Duran, em especial a poetisa Alice Ruiz pela inspiração, embriaguez conjunta e poesia para resistir.

Às travestis e todos dissidentes sexuais que enchem o mundo de purpurina.

A toda minha família, em especial aos meus pais, a minha tia Maria das Graças e a Louany, minha irmã.

À Profa. Dra. Silvia Badim pela companhia e pelo amor.

Aos inúmeros invisíveis que re(existem) produzindo um corpo sem órgãos e que vivem a nos afetar com seus feixes de luz fantasmáticos.

## DEDICATÓRIA

*In memorian*

Tiros; 15 facadas; amarrada; asfixiada; enforcada; pedrada; golpes de arma branca; espancamento; material cortante; facada no pescoço; estrangulada com fio elétrico; jogada de cima de uma passarela; golpe “mata-leão”; 10 tiros; alvejada; 15 facadas e mão decepada; torturada, estrangulada e carbonizada; tiros na nuca; enforcada na própria roupa; marteladas; afogamento; 30 facadas; golpes de caibro; esquartejada; queimada; tiros na cabeça; Laura Vermont, A.J. Silva, 46 anos; Adriane Bonek, 43 anos; Alana Pessoa da Silva, 22 anos; Amanda Araújo, 17 anos; Ana Rickman, 30 anos; Barbara Malquimi, 35 anos; Bianca Abravanel, 25 anos; Bibis, 40 anos; Biloc; Brenda Alberlock, 34 anos; Bruna Souza, 23 anos; Bruniele; C. do Nascimento Rolim, 19 anos; C. Moreira Batista; Camilla Rios, 32 anos; Chaiene; Cicarelli, 36 anos; Cris, 30 anos; D. Dias, 33 anos; D. L. Rabelini; D. L. Silva de Oliveira; Daine Brasil, 36 anos; Dani, 20 anos; Danyelly Barby, 24 anos; Donizete Rodrigues, 48 anos; Elicris Muniz da Silva, 24 anos; Erika, 30 anos; Fabiane Hilário, 20 anos; Feh Lopes; Flavia; G. B. Teixeira, 25 anos; G. F. Lima, 21 anos; Gabriela Rodrigues; Giovana Atanazio; H.J Silva, 37 anos; I.M. DE SOUSA, 18 anos; Izadora Melina, 24 anos; Jady; Jacqueline, 40 anos; Jessica Mendes, 24 anos; Julia Almeida, 28 anos; Julia Sofia, 20 anos; J.W. da Silva, 24 anos; Kayla Lucas; Ketelen, 23 anos; Keyti, 42 anos; Larissa, 31 anos; Lauandersa, 20 anos; Letícia Silva, 22 anos; Lorena, Lorran Lorang; Luana Barbosa, 34 anos; Luana Biersack, 14 anos; Luana, 30 anos; M.M.C., 16 anos; Malu, 30 anos; Marcia Cabrita, 38 anos; Michele, 19 anos; Michelly Fernandes, 30 anos; Mika P. da Silva; Natacha, 37 anos; Nathallya Figueiredo, 25 anos; Nayara, 23 anos; Nickolle Rocha, 19 anos; Pâmela Beatriz, 23 anos; Pâmela, 16 anos; Pandora, 26 anos; Paola Bratho, 25 anos; Patricia Tavares; Paty Lobo; Paula Fernandes; Priscila Aparecida, 25 anos; Rafinha Silva, 17 anos; Sabrina Souza, 25 anos; Sheila Santos; Suelen; T. E. De Moraes, 37 anos; Taciane Pires; Tainá, 22 anos; Thiemy Oliveira, 24 anos; Tiffany Rodrigues, 23 anos; Vanessa, 35 anos; W.A. Pires, 17 anos; Wandez Leonam, 23 anos; W. Rodrigues Alexandre;<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> <http://redetransbrasil.org/assassinatos.html>

## RESUMO

Este trabalho tem como propósito investigar as relações de sentidos acerca da experiência transexual, através da observação do diálogo estabelecido entre as manifestações discursivas presentes nas tirinhas do *Blog da Muriel*, criação de Laerte Coutinho, à sua exterioridade (as relações sociais inscritas historicamente mediante relações de poder e suas condições de produção de sentido, vinculadas à memória e as formações discursivas) e as subjetividades contemporâneas.

Nossa pesquisa dialoga com as obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze, além de referenciais feministas e decoloniais, nos quais refuta-se a ideia de gênero como identidade pré-discursiva, binária e fixa. O trabalho de Laerte Coutinho desconstrói e desestabiliza os sentidos para os gêneros e nos apresenta outros mundos possíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** quadrinhos, gênero, travestis, transexuais, análise do discurso.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate the discourses about the transsexual experience, through the observation of the discursive manifestations present at Blog da Muriel, Laerte Coutinho's creation, and its exteriority (the exercise of power within the social body, discursive practices, memory and discursive formations) and contemporary subjectivities.

The contributions of Michel Foucault and Gilles Deleuze, as well as feminist and decolonial references are part of our theoretical basis, in which the idea of gender as a pre-discursive, binary and fixed identity is refuted. The work of Laerte Coutinho deconstructs and destabilizes the senses for the genres and presents us with other possible worlds.

**KEY WORDS:** comics, gender, transsexuals, discourse.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1	59
FIGURA 2	60
FIGURA 3	65
FIGURA 4	66
FIGURA 5	67
FIGURA 6	68
FIGURA 7	69
FIGURA 8	70
FIGURA 9	71
FIGURA 10	72
FIGURA 11	75
FIGURA 12	76
FIGURA 13	78
FIGURA 14	79
FIGURA 15	80
FIGURA 16	81
FIGURA 17	82
FIGURA 18	83
FIGURA 19	84
FIGURA 20	85
FIGURA 21	93
FIGURA 22	96
FIGURA 23	105
FIGURA 24	108
FIGURA 25	111
FIGURA 26	113
FIGURA 27	116
FIGURA 28	117
FIGURA 29	121
FIGURA 30	124
FIGURA 31	128
FIGURA 32	130
FIGURA 33	132

FIGURA 34	144
FIGURA 35	145
FIGURA 36	149
FIGURA 37	150
FIGURA 38	154
FIGURA 39	156

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Número de assassinatos de pessoas trans no mundo	35
TABELA 2 - Categorias de análise	50

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>24</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>29</b>
1.1 A construção teórica do objeto tirinhas	29
1.2 O objeto dentro do objeto: a transgeneridade	33
1.3 Questionamentos	37
1.4 Objetivos	37
1.5 Discussão teórico-metodológica	39
1.6 Justificativa	51
1.7 Resumo dos capítulos	54
<b>Capítulo I</b>	<b>56</b>
1.1 Quadrinhos e tirinhas como expressão do contexto social	57
1.2 As tirinhas e as identidades sexuais	63
1.3 O movimento LGBT no Brasil	73
1.4 Laerte e o Blog da Muriel - A vida imita a arte, a arte imita a vida.	74
1.5 Regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade	89
<b>Capítulo II</b>	<b>101</b>
2.1 O sujeito da dissidência sexual e a (pós) modernidade	102
2.2 Rosa é de menina, azul é de menino.	105
2.3. A dominação falocêntrica	108
2.4 Ser ou não ser? Eis a questão.	115
2.5 A políticas dos cus	121
2.6 A biopolítica do desejo	124
<b>Capítulo III</b>	<b>135</b>
3.1 Subjetividade territorializada: a invenção do “transexual verdadeiro”	136
3.2 Subjetividade desterritorializada: a mulher de peito e pau	142
3.3 Entre travestis e transexuais	147
3.4 Nas trincheiras - travesti é resistir	153
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS ou Um beijo pras travestis</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>172</b>



PERFORMANCE DA TRAVESTI VIVIANY BELONI NA PARADA LGBT DE 2015

## Indianara Siqueira, puta, travesti e militante.

“Aos 12 anos comecei a tomar anaceclin, eram anticoncepcionais com altas doses de hormônios femininos. Então me disseram que morreria de trombose ou de problemas no fígado ou que poderia ter problemas ósseos e dores terríveis. Aos 16 anos “sai” de casa e fui morar só. Aos 18 viajei pro RJ com um francês (Jonny Mointellet) e me apaixonei pela cidade. 15 dias depois ele voltava pra França e eu para Paranaguá. Descansei e logo botei o pé na estrada de novo e fui embora pra São Paulo-SP. Fui estuprada por policiais em uma batida policial na pensão/hotel onde morava. O dinheiro que levei logo acabou. Dormi nas ruas. Comi o que caia dos caminhões que abasteciam o mercado de São Paulo. Fui pra Santos, afinal como diz a canção: *La miséré est plus légère au soleil* (A miséria é mais leve no sol). Dormindo na rua conheci as travestis putas que me acolheram e me deram um poste onde trabalhar na esquina. De masseira e pizzaiola, me tornei puta.

Quase todos os dias éramos levadas pelo Francês (Polícia Civil) ou pelo Abreu (Polícia Militar), entre outros PMs pra delegacia. Apanhávamos por existir. Éramos jogadas no camburão e em viaturas como lixo que não pode nem ser reciclado. Éramos colocadas no muro do Coliseu de Santos e tínhamos amoníaco espirrado na cara. Aquilo queimava o olho e a mucosa da boca. Só que quando eles iam puxar o amoníaco, puxavam também o revólver e se você corresse eles atiravam. Você suportava o amoníaco te queimar enquanto eles riam. Às vezes faziam você achar que iam fuzilar todas. Você aprende o dia do plantão dos teus algozes, mas não pra fugir deles e sim se preparar psicologicamente pra ser torturada por eles. Você tinha que sobreviver. Mas você saía pronta pra morrer. A expectativa de vida para transvestigeneres era 25 anos.

A AIDS chegou. Santos era conhecida como a capital da AIDS. Disseram que eu morreria de AIDS. Minha irmã cisgênero e heterossexual, casada com um PM, morreu de AIDS. Várias amigas morreram de AIDS. Vários amigos morreram de AIDS. Nos chamavam de aidéticos. Nos expulsavam dos bares, restaurantes e não nos deixavam comer com medo que contaminássemos os talheres. Nos matavam socialmente aos poucos. Eles tinham prazer nisso. E não tínhamos a quem recorrer. Às vezes nos revoltávamos. A líder da revolta era assassinada. Ninguém chorava por nós. Ao contrário, para muitas famílias, como até hoje, é um alívio quando nos

matam ou morremos. Em 1995 me tornei presidente fundadora do Grupo Filadélfia de Travestis e Liberados da Baixada Santista e participamos do III ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Liberados que trabalham para a prevenção e tratamento às DsTs e HIV /Aids) idealizado por Jovanna Cardoso (Jovanna Baby) e me tornei A CAPA (título dado às travestis que posavam nuas pra revistas masculinas, mas além de tudo saíam na capa).

Em 1996, na IV Conferência Municipal de Saúde de Santos, pautamos o nome social pra transvestigeneres oficialmente pela primeira vez no Brasil. Lutamos para que casais homoafetivos e transvestigeneres com seus parceiros fossem considerados cônjuge no prontuário médico; e que transvestigeneres fossem internadas em ala feminina nos hospitais ou em separado dos homens na ala masculina. As 3 demandas foram aprovadas. Mas com isso também veio minha exposição na imprensa. Um dia parecia que tinha convocado uma audiência pública, e toda a imprensa e emissoras de televisão estavam a minha porta. Denunciei policiais, mas o corporativismo gritante fazia com que os que acolhiam a denúncia me entregassem pro denunciado. Então um dia fui algemada em um poste em Santos enquanto o policial fazia roleta russa na minha cabeça. Eu aterrorizada tremia tanto e chorava. Pensei nos meus irmãos pequenos que dependiam de eu sobreviver nessa porra de vida, pensei nas travestis doentes que dependiam de que eu sobrevivesse. Pensei em Hayde, uma travesti doente que dependia de mim e já estava surrada demais pela vida, idosa, mas não em números, mas porque a maldita vida lhe roubou a sanidade. Ela puxava chave do carro dos clientes e a gente batia boca. Kkkkkk. Quem podia culpá? Usaram sua beleza e juventude e agora a descartavam como lixo. Não, dizia ela. Alguém vai ter que me ressarcir. Ela sempre cantava "Olha o bango de bango bango. Olha o bango de bango. É olha de bango bango olelê". Então dizia: "A antártica trouxe Madonna (a cervejaria tinha patrocinado a vinda da popstar ao Brasil), e a 51 trouxe Hayde Boca de se Fudê". Sim, o barulho do tambor do revólver girando me fazia lembrar de quem dependia de mim pra viver um pouco mais, mesmo eu não sabendo se teria essa chance. Mas o barulho aterrorizante do revólver me fazia lembrar que eu estava viva ainda. Ou morta, mas ainda sem saber. Fui liberada com a promessa de sumir de Santos. Mas denunciei, já que teria que sumir.

Um policial federal também invadiu o apartamento em que eu morava exigindo dinheiro das transvestigeneres que moravam comigo. Eu estava no RJ participando de um evento do Grupo ASTRAL. Conheci um mineiro no RJ e decidi morar com ele no Rio pra fugir de Santos, e porque ele me daria a segurança que precisava no RJ, onde já estava em risco por denunciar a cafetina Yarlei, com quem tinha me atracado na rua, e seu marido policial. Já estava em risco. Mas meus relacionamentos "amorosos" sempre foram pautados por uma troca.

Entre 1996 e 1998 morei entre Rio e São Paulo. Em 1997 em conjunto com a Casa de Apoio Brenda Lee (casa para pessoas com HIV/ AIDS onde a maioria eram Travestis acolhidas por Brenda que foi assassinada a tiros), organizamos o V ENTLAIDS com 280 participantes e a Marcha da Diversidade pelas ruas de São Paulo. Em SP a polícia colocava cocaína no carro das travestis e nas bolsas, exigindo 5 mil reais pra não levá-las presas como traficantes. Muitas foram. Tinham suas vidas destruídas na prisão. Livres, viravam ladras revoltadas que agrediam inclusive nós, as amigas, como se nos culpassem por não termos passado pelo mesmo. Muitas foram presas injustamente. Algumas morreram nas prisões. Nossa tortura tem que ser contada nas audiências públicas sobre tortura sim.

Nos organizarmos pra denunciar. A polícia então fechava as ruas com camburões da ROTA em conjunto com a GOE da Civil, vindo com todo seu aparato, cães pastores alemães e nos faziam correr desesperadas pelas ruas do Jockey Club de SP e Cidade Universitária. Desesperadas, algumas eram atropeladas, às vezes morriam, outras se tornavam deficientes, outras escapavam, mas a maioria encurralada era espancada e jogada nos camburões, sendo levadas pra delegacia. A necessidade de nos organizarmos era urgente se quiséssemos sobreviver. Então, desde a pedra fundamental lançada por Jovanna, nossa matriarca, que organizou em 1993 o I ENCONTRO NACIONAL DE TRAVESTITIS (ENTLAIDS), até hoje nos organizarmos pra sobreviver. E pra sobreviver eu transei com o Abreu, o PM que era meu algoz. Quantas vezes eu não tive vontade de matá-lo enquanto sentia seu hálito nojento na minha nuca. Quantas vezes tive vontade de lhe arrancar o pênis com uma dentada. Maldito. Espero que você esteja vivo e leia isso, ou que tua família em Santos leia e sinta vergonha de você. Maldito estuprador e torturador.

Nos organizamos. Fugi do Brasil, pois minha visibilidade me punha em risco. Estrategicamente era protegida e colocada em segurança por ser uma das poucas a

peitar e denunciar o "CISTEMA". E quem podia culpar quem não denunciava?! Vi amigas tombarem ao meu lado. O cheiro de sangue espirrado em mim e me lembrava que estava viva. Me lavava. Trocava de roupa. Providenciava o funeral. Outra morria de AIDS. Outra de tuberculose. Eu trocava de roupa pra tentar ir a funerais. Nos era negado nos despedir de nossas amigas. Sempre diziam "a família não permite". Então éramos enxotadas e ficávamos de longe vendo o caixão sair e corriámos pro cemitério como se fôssemos. "Olha amiga, viemos viu". Minha vida, nossas vidas, mas as vidas de transvestigeneres futuras dependiam de nós. E ainda depende de nós.

Kátia Tapety, minha amiga de luta, foi eleita no Piauí em 1992 como a primeira transvestigenere vereadora. Logo depois foi reeleita como a mais votada, chegando à presidência da Câmara. Depois se tornou Vice-prefeita. Só a luta muda a vida. E lutamos, viu, pra ter direito a um lugar ao sol.

Fui eleita Vereadora Suplente da Cidade do Rio de Janeiro com 6166 votos. Das 25 candidaturas transvestigeneres do PSOL, 4 se tornaram vereadoras suplentes. Das mais de 80 candidaturas transvestigeneres no Brasil por variados partidos, tive conhecimento de que 6 se elegeram e pode ser mais. Passamos um recado: Estamos e ficaremos em todos espaços que nos foram negado. Essa minha suplência é uma vitória de todos corpos de transvestigeneres que tombaram por mim. Que sobreviveram por mim. Que tombaram ao meu lado. Pelos corpos que poderão dizer : Sim, podemos, porque elas e eles puderam. Porque sou resistência. Sou resiliência. Porque em mim vivem várias e de mim sairão várias e já saíram muitas. (...)

Lembra da pergunta de um famoso filme: Você já dançou com o diabo à luz da lua? Eu não só dancei, como transei com o diabo à luz da lua e nas escuridões de becos. E eles iam embora, depois beijar vocês seus filhos, antes de dormir. Depois beijariam vocês antes de irem trabalhar ou antes de vocês irem às escolas e universidades (...)"<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> INDIANARA SIQUEIRA. [comentário pessoal]. Facebook. 04 de out 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/indianara.sophia/posts/221423198274840>. Acesso em: 12 dez. 2016.

## APRESENTAÇÃO

*É com os órgãos que temos que efetuamos as composições moleculares que produzem afectos intensivos, desfazendo o liame do desejo com a falta (a experiência de uma alegria ativa imanente ao desejo). Os devires moleculares, minoritários e revolucionários são, portanto, resistências aos agenciamentos de poder e à máquina social de rosto que separam o desejo da produção do corpo sem órgãos. Desfazer o rosto, tornar-se imperceptível, produzir novos enunciados e outros desejos, exprimem o sentido clínico (a grande saúde) e político (manter o fascista em nós afastado)<sup>3</sup>.*

"Basta eu acordar, que não posso escapar deste lugar que [Proust<sup>4</sup>] docemente, ansiosamente, ocupa uma vez mais em cada despertar" (FOUCAULT, 2013a). Não se trata de se prender ao lugar "porque depois de tudo eu posso não apenas mexer, andar por aí, mas posso movimentá-lo, removê-lo, mudá-lo de lugar –, mas somente por isso: não posso me deslocar sem ele" (ibid). O corpo carrega um paradoxo: suas materialidades e suas subjetividades, o humano e o não-humano, a fluidez de sua construção histórica e social. O corpo como imagem, o Imaginário. O corpo Simbólico de onde derivam seus significantes (fala-linguagem-corpo<sup>5</sup>) e o corpo Real, não apenas biológico, porém psíquico. O corpo-devir<sup>6</sup> e suas possibilidades no estar no mundo. Meu corpo. Um corpo dito feminino.

Há trinta e três anos atrás ao ser designada "mulher" em uma maternidade de São Paulo, vestiram-me de rosa. A frase "É menina!" impregnou no meu corpo antes mesmo da materialidade desse um destino cor-de-rosa. Na escola nos separaram em meninos e meninas, nos ofereceram brinquedos diferentes, nos aconselharam modos de comportamento de acordo com a genitália presente em nossos corpos. As tarefas de uma menina eram claras: lavar louça, cuidar do irmão menor, arrumar o quarto, ser doce, ser amável, evitar a vulgaridade, o descontrole e a molecagem. Pendurada na janela sonhava com o dia em que seria possível jogar

---

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 2. São Paulo: Ed. 34, 2000

<sup>4</sup> A recuperação do corpo no processo do acordar é um tema recorrente na obra de Marcel Proust.

<sup>5</sup> Referência ao texto "Função e Campo da Fala" escrito por Lacan em 1953

<sup>6</sup> Referência ao livro **Mil Platôs**. Deleuze, Gilles.; Guattari, Félix. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

futebol com os meninos sem ser chamada de “menina-macho” ou ser repreendida pelo meu pai.

O crescer dos seios no meu corpo foi um convite à primeira conversa entre pai e filha. “Evite ficar sozinha entre os meninos”. O espaço público não era para as meninas, tampouco a liberdade para seus corpos. A ingenuidade deu lugar ao medo. Assobios, olhares, cantadas e até mesmo tentativas forçosas de aproximação. O campo de batalha do tornar-se mulher é realmente desafiador. De um lado, o medo, a violência e a desigualdade entre homens e mulheres. Do outro, a pressão do universo “feminino”<sup>7</sup> com seus estereótipos de beleza e comportamentos. A visão androcêntrica do mundo que nos aprisiona e nos confronta.

Foi na graduação em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que conheci os coletivos feministas e a perspectiva da participação política estudantil. Reconhecer o corpo enquanto, instância identitária e, portanto, atravessada por classe, etnia, gênero, etarismo e local de nascimento, transformou minha relação de alteridade com o mundo. Eu, mulher branca, cisgênera<sup>8</sup>, bissexual, classe média e universitária.

Durante a pós-graduação na mesma universidade, ingressei no Coletivo Feminino de Ciclistas de São Paulo (Pedalinas<sup>9</sup>) que se vinculava à agenda da mobilidade urbana e a ocupação dos espaços públicos. Na mesma época conheci a Marcha Mundial das Mulheres<sup>10</sup> e iniciei o curso de formação das Promotoras Legais Populares na União de Mulheres, programa dirigido por Amelinha Teles<sup>11</sup>.

No primeiro ano do mestrado na Universidade Paulista (UNIP), decidi me inscrever como aluna ouvinte das disciplinas “Gênero e Sexualidade” e “Corpo e Cidade” da pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo

<sup>7</sup> Usarei durante todo o texto aspas na palavra “feminino” com o objetivo de demonstrar a instabilidade do termo.

<sup>8</sup> “um indivíduo é dito cisgênero (do latim *cis* = *do mesmo lado*) quando sua identidade de gênero está em consonância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, ou seja, quando sua conduta psicossocial, expressa nos atos mais comuns do dia-a-dia, está inteiramente de acordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico. Dessa forma, o indivíduo cisgênero é alguém que está adequado ao sistema bipolar de gêneros, em contraste com o transgênero, que apresenta algum tipo de inadequação em relação a esse mesmo sistema”. LANZ, Letícia. Cisgênero. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/cisgenero/>. Acesso em 05 mar. 2016.

<sup>9</sup> <https://pedalinas.wordpress.com/>

<sup>10</sup> <https://marchamulheres.wordpress.com/>

<sup>11</sup> Ex-militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Maria Amélia de Almeida Teles foi presa e torturada durante a Operação Bandeirantes (Oban) em setembro de 1972, pelo então comandante do DOI-Codi de São Paulo, o major do exército Carlos Alberto Brilhante Ustra.

(USP), ministrada pelas professoras Drª Heloísa Buarque de Almeida<sup>12</sup> e Drª Silvana de Souza Nascimento,<sup>13</sup> a quem devo tantas trocas potentes. Os corpos se misturavam durante as aulas. Femininos e masculinos desafiadores de qualquer dicotomia de gênero. Performatividades inconclusas.

Flanando de madrugada pela rua Moraes e Vale, no Rio de Janeiro, entre belos casarões degradados pela ação do tempo e memórias de Madame Satã, conheci a Casa Nem<sup>14</sup>. Idealizada pela militante travesti e prostituta Indianara Siqueira<sup>15</sup>, a casa é símbolo de luta e resistência. Além de abrigar travestis, transexuais e trabalhadoras sexuais em situação de vulnerabilidade social, também promove projetos educacionais. Uma heterotopia micropolítica. Corpos potentes, afecções, paredes comunicantes, lutas micropolíticas. Bastava eu me afastar um pouco e a cidade-concreto apresentava utopias outras porque “(...) há também uma utopia que é feita para apagar os corpos. Essa utopia é o país dos mortos.” (op.cit).

O feminismo interseccional me foi apresentado pela Drª Fátima Lima, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mulher, negra e nordestina. No bar, no forró, ou no sofá da sala nos acompanhava a Drª Amana Mattos, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Drª Regina Facchini, do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu (Unicamp), além da puta Monique Prada, presidente da Central Única de Trabalhadoras Sexuais - CUTS<sup>16</sup>. Deste circuito de afetos e corpos nasceu o coletivo Putafeminista.

Amara Moira, travesti, puta, escritora, doutoranda da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) costumava ir a minha casa para ler seus textos, declamar J. Joyce e Camões de cor, durante o processo de composição do livro “*E Se eu Fosse Puta?*”, de cujo processo criativo contribuí.

A militante travesti Luiza Coppieters, filósofa da Universidade de São Paulo (USP), obcecada por Sêneca, foi minha companhia em muitos lugares. A experiência de caminhar na rua com essa mulher é bem violenta. Olhares, gestos, comentários, xingamentos de toda sorte. O corpo não-conforme provoca.

<sup>12</sup> <http://lattes.cnpq.br/6266708108766748>

<sup>13</sup> <http://lattes.cnpq.br/0383359382532310>

<sup>14</sup> A CasaNem faz parte de um projeto de acolhimento, formação política, educacional e artística de transexuais e travestis que também participam da gestão do espaço.

<sup>15</sup> Militante radical da causa travesti e de trabalhadoras sexuais. É idealizadora do projeto PreparaNem, curso preparatório para travestis e transexuais em busca de uma cadeira em uma universidade pública.

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/CUTSBR/>

Em 2015, participei da II Conferência Municipal LGBT<sup>17</sup> de São Paulo. Uma sala repleta dos mais variados corpos. Mulheres de peito e pau. Homens com vagina. Hormônios, silicone, peruca, maquiagem, salto alto, prótese peniana. Corpos que provocam. Corpos que abrem fissuras à inteligibilidade de gênero. Corpos desterritorializantes.

Em 2016, fui eleita delegada na III Conferência Estadual LGBT do Estado de São Paulo. O fato de ter descendência cigana (etnia Calon) colocava meu corpo em outro agrupamento minoritário. No debate, cerca de 200 pessoas escreviam as diretrizes das políticas públicas para a população LGBT. Neste espaço fiz inúmeros amigos e amigas. Vi mais uma vez as marcas no corpo de quem comemora todos os dias a própria vida em uma trajetória de perdas diárias. Feminicídio, homofobia, lesbofobia, bifobia, fobias da diferença. O desejo do outro que incomoda as entranhas da normatividade.

Seria impossível chegar até aqui sem o acúmulo desta trajetória. É preciso dizer que são estas interlocutoras aqui privilegiadas que nos fazem repensar as normas cissexistas<sup>18</sup> e o corpo como espaço de dominação biopolítica. O que pode um corpo?<sup>19</sup> O corpo não é apenas lugar de opressão e domínio, mas também espaço de construção de multiplicidades, de resistência. “O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros” (PRECIADO, 2011:14).

O corpo transexual, corpo “disfórico”, patologizado como “disforia de gênero” com número de CID<sup>20</sup> e “tratamento específico” precisa ser recodificado. O manifesto por uma “euforia de gênero”<sup>21</sup>, da Drª Fátima Lima nos convoca: “Precisamos bradar pela euforia dos gêneros, fazer uma pirotecnia, no sentido Foucaultiano, fabricar algo que sirva para um ‘cerco, uma guerra, uma destruição’, algo que possa fazer cair os muros” (LIMA, 2014, s/p).

---

<sup>17</sup> <https://conferenciamunicipallgbtsp.wordpress.com/>

<sup>18</sup> Normas que se baseiam no corpo biológico como única determinação, ou seja, invalida outras existências para além do binarismo (homem e mulher biológico).

<sup>19</sup> Referência à Parte III do livro **Ética** de Spinoza publicado em 1677.

<sup>20</sup> Classificação Internacional de Doenças

<sup>21</sup> Disponível em: < <http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/corpos-generos-sexualidades-politicas-de-subjetivacao-2o-edicao-pdf>>. Acesso em: nov.2016.

## INTRODUÇÃO

*"O cu é o primeiro órgão privatizado, colocado fora do campo social, aquele que serviu como modelo de toda a posterior privatização, ao mesmo tempo que o dinheiro expressava o novo estado de abstração de fluxos".<sup>22</sup>*

A pesquisadora que aqui introduz a sua dissertação está inserida em relações de produção, significação e jogos de poder que também a objetivam. “Todo conhecimento é um nódulo condensado num campo de poder agonístico. (...) A ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. Ponto”. (HARAWAY, 1995:10-11). Como afirma Merleau-Ponty (1999), o sujeito do conhecimento tem um corpo e somos, portanto, produzidos pelas próprias práticas que analisamos. O corpo que escreve, o corpo analisado, o córpus, estão todos implicados. Donna Haraway também nos coloca

Não se pode “ser” uma célula ou uma molécula - ou mulher, pessoa colonizada, trabalhadora e assim por diante - se se pretende ver e ver criticamente desde essas posições. “Ser” é muito mais problemático e contingente. Além disso, não é possível realocar-se em qualquer perspectiva dada sem ser responsável por este movimento. A visão é sempre uma questão de poder ver - e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização. Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos? (HARAWAY, 1995, p.25).

A luta por novos (outros) discursos tem a política e a ética como base. Significa estar implicado. “Posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras” (ibid, p.27). O corpo que se posiciona procura, justamente, não afirmar uma identidade universal de todos os corpos. Implicar-se é estar em relação com a diferença, com a multiplicidade em um jogo com as próprias singularidades.

Assim surgem novas cartografias culturais, hibridismos, novos territórios identitários que também são atravessados por marcadores sociais (gênero e sexualidade, etnia, classe, relações geracionais). Abandonar a voz do sujeito universal (e neutro) da ciência é considerar-se parte das práticas de objetivação e subjetivação do biopoder, ao mesmo tempo em que nos apoiamos justamente nas fissuras para revelar seus sentidos. “Não podemos recorrer, então, nem a leis

<sup>22</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. 2.ed. Trad. B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. 560p.

objetivas, nem à pura subjetividade, nem às totalizações da teoria. Temos apenas práticas culturais que produziram aquilo que somos. Para conhecê-las, precisamos nos confrontar com a história do presente" (DREYFUS; RABINOW, 2013, p.268).

Compreender o poder pela via produtiva, pelos modos que se constroem corpos políticos, "seus circuitos de afetos com regimes extensivos de implicação, assim como compreender o modelo de individualização que tais corpos produzem, a forma como ele nos implica" (SAFATLE, 2015, p.16) seria também determinar os regimes de visibilidade panóptica em uma cultura mediatizada.

O capitalismo moderno promoveu, entre outras coisas, a divisão sexual do trabalho extraindo dos corpos o máximo de sua produção. O modo de produção capitalista tem como um de seus pilares o modelo heteronormativo de sociedade. Para além dos valores burgueses instaurados na modernidade, quer seja a família nuclear, a mulher reproduutora, a família patriarcal, percebemos o governo do corpo como motriz da reprodução do capital. "A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais" (PRECIADO, 2014, p. 27).

A tecnologia social que investe os corpos encontra nas práticas culturais linguístico-discursivas espaços para sua estabilização. "Por isso, podemos dizer que a primeira estratégia política consiste em identificar onde está o corpo fantasmático<sup>23</sup> que sustenta a adesão sensível ao poder para, em uma duplicação mimética desestabilizadora, construir um corpo no mesmo lugar" (SAFATLE, 2015, p.135) e quem sabe, desativar as corporeidades normativas.

A disposição estratégica das práticas discursivas atuam como um dispositivo, e é nesse sentido que os produtos midiáticos funcionam como aparatos de visibilidade que operam regimes de enunciados que fixam os sujeitos em determinados discursos.

Dessa forma, a investigação das curvas de visibilidade e dos regimes de enunciabilidade de uma produção midiática nos permite examinar a lógica de seu

---

<sup>23</sup> Podemos pensar na definição do fantasma como uma cena imaginária, na qual o sujeito representa a realização de seu desejo. Veremos que tal representação é produção de um objeto próprio ao desejo. Pois o fantasma aparece como esta construção que indica a maneira singular, através da qual cada um de nós procura determinar um caminho em direção ao gozo. In: **Gênese e estrutura do objeto do fantasma em Jacques Lacan.**

funcionamento. Porém é preciso produzir conhecimento articulando pontos de resistência. “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro.” (HARAWAY, 1995, p.16). Ou ainda, produzindo monstros, como em Deleuze: “Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso” (DELEUZE, 2013, p.14).

As relações de poder marcam a produção científica da modernidade ocidental, e sua suposta imparcialidade produziu saberes, historicamente localizados, que serviram como instrumento de dominação. “Apenas aqueles que ocupam as posições de dominadores são auto-ídênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentais, renascidos. Infelizmente é possível que os subjugados desejem e até disputem essa posição de sujeito - e depois desapareçam de vista” (HARAWAY, 1995, p.27). Seria necessário subverter essa ordem e reorganizar os discursos e práticas sobre os corpos não-normativos. Isso significaria ensaiar a resistência dentro dos domínios do poder, abrindo espaço para subjetividades outras como potência política. “As estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder; consequentemente, não há posição fora desse campo (... )” (BUTLER, 2015, p.23), e é partindo deste ponto que esta pesquisa se propõem.

O exame das práticas discursivas exige um aporte multidisciplinar, especialmente quando consideramos a comunicação como um “processo que transforma linguagens” (BRAGA, 2010, p.44), e que se dá como prática significante em constante transformação. Os sistemas de significação que a comunicação coloca em circulação articulam o Simbólico, o Real e o Imaginário,<sup>24</sup> ou ainda os discursos e as subjetividades (campo da linguagens, dos códigos, dos símbolos); o real (“a coisa”, o que escapa) que atua materialmente sobre nossos corpos; e o campo da construção racional (que articula Simbólico e Real). “Percebemos assim o fenômeno comunicacional como processo social de seleção, ajuste e redirecionamento de imaginário, percepções e lógicas”. (Ibid, p.46).

Desse modo, a linguagem verbal é o objeto privilegiado dos estudos na área de Comunicação. “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...]”

<sup>24</sup> Estes conceitos foram introduzidos por Jacques Lacan durante a conferência intitulada “O simbólico, o imaginário, o real” de 1953.

não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem." (BENVENISTE, 1976, p.285). A investigação dos meios nos permite examinar os agentes desta produção de sentidos e da cadeia de significados que funciona como reproduutora da organização social e de suas ideologias. Nesse sentido, compreender a atualidade de novos paradigmas sociopolíticos (por meio da análise que investiga a construção dos jogos estratégicos de saber sobre as práticas discursivas dos sujeitos transgêneros) é avaliar as instâncias de configuração dos campos de poder, suas negociações e as tensões que pululam os regimes de visibilidade e enunciabilidade nas representações midiáticas.

As tirinhas do *Blog da Muriel*<sup>25</sup> apresentam um conjunto de narrativas que discutem o caráter ficcional e discursivo de categorias naturalizadas em nossa cultura. "Como discursivo e perceptivo, o 'sexo' denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força, as interrelações pelas quais os corpos físicos são percebidos" (BUTLER, 2015, p.199). Seria preciso, no entanto, decodificar as táticas e as estratégias que investem os corpos para mostrar as engrenagens da produção de sujeitos e de verdades. Analisar as condições de produção da verdade, os jogos de forças que implicam essa produção e a sua historicidade significa contestar a legitimidade atribuída a essa produção, assim como sua suposta neutralidade. Foucault (2010) apresenta o conceito de "jogos de verdade" para se referir à esse jogo de regras compartilhadas (práticas discursivas) em contextos determinados, que regulam a produção dos discursos. Nesse aspecto, o conceito de jogo é compreendido como "(...) um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função de seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda" (FOUCAULT, 2006, p.282).

---

<sup>25</sup> Criação da cartunista Laerte Coutinho.

Portanto, a produção de sentido se dá nesse tensionamento de forças que se relaciona aos objetos dos quais se fala. É nesse sentido que as tirinhas de Muriel nos servem como um campo sócio-discursivo que implica em determinados posicionamentos dos sujeitos dentro desse mesmo campo, capaz de produzir efeitos de sentido que extrapolam a produção e a recepção do texto, dialogando com outros atores sociais do ato comunicativo. As histórias em quadrinhos, enquanto produto da cultura midiática, se localizam “na intersecção entre entretenimento, defesa de certas ideias políticas e sociais, prazer e consumo” (GIROUX, 1995, p.60).

Dessa forma, ao entendermos as narrativas quadrinísticas como *um texto da cultura* (LOTMAN, 1983-84) podemos explorar os vínculos sócio-discursivos de sua produção de sentidos. Nesse tensionamento de forças que disputam a verdade, as práticas sociais de resistência reclamam novas formas de organização das formações discursivas. Se a prática discursiva, produtora de significantes, não pertence a todos os corpos, então tal contrato social não é justo e os corpos não são equivalentes.

## METODOLOGIA

### 1.1 A construção teórica do objeto tirinhas

A centralidade que ocupa os meios de comunicação na atualidade demonstra o acelerado processo de transformação que atinge a sociedade, cada vez mais atravessada por mediações simbólicas que surgem de diferentes aparatos tecnológicos. Nesse cenário, a mídia configura-se como um espaço de disputas de sentido, de mediações e de regimes de visibilidade.

O advento da mídia e o estabelecimento de outros regimes de visibilidade pressupõem sociabilidades outras, preconizado por Thompson (2012) ao historicizar o desenvolvimento dos meios de comunicação e os campos de poder que implicam este tipo de visibilidade “produzida e alcançada pela mídia”.

Os diferentes contextos sócio-históricos, com seus regimes de visibilidade próprios, colocam em disputa diversos atores sociais individuais e coletivos. Portanto, “uma ‘época’ não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem” (DELEUZE, 2013, p.58); ou seja, os estratos ou as formações históricas e suas repartições do visível, de seus campos de dizibilidade e enunciabilidade “variam em modo e o próprio enunciado muda de regime”. O conceito de visibilidade se configura então como a tecnologia disponível para cada época, os dispositivos de visibilidade, o “tornar visível ou invisível”; e “da mesma forma que os enunciados são inseparáveis dos regimes, as visibilidades são inseparáveis das máquinas” (Ibid, p.67).

Os novos regimes de visibilidade surgem das diferentes lógicas de funcionamento da mídia e dos novos meios de comunicação. Nessa perspectiva, os regimes de visibilidade estão imbricados em relações de poder, uma vez que a lógica de seu funcionamento está implicada nos sentidos dos fluxos comunicacionais, tornando possível o visível e o enunciável, engendrando os processos de subjetivação capitalístico. Os produtos midiáticos funcionam como espaços de enunciação, “(...) isto é, agenciamentos de coisas e combinações de

qualidades, mas antes de mais nada, formas de luz que distribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto" (ibid, p.66).

Os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica abrem inúmeras possibilidades comunicacionais e funcionam como um operador político de diferentes discursos. O gênero jornalístico "tirinha" atua no âmbito da linguagem midiática, operando uma lógica discursiva que pode ser observada por meio dos elementos constitutivos de sua própria narrativa - imagens e textos, diálogos, entonações, gestos, etc. Deste amálgama entre linguagem oral, escrita, verbal e visual, as tirinhas se constituem como um texto midiático com características singulares.

De acordo com Machado (2007, p.201), "texto é todo sistema de signos cuja coerência e unidade se deve à capacidade de compreensão do homem na sua vida comunicativa e expressiva", e no entanto, "as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios" (BAKHTIN, 2014, p.42). Portanto, as interações sociais são mediadas pela linguagem, e "o texto se realiza no cruzamento de sujeitos discursivos" (ibid, p. 202) que produzem significados a cada evento comunicativo. Desta forma, as enunciações expressam sentidos que surgem da interação entre consciências, dentro da própria dinâmica da composição textual. "Todo texto é articulação de discursos-língua que se manifestam nas enunciações concretas cujas formas são determinadas pelos gêneros discursivos; esta é a lógica que determina as relações dialógicas" (ibid). Assim, o texto extrapola as palavras, bem como as relações dialógicas se atualizam no processo vivo dos enunciados concretos. É na cultura que o texto produz múltiplos sentidos articulando a memória de outros textos. "O enunciado é a unidade concreta do texto; uma unidade resultante das combinações dos gêneros discursivos - formas específicas de usos das variedades virtuais de uma língua" (ibid, p.203). Essa cadeia complexa de enunciados coloca em diálogo diferentes instâncias discursivas, quer seja a fala cotidiana (ou gêneros primários) e a língua oficial (ou gêneros secundários). Os gêneros funcionam como um instrumento e consistem numa "estratégia de comunicabilidade" (MARTÍN-BARBERO, 2008:303) das mediações simbólicas da mídia.

A tirinha é um texto midiático utilizado para representar as práticas socioculturais dentro do espaço do discurso jornalístico. O espaço destinado às

tirinhas no jornal significou o reconhecimento do gênero enquanto tal, ou seja, “como uma categoria estética de expressão e opinião sobre o cotidiano, representada por personagens que nos imitam” (NICOLAU, 2007, p.24). O uso do humor, da sátira, da irônica, entre outros recursos, nos faz refletir sobre fatos do cotidiano, bem como nos provoca em relação às grandes notícias do próprio jornal. A história da imprensa no Brasil carrega a trajetória das tirinhas em seu repertório.

A tirinha é um texto multifacetado e dinâmico no qual é possível identificar uma pluralidade de sentido. Esse gênero textual caracteriza-se pelo uso da temática humorística, majoritariamente, porém é possível encontrar outros temas no universo quadrinístico. O uso da estereotipia facilita a identificação dos personagens, bem como do espectro cultural que o representa.

Segundo Marcuschi apud Dionísio,

As tiras fechadas dividem-se em dois subtipos: a)Tiras – piada, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b)Tiras – episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens (2005, p.198).

O contexto desse gênero textual atua na construção da própria identidade das tirinhas dentro de uma relação espaço/tempo que o consolida. Nessa perspectiva, nos debruçamos sobre a produção de sentidos dos enunciados e sobre sua interdependência com os discursos, identificados na observação do *córpus* em questão.

A construção teórica do objeto se dará partindo de algumas diretrizes:

1. A materialidade linguística das tirinhas será estudada como uma *enunciação* (BAKHTIN, 2014), de forma que “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as entonações, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (ibid, p.133). Em oposição à oração, situada para o autor como uma unidade abstrata ou ainda, uma unidade da língua, o enunciado é a unidade concreta da comunicação, e sua repetição implica

em outro momento histórico, outra situação, portanto, outro sentido. As tirinhas são enunciados em relação com outros enunciados, o que provoca uma série de deslocamentos discursivos, quer seja, o *interdiscurso*.

2. Entendemos a tirinha como um *gênero do discurso* (BAKHTIN, 2003) concebido como um campo da comunicação humana; “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados” (ibid, p.266). O *discurso político* e *humorístico* se faz presente em gêneros como a tirinha. De acordo com Brait (2008, p.17), esse tipo de discurso “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”. Assim, os enunciados humorísticos são menos alvo de juízo de valor comparados a outros gêneros. Por outro lado, muitas vezes o gênero humorístico reforça “verdades” cristalizadas na sociedade, fortalecendo ou banalizando tais estereótipos ou tabus. Ainda assim, esse gênero textual é um convite à crítica reflexiva sobre a sociedade e suas mazelas.

É importante considerarmos que a acepção de enunciado é complexa e não possui sentido fixo. Para Foucault:

Pode-se [...] ter dois enunciados perfeitamente distintos que se referem a grupamentos discursivos bem diferentes, onde não se encontra mais de uma proposição, suscetível de um único e mesmo valor, obedecendo a um único e mesmo conjunto de leis de construção e admitindo as mesmas possibilidades de utilização (2014a, p.91).

Podemos dizer que o pensamento linguístico-filosófico do círculo de Bakhtin situava a *enunciação* enquanto produto vivo desta interação entre indivíduos situados historicamente, de forma que o discurso extrapola a produção subjetiva e a estrutura da língua. Para Foucault, os saberes colocados em circulação em uma sociedade formam um campo produtivo de transformação do conhecimento. O produto desse movimento é a *enunciação*, e o que ele denomina “*função enunciativa*” pode apontar para as condições de produção desses enunciados em um campo discursivo.

## 1.2 O objeto dentro do objeto: a transgeneridade

*Na interação entre micro e macropolítica, como pensar o paradoxo das forças contemporâneas que se exprimem por radicalismos e que demonstram excessiva inaptidão para as transformações, ao mesmo tempo em que há movimentos de atração que possibilitam a mestiçagem, que convocam outros devires? Podemos tomar o potencial de hibridação, de heterogênese no campo da sexualidade como um dispositivo de outramento, de singularização. Nos processos de subjetivação, há um constante tensionamento entre esse estado poético que convoca para a diferença e para a experimentação e aquele da biopolítica que coloca a sexualidade na encruzilhada entre indivíduo e população, operando seu controle, normatizando-a e regulamentando-a<sup>26</sup>.*

O corpo é território de disputas. Desconstruir e reinventar corporalidades significam desafiar as categorias normativas da sociedade pós-moderna. A generificação dos corpos (masculinidades e feminilidades) atua como parte constituinte das subjetividades, da vida em sociedade e da própria cultura. Ao diferenciar os corpos, atribuímos significados culturais às características físicas desses mesmos corpos. O processo de generificação do corpo supõe uma certa “coerência” entre sexo-gênero-sexualidade dentro das normas que regulam a cultura.

Ao considerarmos a “identidade” como efeito de práticas discursivas, podemos questionar a identidade de gênero como essa prática regulatória ligada à heterossexualidade compulsória que conforma a relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Trata-se da “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2015, p.69). Esses regimes de verdade em relação aos gêneros chancelam uma “autenticidade” às identidades, ao mesmo tempo que condena os corpos não-conformes.

A discussão acerca das identidades de gênero esteve por muito tempo centrada nos movimentos feministas, ao questionar a subordinação das mulheres em relação à dominação masculina. Após maio de 1968, os movimentos gays e

<sup>26</sup> DONINI, Angela. **Desurdir a lógica do gênero**. 2010. 130f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2010.

lésbicos ampliaram o debate para as questões em relação à sexualidade, ao corpo e às subjetividades. Os estudos *queer* fundaram um projeto mais radical que procurou abranger as identidades historicamente patologizadas pela literatura médica, quer sejam, as *drag queens*, as lésbicas, os *gays*, os *drag kings*, os/as transexuais, travestis, não-binários, entre outros também considerados “desviantes”.

As articulações entre movimentos sociais e a sociedade foram determinantes para a proposta de uma agenda de políticas públicas. Notadamente, muitas conquistas são o resultado do avanço da pauta. Além disso, há maior abertura e discussão sobre gênero na mídia, em especial, nas mídias sociais.

No entanto, mesmo diante da visibilidade midiática em relação às questões da população de travestis e transexuais, podemos afirmar que a violência e o feminicídio (com vítimas *trans*<sup>27</sup>) não diminuiu. Fato é que a violência contra essa população é aceita socialmente e muito invisibilizada, especialmente no Brasil.

De acordo com o *Transgender Europe* (TGEU)<sup>28</sup>, entre janeiro de 2008 e junho de 2016, 845 transexuais, travestis e homens-trans foram vítimas de homicídio no Brasil. Quando comparamos os índices globais de violência, percebemos que os números são mais impressionantes na América Central, América do Sul e Caribe (vide TABELA 1).

Essas regiões representam 78% de todos os assassinatos de pessoas *trans* registrados em todo mundo. É preciso lembrar que esse monitoramento é feito, majoritariamente, por Organizações não-governamentais, associações, entidades sem fins lucrativos, movimentos sociais, etc; ou seja, os números devem ser bem maiores do que é possível registrar hoje por meio das denúncias.

---

<sup>27</sup> Usaremos esta abreviatura para designar transexuais e travestis.

<sup>28</sup> Disponível em:< <http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol15-2016.pdf> >. Acesso em nov. 2016

**TABELA 1 - Número de assassinatos de pessoas trans no mundo**

Números de países/region	Región/Año	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Ene-Jun2016	Total	Porcentaje
5	África	2	2	10	1	4	1	1	1	0	12	0,5 %
16	Asia	111	20	51	56	51	20	51	51	10	398	9,0 %
23	Centro y Sudamérica	94	167	182	266	264	213	238	216	135	1711	38,1 %
16	Europa	13	20	11	16	15	10	18	15	7	115	5,2 %
2	Norteamérica	19	14	9	17	17	23	15	23	14	151	6,9 %
4	Oceania	3	1	0	0	0	0	1	0	0	5	0,2 %
66		149	224	255	368	377	371	394	374	166	3193	100 %

O informe anual da *Trans Murder Monitoring* (TMM) de 2016, intitulado “*Asesinatos denunciados son sólo la punta del iceberg - Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas*”, realizado pela *Transgender Europe*, sugere um olhar mais ampliado para a questão da violência contra essa população. As questões sociais, econômicas, históricas e políticas devem ser levadas em consideração antes de qualquer análise. Entre algumas razões, podemos citar, os altos índices de violência que também emergiram de situações históricas (colonialismo, escravatura, ditaduras, o aparecimento de esquadrões da morte, a histeria da AIDS), acontecimentos recentes e persistentes (guerra às drogas, golpe de estado), as situações de alto risco que enfrentam as trabalhadoras sexuais em seus países e o fracasso dos Estados em prevenir e investigar adequadamente estes crimes.

Os meios de comunicação têm dado maior visibilidade às questões *trans*, porém, o discurso midiático ainda é muito pautado pela violência e criminalidade. Em outros momentos, a imprensa abre espaço para discussão sobre os direitos civis ao público LGBT, como se as demandas fossem as mesmas. Atualmente, a publicidade tem se destacado bastante ao trazer personagens *trans* em seus anúncios. As novelas e alguns filmes também o fizeram, cada qual produzindo sentidos diferentes para a representação da travesti na mídia. No entanto, a reprodução de estereótipos

ou a ridicularização dessas personagens são muito mais comuns do que a discussão propriamente política ou com a complexidade que o assunto pede.

Em 2008, a quadrinista Laerte Coutinho deu inicio na *Folha de São Paulo*, às tirinhas “*Eu travesti*”. Em 2009, nascia o *Blog da Muriel*. Tudo começa quando o personagem Hugo decide se vestir de mulher passando a se reconhecer como praticante do *crossdresser*<sup>29</sup>. Muriel é uma espécie de “alter-ego” de Hugo, e a narrativa se desdobra em paródias de gênero, brincando com os estereótipos femininos e masculinos.

A biografia de Laerte se mistura às histórias vividas por Muriel na tirinha *Blog da Muriel*. A quadrinista começou a praticar o *crossdresser* em 2004<sup>30</sup>, mas a fatalidade da morte de seu filho fez com que Laerte retomasse esse desejo em 2009, somente. Em entrevista à *Bravo*<sup>31</sup>, Laerte comenta:

É uma descoberta nova, uma predileção que se insinua há séculos, mas que se manifestou com todas as letras apenas em 2009. Cinco anos antes, um dos meus personagens, o Hugo, decidiu 'se montar'. Não sei exatamente por quê. Só sei que, de uma hora pra outra, arranjou vestido, batom, salto alto e se jogou no mundo (LAERTE, 2010a).

As aparições em público de Laerte, em sua nova identidade feminina, mistura-se com as narrativas de Muriel e suas experimentações do universo feminino e do enfrentamento social na posição de mulher. As entreceduras entre a biografia da autora e a ficção Muriel nos convidam à investigação da articulação entre Discurso, Sujeito e Poder.

<sup>29</sup> *Crossdressers* são homens que se vestem de mulher, ou que efetivam o desejo de se vestir com roupas e acessórios femininos, embora o *crossdressing* seja algo tanto mais complexo que isso. E, mesmo assim, a noção de feminino que usam para se montar é bastante peculiar. É uma montagem transitória, realizada em alguns momentos específicos, que envolve graus variados de intervenção corporal, dependendo do que se pretende em termos de resultado final daquela produção. VENCATO, Anna Paula. **Sapos e princesas**: prazer e segredo entre praticantes de *crossdressing* no Brasil. 1o.ed. São Paulo: Annablume, 2013. p.32-33.

<sup>30</sup> De acordo com entrevista cedida à **Folha de São Paulo** em 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>> Acesso em nov.2016.

<sup>31</sup> Entrevista de Laerte à Revista **Bravo**. Por Armando Antenore. Brasil. Editora Abril, 2010, Ed. 157. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/oblogdasperguntas/2010/09/01/laerte-tenho-vergonha-de-quase-tudo-que-desenhei>> Acesso em nov.2016.

### 1.3 Questionamentos

Diante do exposto, cabe a pergunta: após as lutas de 68 por reconhecimento e participação política, quais práticas de governo pela verdade sujeitaram os corpos não-heteronormativos? As práticas biopolíticas contemporâneas foram capazes de incluir, de certa forma, as multiplicidades identitárias pelo controle de corpos e pela produção de subjetividades em favor da captura do mercado. Esse fenômeno desestabilizou as prescrições para os gêneros? Os sentidos de masculinidade e feminilidade foram diluídos no processo de mercantilização das identidades híbridas? O discurso midiático e suas representações de gênero, na atualidade, desestabilizam o ideal hegemônico para os gêneros? Como a mídia disputa a representação identitária dos gêneros?

Como as tirinhas refletem essas questões? Como a tirinha *Blog da Muriel* pode representar as verdades (saberes dominantes) para os corpos e ao mesmo tempo sugerir práticas libertárias? A ambiguidade do discurso da personagem pode justamente sugerir esse questionamento sem respondê-lo? Qual é o discurso do agir corporal na narrativa?

### 1.4 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as *relações de sentido* acerca da experiência *trans*, por meio da observação do diálogo estabelecido entre as *manifestações discursivas* presentes nas tirinhas do *Blog da Muriel*; sua *exterioridade* (as relações sociais inscritas historicamente mediante relações de poder e suas condições de produção de sentido, vinculadas à memória e às formações discursivas); e as *subjetividades* contemporâneas.

A comunicação, enquanto campo de expressão e constituição de imaginários e significações, traz em sua dinâmica de reconhecimento social um lugar de

disputas e tensionamentos próprios da cultura. Outrossim, compreender as **Formações Discursivas**, que se articulam a partir dos sujeitos e objetos representados nas tirinhas de Muriel, é perceber seus **sentidos** e os princípios organizadores das formações ideológicas que se configuram no processo histórico da sociedade.

Para tanto, propomos, a partir dos conceitos **sujeito, discurso e poder** explorar os discursos de convocação biopolítica presentes no *córpus* e temas subjacentes. As representações sociais midiáticas de homem e de mulher se fundam, majoritariamente, no padrão normativo hegemônico-ocidental, heterossexual. Tal modelo hierarquiza e atribui predicações aos sujeitos de forma a silenciar outras existências possíveis. A organização desses discursos de verdade, no campo social, estão infimamente ligados às estratégias de poder, aos modelos de normatização e de construção da subjetividade; ou seja, a **biopolítica**.

A pesquisa se pretende uma contribuição para os estudos de comunicação, uma vez que discute o fenômeno da produção quadrinística, os meios, a sociedade, as subjetividades e as articulações possíveis entre os agentes do processo comunicacional de natureza dialógica. Para tal, propomos extrapolar o campo da produção, da recepção ou simplesmente da análise do discurso, para pensarmos à partir da produção de resistências aos dispositivos de controle e de produção de subjetividades capitalísticas, ou seja, o espaço discursivo, as práticas sociais e as multiplicidades culturais.

Dessa forma, o caminho se desdobrará nos seguintes objetivos específicos:

### **Teóricos**

1. Construir teoricamente o objeto tirinha para observar os discursos de convocação biopolítica presentes no *córpus*.

### **Empíricos**

1. Identificar as Formações Discursivas (objetos, modalidades de enunciação e conceitos) presentes no *córpus* de análise;

2. Analisar os modos de objetivação (produção e significação) do sujeito transexual operados nos discursos do *córpus* de análise;

3. Investigar a lógica dos regimes de saber bem como as configurações do poder (e micropoder) que produzem efeitos de subjetividade (subjetivação) sobre os corpos não normativos (transgêneros e travestis) e suas formas singulares de resistência e de fuga.

## 1.5 Discussão teórico-metodológica

O objetivo desta seção é apresentar as bases metodológicas que norteiam o presente trabalho e suas intersecções com outras disciplinas das ciências sociais, assim como apontar a pertinência da análise discursiva para o estudo do *córpus* proposto. Apresentaremos a trajetória da Análise do Discurso (AD) como instrumental teórico-metodológico das Ciências da Comunicação e sua relação transdisciplinar, para a melhor compreensão dos sistemas e processos comunicacionais. Este estudo está estruturado de forma a abarcar tanto as discussões teóricas, quanto as análises de cada *córpus* em cada um dos capítulos resultando em um diagrama de transversalidades.

Este trabalho se constrói de forma interdisciplinar, filiando-se à “prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimentos e nas maneiras de ver” (HARAWAY, 1995, p.24); considerando que “(...) as regras e padrões da metodologia científica são historicamente construídos e vinculados a valores sociais e relações políticas específicas que, frequentemente, são escamoteados através dos rituais e do discurso da ciência” (Popkewitz, 1990. In: Alves-Mazzotti, Gewandsznajder, p.139, 2001). Dessa forma, lançamos nosso olhar para as estruturas sociais e políticas e para as relações sociais, assim como para a cultura e a comunicação, considerando que o processo social deve ser compreendido em toda sua complexidade.

Com o objetivo de traçarmos os primeiros apontamentos a respeito do gênero jornalístico das tirinhas (e dos quadrinhos) e de sua importância no contexto histórico, recorre-se a Marcos Nicolau (2007), Waldomiro Vergueiro (2007), Scott McCloud (1995), Álvaro de Moya (1986) e Will Eisner, sendo estes dois últimos considerados os mais importantes autores do gênero.

Para o debate sobre comunicação, mídia e mediações, apresentaremos alguns aspectos apontados por John B. Thompson (2014) e sua teoria social da mídia. Contaremos também com as pesquisas de Muniz Sodré (2002) e José Luiz Braga (2007).

Com vista a problematizar as disposições estratégicas das práticas discursivas que produzem os sujeitos, procuraremos traçar a linha de saberes, localizados historicamente em torno das identidades sexuais e de gênero.

Buscam-se na teoria antropológica clássica de Claude Lévi-Strauss (1956), as primeiras discussões sobre natureza e cultura. Também se utilizam as contribuições da Teoria Feminista em Joan Scott (1990), Gayle Rubin (1986) e Simone de Beauvoir (1970). Discutiremos o conceito de gênero e sexo na contemporaneidade conforme Thomas Laqueur (1992) e Teresa de Lauretis (1987). Os conceitos de identidade na pós-modernidade serão lidos a partir de Stuart Hall (1992), Judith Butler (1990) e Paul Beatriz Preciado (2002). Para discutir o dispositivo da transexualidade, usaremos as contribuições de Berenice Bento (2014).

Por fim, focaremos o debate sobre práticas ético-políticas, subjetividade neoliberal e enfrentamento da dominação cultural; pretendemos discutir a biopolítica da contemporaneidade a partir de Maurizio Lazaratto (2006), Vladimir Safatle (2014), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992). Além das releituras realizadas por Suely Rolnik (2005) e Peter Pál Pelbart (2010).

A problemática central desta pesquisa discute os jogos estratégicos que fixam os sujeitos em determinados discursos e os tornam objeto de saber. Nessa produção de atores sociais se articulam campos em disputa, efeitos das práticas de poder, forma da atuação biopolítica no contexto do capitalismo.

As categorias de masculino e feminino, as sexualidades, as corporalidades, são investidas pelo poder. Os discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais atuam sobre o corpo como prática

significante. A materialidade do corpo é marcada pelas relações de gênero, por suas disputas, interpelações e resistências que constituem as nossas subjetividades.

Os modelos de normatização dos corpos atuam como um regime político a serviço do biopoder. Os corpos ‘não conformes’ ou ‘anormais’ (transgêneros, travestis, homens-trans, intersexos, entre outros) estão investidos por práticas de poder e pelo conjunto de saberes que os objetivam como um fenômeno psiquiátrico.

A discussão parte de um produto midiático, inserido em um veículo da mídia que funciona como um aparato de visibilidade e lugar de enunciação. Desse modo, privilegiaremos a teoria de Michel Foucault, no que tange à pluridimensionalidade da língua como ponto de partida para a análise discursiva. Nos interessa, portanto, explorar as práticas sociais (e portanto, comunicacionais) e as intersecções possíveis com os conceitos foucaultinos de arqueologia do saber, genealogia do poder e o cuidado de si.

Entretanto, articular a imensa produção de Michel Foucault é tarefa árdua. Seu pensamento não produziu um sentido único acerca da “natureza humana”; ou seja, a busca da verdade não se daria no objeto positivamente, mas naquilo que determina o objeto e que por sua vez é capaz de revelar uma realidade da condição humana. O fenômeno do poder não seria o objeto central de seu olhar, mas a produção do sujeito moderno, sob a perspectiva de que há regularidades enunciativas que se articulam com outros fatos sociais (acontecimentos). Estes ao serem historicizados (escavados), revelam os sentidos de sua manutenção, de seus valores, de sua circulação, de suas contradições, de seus acasos e descontinuações.

Considerando, portanto, a característica polissêmica e parafrásica da linguagem, a análise discursiva deve orientar-se para

(...) compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (...) deve-se mostrar por que não poderia ser outro, em que exclui a qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 2014a)

Como visto, o enunciado (discursivo e não-discursivo) é necessariamente histórico, assim como o são as formações discursivas, o discurso, o arquivo e o sujeito do dizer; e aquilo que é enunciado pelos sujeitos deve ser considerado a partir das condições de sua produção.

O método arqueológico apresentado por Foucault propõe uma verdadeira escavação que busca localizar a formação de uma episteme.

Por episteme entende-se, de fato, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar às figuras epistemológicas, às ciências, eventualmente a sistemas formalizados (...). A episteme não é uma forma de conhecimento ou um tipo de racionalidade que, atravessando as mais diversas ciências, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podemos descobrir, para uma época dada, entre as ciências, quando as analisamos no nível das regularidades discursivas (2014a, p. 214).

A importância da linguagem, em toda sua complexidade, e a instabilidade dos conceitos ao longo da história demonstram que o estudo das ciências humanas não são uma análise da natureza humana à priori, de acordo Foucault. “O ser do homem agora surge do modo como efetivamente ele vive, trabalha e fala, isto é, em estruturas onde o impensado é o próprio modo de manifestação do ser” (SAFATLE; MANZI, 2008, p.200). A “analítica do vivido” será a denominação de Foucault a essa nova disciplina.

Pensar o discurso, a partir das formas históricas, que se dão pelas práticas discursivas foi o grande avanço da teoria de Foucault. Por um lado, a arqueologia do saber pretendia descrever os regimes de saber localizados historicamente. Por outro, o projeto da genealogia do poder buscou demonstrar a produção desses saberes (Ser-saber) e suas condições de produção à partir segundo as relações de poder (Poder-saber).

A arqueologia tenta “descrever enunciados, descrever a função enunciativa da qual eles são portadores, analisar as condições nas quais essa função se exerce, percorrer os diferentes domínios que ela supõe e a maneira pela qual eles se articulam” (FOUCAULT, 2014, p.141-142). Dessa forma, os sujeitos são produzidos na articulação saber-poder e a análise discursiva pode nos dar pistas desse processo.

É importante destacar que o poder é uma relação de forças, ou seja, não há uma teoria do poder. Trata-se desse conjunto de ações, uma prática social localizada historicamente, “Pois ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa” (MACHADO, 2015, p.18). Portanto, o poder é produtor (incitar, classificar, induzir, etc.), “produz domínios de objetos e rituais de verdade” (ibid, p. 20).

A analítica do poder vai encontrá-lo para além do monopólio do Estado, demonstrando que há micropoderes operando em toda estrutura da sociedade. No livro “Microfísica do Poder”, Foucault nos chama atenção para os diferentes níveis de atuação do poder. Para tanto, foi preciso olhar as especificidades da produção de determinados saberes e as técnicas multilocalizadas de poder imanentes a essa produção. O poder é operatório e difuso. “Não é atributo, mas relação: a relação de poder é o conjunto de relação de forças, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades” (DELEUZE, 2013, p. 37).

Com base na análise do poder soberano do Rei, Foucault demonstrará que não se trata de uma força unilateral ou de cima para baixo, mas que aplica por todos os lados, é inclusive demandado pelos súditos. Ao se dirigir aos corpos, o poder não precisa ser necessariamente repressor ou violento, pode antes produzir realidades.

Partindo desses pressupostos, o poder está imbricado à regularidade do enunciado e ao espaço de sua distribuição. Na obra *A Ordem do Discurso* (1970), o autor demonstra como “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014b, p.9). O discurso também pode operar procedimentos de exclusão em nossa sociedade. A produção discursiva de determinados sujeitos opera a separação, a divisão, a exclusão de certos tipos sociais de sua época: os loucos, os criminosos e os doentes, por exemplo. A linguagem é o lugar onde se exerce a separação, a rejeição, a interdição. Não se traduz os sistemas de dominação pelos discursos, pois eles representam aquilo pelo que se luta.

Foucault explicita três sistemas de exclusão da sociedade: a palavra proibida (interdição); a segregação da loucura (separação); e a vontade de verdade. O silenciamento da voz dos loucos na Idade Média é revelador dos procedimentos de exclusão. A censura e a sua manutenção reverberam um discurso ainda mais investido de desejo, imbricado a uma rede de forças (poderes).

Para além desses sistemas de exclusão que se exercem de modo exterior, há procedimentos internos, autoregulados, “que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso” (ibid, p.20). Outros procedimentos de controle do discurso podem ser evidenciados; por exemplo, o comentário. Há, portanto, um desnívelamento entre os discursos: o discurso corriqueiro e aqueles que serão retomados em novos atos de fala. Trata-se da relação do primeiro texto com o segundo que constrói inúmeros discursos outros.

A proposta do filósofo é aquela segundo a qual o discurso, enquanto jogo estratégico, é permeado por uma correlação de forças (poder) que produz verdade. Dessa forma, ao considerarmos uma análise discursiva, podemos avaliar os sentidos dessas práticas discursivas. Assim sendo, o trabalho de Foucault pode servir de matriz para uma discussão sobre a mídia.

Os regimes das práticas discursivas, os princípios de ordenação do discurso e os procedimentos de controle operados no campo midiático estão infimamente ligados à vontade de verdade. A partir dessa operação de repetição discursiva, a mídia abre espaços de visibilidade. Sobre tal aspecto, Thompson (2014) afirma que a comunicação mediada, a mídia, abriu campos de visibilidade para aqueles que exercem o poder. Ela, portanto, é um campo político de administração de visibilidades que conjura os acasos das aparições discursivas.

Os meios de comunicação atuam dentro deste sistema de restrição que Foucault denomina “ritual”.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso; fixa, enfim a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2014b, p.37).

É necessário, portanto, pensar o discurso como uma prática isenta de significações prévias. Ao analisarmos a ordem do discurso através do método foucaultiano é possível pensar as regularidades do enunciado, suas condições de produção, distribuição e repetição num dado espaço. A formação discursiva é esta curva de regularidades enunciativas, ou seja, uma família de enunciados ligados por regras de formação.

Foucault traz a noção de “atos de fala” para a melhor compreensão de seu método arqueológico. Tal conceito teve início com o filósofo John Austin (1911-1960), para posteriormente ser sistematizado por John Searle (1932) e retomado por Jacques Derrida (1930-2004). Diferentemente dos pesquisadores Austin e Searle, os atos discursivos cotidianos não são a preocupação de Foucault. Seu objetivo não era evidenciar as regras que regem tais atos ou a situação local de asserção. Sua proposta, no entanto, consistia no exame de certos tipos discursivos inseridos em um campo, relativamente autônomo, porque atendem a regras de formação. “É sempre possível que se diga o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas só se está dentro do verdadeiro ao se obedecer às regras de uma ‘polícia’ discursiva que se deve reativar a cada um de seus discursos” (Ibid, p.34)

Ao estudar o discurso, o enunciado e o saber, Foucault nos revela como o Homem é construído discursivamente através da linguagem. A prática discursiva no entanto é “este conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2014a, p.133). Dessa forma, ao se localizarem as regras de formação dos objetos, as modalidades enunciativas e os conceitos nos campos discursivos, é possível estabelecer o tipo de positividade que configura determinados saberes.

A partir dos conceitos apresentados, busca-se um modelo de análise que nos permitirá localizar as Formações Discursivas presentes nos códigos, assim como suas Regras de Formação. Por isso será possível investigarmos a operação das formações discursivas ao produzirem o objeto do qual se fala.

(...) quando falamos de um sistema de formação, compreendemos não apenas a justaposição, a coexistência ou a interação de elementos heterogêneos (instituições, técnicas, grupos sociais, organizações

perceptivas, relações entre discursos diversos), mas sua colocação em relação - e sob uma forma bem determinada - pela prática discursiva (Ibid, p.85-86)

Buscaremos a partir do córpus selecionado os discursos dentro de uma regularidade, para que possamos localizar os Objetos, as Modalidades Enunciativas e os Conceitos. O que torna visível um possível diagrama. Conforme Deleuze

O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar. (2013, p.45)

O diagrama é uma espécie de mapa dessas relações de força com seus múltiplos pontos não-localizáveis. Portanto, não se trata das superestruturas ideológicas, ou da ideia transcendente, ou até mesmo de uma infra-estrutura econômica, porque esta máquina abstrata “é a causa dos agenciamentos concretos que efetuam suas relações; e essas relações de forças passam, ‘não por cima’, mas pelo próprio tecido dos agenciamentos que produzem” (ibid, p.46). A correlação dessa máquina abstrata com os agenciamentos concretos são os dispositivos e seus efeitos que se atualizam gerando as mais diferentes formas e funções. As máquinas concretas, citadas por Foucault em *Vigiar e Punir*, são a forma materializada dos agenciamentos. Ou seja, “as máquinas são sociais antes de serem técnicas” (ibid, p. 49). O diagrama se instrumentaliza por meio das máquinas materiais para tornar possíveis os agenciamentos.

A fim de chegar à localização da Formação dos Objetos, Foucault elenca a necessidade de “demarcar as superfícies primeiras de sua emergência” (FOUCAULT, 2014a, p.50), “limitar seu domínio, de definir aquilo de que fala, de dar-lhe o status de objeto - ou seja, de fazê-lo aparecer, de torná-lo nomeável e descritível” (ibid, p.51). Além disso, é preciso descrever as instâncias de delimitação e analisar as grades de especificação que procuram atribuir positividade aos saberes.

É também importante avaliar as condições de aparição do objeto, ou seja, como os campos do conhecimento puderam se formar como tal. É na prática discursiva que os elementos da formação discursiva produzem o objeto, a partir de

um feixe de relações. “Estas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (ibid, p.55), que não definem o objeto, mas apenas permitem sua aparição. Não se trata, portanto, de uma condição interna ao discurso, mas em seu limiar, determinando a trama de atos discursivos que permite o “fazer falar”. A análise de todo e qualquer objeto deve relacioná-lo “ao conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico” (ibid, p.58).

Foucault deu início ao estudo das Formações das Modalidades Enunciativas em *História da Loucura*, determinando um campo discursivo e a partir da localização de objetos fixos. A primeira recusa desse método ocorreu ao perceber-se que não se tratava de um estilo enunciativo que fixava o discurso. Seria necessário, portanto, descrever-se a gama de enunciados dispersos e heterogêneos, considerados em variadas práticas discursivas, para determinar as regras que permitem a sua existência. Elas questionariam “quem fala?”, ou seja, quem possui legitimidade para enunciar entre os sujeitos falantes? Quais lugares institucionais conferem legitimidade ou critérios de competência ao discurso do sujeito falante? Que posições é possível o sujeito ocupar quanto aos diversos domínios ou grupos de objetos? Tais questionamentos demonstram o discurso enquanto uma prática articuladora de status, lugares e posições que se articulam de modo a produzir um campo de regularidades para as diversas posições de subjetividade (ibid, p.65-66).

Essa concepção recusa a ideia do discurso como manifestação do sujeito que pensa, que conhece e que fala: “é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (ibid, p.66).

Em *As Palavras e As Coisas*, Foucault nos mostra as transformações contínuas dos conceitos. Para a compreensão da Formação dos Conceitos, o autor estabelece a necessidade de “descrever a organização do campo de enunciados em que aparecem e circulam” (ibidem, p. 67). Compreendem essa organização as formas de sucessão e a multiplicidade das disposições enunciativas.

Quer seja a ordem das inferências, das implicações sucessivas e dos raciocínios demonstrativos; ou a ordem das descrições, os esquemas de generalização ou de especificação progressiva aos quais obedecem, as

distribuições espaciais que percorrem; ou a ordem das narrativas e a maneira pela qual os acontecimentos do tempo estão repartidos na sequência linear dos enunciados (ibid, p.67-68).

Trata-se da correlação que se estabelece entre os enunciados, suas combinações ou ainda a hierarquia da estrutura textual: “Tal análise concerne (...), em um nível de certa forma preconcentual, ao campo no qual os conceitos podem coexistir e às regras às quais esse campo está submetido” (ibid, p.71).

Ao considerar que os conceitos são mutáveis, o autor baseou sua análise nos próprios atos de fala inseridos em um campo discursivo, que de certa forma, atuam dentro de um jogo de verdade anônimo. “As regras de transformação têm seu lugar não na ‘mentalidade’ ou consciência dos indivíduos, mas no discurso propriamente; elas se impõem, por conseguinte, segundo uma espécie de anonimato uniforme, a todos os indivíduos que tentam falar neste campo discursivo” (ibid, p.74).

As formas de coexistência do campo enunciativo determinam um campo de presença, ou seja, quando enunciados formados em outra parte são retomados em um discurso como verdade admitida. O campo enunciativo também se liga ao domínio da memória, ao tratar de enunciados que não são mais nem admitidos ou definidos, não são discutidos ou confrontados a um domínio de validade.

Uma instituição comporta ela mesma enunciados, por exemplo, uma constituição, uma carta, um contrato, inscrições e registros. Inversamente, os enunciados remetem a um meio institucional sem o qual os objetos surgidos nesses lugares do enunciados não poderiam ser formados, nem o sujeito que fala de tal lugar (por exemplo, a posição do escritor numa sociedade, a posição do médico no hospital ou em seu consultório, em determinada época, e o surgimento de novos objetos) (DELEUZE, 2013, p. 21).

As formações não-discursivas criam espaço de distribuição das regularidades no campo enunciativo, ainda que relacionando-se com formações discursivas heterogêneas. “Se a repetição dos enunciados tem condições tão estritas, não é em virtude de condições exteriores, mas da materialidade interna que faz da própria repetição a força característica do enunciado” (ibidem, p.23). Há ainda os procedimentos de intervenção que se aplicam aos enunciados, mas que não são os mesmos para todas as formações discursivas, de acordo com Foucault.

### 1.5.1 Fases da pesquisa

Nosso objeto de estudo, aqui denominado córpus, se constitui das histórias em quadrinhos da personagem transexual Muriel, publicadas em diferentes cadernos do jornal *Folha de São Paulo*, sem frequência definida entre 2009 e 2013.

É a partir da tríade dos conceitos sujeito, discurso e poder que buscaremos explorar os discursos presentes no córpus buscando problematizar os efeitos de subjetividade (subjetivação) que circulam no campo social, e as estratégias de poder que também operam na constituição de sujeitos, identidades e representações (objetivação). No entanto, questionamos: quais são os princípios organizadores (modos de subjetivação) dos discursos de convocação biopolítica acerca do sujeito transexual? Quais modos de objetivação (produção e significação) do sujeito transexual são operados nesses discursos? E por fim, quais são as redes de poder, micropoder e resistência possíveis nestes fluxos comunicacionais que também sobrecodificam estes corpos?

Percorreremos um caminho complexo a fim de investigar de que forma operam essas relações de poder. No entanto, o poder não se localiza apenas nas instituições ou no Estado (lutas), ao contrário trata-se de uma relação de forças em disputa em todas as partes (microlutas). O poder enquanto produção positiva abre brechas fronteiriças que permitem ações emergentes, contra-hegemônicas, resistência. Portanto, pretendemos explorar as lutas (poderes), microlutas (micropoderes) e resistências possíveis no campo da construção identitária de gênero e da representação social da travesti, presentes nos discursos das tirinhas de Muriel.

**1.5.1.1 Pesquisa bibliográfica:** nesta fase os estudos exploratórios e o levantamento bibliográfico contribuem para a construção teórica e empírica do objeto tirinhas e da experiência transexual.

**1.5.1.2 Seleção da amostra:** leitura e seleção das 236 tiras em quadrinhos da autora Laerte Coutinho, publicadas entre 2009 e 2013 pela *Folha de São Paulo* em diferentes cadernos com o nome "Blog da Muriel".

**1.5.1.3 Organização das categorias:** análise do material e posterior categorização (VIDE ANEXO I) nos temas subsequentes - **a) Lutas:** discurso da mídia, discurso médico/psiquiátrico, discurso religioso, discurso institucional (escola), discurso do Estado e discurso jurídico; **b) Microlutas:** prostituição, violência, corporalidades, sexualidade, subjetividades e cotidiano;

A categoria *Outros* destina-se às tirinhas que extrapolam as temáticas habituais da trama.

A categoria *violência* está no eixo *Microlutas*, pois na trama trata-se da violência cotidiana e seus confrontamentos. Nas lutas, a violência é estrutural e institucionalizada.

A **resistência** está presente em todas as tirinhas.

A categorização apresentou a seguinte configuração:

**TABELA 2 - Categorias de análise**

Discurso da Mídia	07 tiras
Discurso da Sociedade	22 tiras
Discurso do Estado	15 tiras
Discurso Institucional (Escola)	2 tiras
Discurso Jurídico	4 tiras
Discurso Médico	16 tiras
Discurso Psiquiátrico	17 tiras
Discurso Religioso	25 tiras
Lutas (militância política)	5 tiras
Microlutas	49 tiras
Outros	37 tiras
Prostituição	17 tiras
Violência	20 tiras
<b>Total</b>	<b>236 tiras</b>

CATEGORIAS. ELABORADO PELA AUTORA.

**1.5.1.4 Exterioridade Social:** análise das manifestações discursivas sobre a experiência transexual na sociedade, incluindo as enunciações da própria autora.

**1.5.1.5 A análise:** colocar em diálogo as análises descritivas e as interpretações do objeto, de forma a identificar os limiares do “discurso hegemonic” e as desestabilizações provocadas pela subversão dele. Nesse sentido, poderemos demonstrar o funcionamento dos dispositivos (aporte teórico) e as narrativas em torno da experiência transexual (empiria) presente nas tirinhas, de forma a compreender as relações de sentido presente no córpus.

## 1.6 Justificativa

São Paulo, 3 de Fevereiro de 2016 às 1h53min. "Covardia ou coragem? Demorei tempo pra acumular coragem. Mas ela veio. (...) Como desistir de quem você é? Isso não significa a própria morte?". Estas foram as últimas palavras da transexual Kayla Lucas França em sua rede social, minutos antes de se jogar da janela do edifício em que morava. “Foi a transfobia”, dizia a publicação em sua rede social. A jovem ex-estudante da Universidade Federal de Viçosa era militante e tinha acabado de participar da Caminhada pela Paz,<sup>32</sup> organizada pela comunidade de travestis, homens trans e mulheres transexuais do município de São Paulo. Kayla não virou estatística porque não há no Brasil fontes confiáveis que façam esse registro, uma vez que a ausência da categoria “transexual” invisibiliza o cômputo.

De acordo com o artigo *Thirty years of international follow-up studies after sex-reassignment surgery: a comprehensive review* (1961-1991), em estudo realizado com 2.000 indivíduos que realizaram a cirurgia de transgenitalização em 13 países, o suicídio apresentou-se em 16 casos. O *Journal of Homosexuality*<sup>33</sup> (2011) revela que esses dados são alarmantes e reveladores da precariedade que se acerca da vida da população transexual. São 800 suicídios para cada 100.000

<sup>32</sup> I Caminhada da Paz: Sou trans, quero dignidade e respeito! Organizada pela CAIS – Associação Centro de Apoio e Inclusão Social de Travestis e Transexuais em apoio ao Dia da Visibilidade Trans.

<sup>33</sup> **Suicide and Suicide Risk in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Populations:** Review and Recommendations, *Journal of Homosexuality*, 58:1, 10-51. 2011. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2011.534038>. Acesso em: abril/2016.

indivíduos transexuais, contrastando com 11.5 suicídios para cada 100.000 indivíduos comuns (baseado na população norte-americana).

Nos Estados Unidos, 1 a cada 30.000 indivíduos designados “homem” ao nascimento, solicitam a cirurgia de transgenitalização; e 1 a cada 100.000 indivíduos designados “mulher” ao nascimento, seguem o mesmo caminho<sup>34</sup>. Por outro lado, após 40 anos de pesquisa com a população holandesa<sup>35</sup>, os números demonstraram ser ainda maiores, sendo 1:10.000 (indivíduos designados “homem”) e 1:30.000 (indivíduos designados “mulher”).

A dizimação da população transexual e travesti é generalizada como violência contra LGBTTI<sup>36</sup>. Segundo relatório divulgado em dezembro de 2014, pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização de Estados Americanos (OEA), o Brasil foi apontado como líder nesse tipo de morte, registrando 140 casos entre 2013 e 2014<sup>37</sup>. É importante reforçar que tal violência advém do gênero.

De acordo com Berenice Bento, a violência contra a população trans pode ser chamada de transfeminicídio, pois se trata da desvalorização social do feminino, quando “encarnado em corpos que nasceram com pênis, há um transbordamento da consciência coletiva que é estruturada na crença de que a identidade de gênero é uma expressão do desejo dos cromossomas e dos hormônios”, e que “não existe aparato conceitual, linguístico que justifica a existência das pessoas trans” (2014, s/p)<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> American Psychiatric Association. (2000). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (4th ed.). Washington, DC: Author.

<sup>35</sup> van Kesteren, P. J., Asscheman, H., Megens, J. A., & Gooren, L. J. (1997). **Mortality and morbidity in transsexual subjects treated with cross-sex hormones**. Clinical Endocrinology, 47(3), 337–342

<sup>36</sup> Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos.

<sup>37</sup> Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/lgtbi/>. Acesso em: fev.2016

<sup>38</sup> Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio\\_Berenice\\_Bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf). Acesso em: fev. 2016

O tema da identidade de gênero é complexo e desafiador, diante de uma discussão acolhida pela academia apenas recentemente. De acordo com *Cartografando a pesquisa sobre travestilidades nas ciências humanas e sociais*<sup>39</sup> de 2016, a produção acadêmica está muito aquém do esperado, considerando que o país é responsável pelo maior evento LGBTTI do mundo, registrado pelo *Guiness Book* em 2006<sup>40</sup>, com mais de dois milhões e meio de participantes.

O mapeamento da produção das pesquisas de mestrado e doutorado no campo das Ciências Humanas e Sociais, que de alguma forma se situa na temática das travestilidades, demonstrou que consta no *Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD)* e *Repositórios Digitais das Instituições de Ensino Superior*, 14 teses e 40 dissertações em 34 instituições de ensino superior do Brasil entre 1997 e 2013, com destaque para a área da Antropologia Social, responsável por quase 30% da produção nacional<sup>41</sup>. É notável a invisibilidade dada ao tema pela área da Comunicação Social.

Nessa perspectiva, propomos-nos a deslocar o campo epistemológico da comunicação para o eixo central na discussão sobre Sujeito, Discurso e Poder. A investigação parte de uma proposta interdisciplinar, própria ao campo investigativo da comunicação, buscando os sentidos fenomênicos, essencialmente relacionais, culturais, subjetivos, estéticos, políticos e éticos para a presente análise.

Os dispositivos de comunicação têm na contemporaneidade um papel central como mediador de fluxos significantes que não se encerram em sua potência informacional, mas que extrapolam a natureza semiótica dos signos em toda sua ubiquidade social. Nesta disputa pela apropriação do sentido, a investigação dos meios, das mediações e dos discursos nos permite examinar os agentes dessa produção no contexto da sociedade contemporânea. Pois a partir desse processo dialético, tencionam-se as forças em disputa para produzir significações e representações do real, que permitirão ao indivíduo a apreensão da realidade, assim como a experiência individual.

<sup>39</sup> O estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado realizada junto ao PPG de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e esta publicado na Revista do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH. Disponível em: <<http://www.abeh.org.br>>

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51010.shtml>. Acesso em: fev.2016

<sup>41</sup> Outra pesquisa imprescindível a este respeito: **Do travestismo às travestilidades: Uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a07v26n2.pdf>. Acesso em fev.2016

A representação semiótica (e enunciativa) da realidade decorre da ancoragem de signos pré-existentes na psiquê<sup>42</sup> humana. Uma nova realidade, para ser apreendida em uma representação, precisa estar ancorada em signos que dão significações para essa nova realidade. A dialética de significação é no entanto discursiva. Portanto, os discursos representam a materialidade das ideologias vencedoras da disputa de forças, e dos jogos de poder entre grupos sociais.

A linguagem, enquanto fenômeno social, encontra-se no cerne da produção de sentidos, resultante de diferentes condições discursivas que por sua vez se produzem em um contexto histórico, ideológico e social. Outrossim, a linguagem ocupa o lugar entre o objeto em si e sua representação signíca.

A prática comunicacional reflete a tessitura de narrativas em disputa, dos discursos que legitimam ou invisibilizam sujeitos, dos fluxos que criam identidades por meio de atos de linguagem, memórias discursivas que produzem novas representações sociais, e que promovem a instabilidade e a negociação constante entre poderes, discursos e sujeitos.

Nesse contexto, a trama complexa do contemporâneo nos convida a repensar os fluxos comunicacionais diante do impacto dos novos meios e das mediações das formas simbólicas. A mídia, enquanto espaço de circulação dos sentidos, é também espaço de confronto, hegemonia e resistência.

## 1.7 Resumo dos capítulos

Para estruturar este estudo, optou-se por trabalhar a temática e as análises dividindo-se em três capítulos. No capítulo I, “Não me chame de Hugo, tá? Sou Muriel!”, será feita uma contextualização das tirinhas como gênero jornalístico, e sua função de construir uma representação crítica da realidade por meio de uma estética própria, capaz de desconstruir e desestabilizar discursos hegemônicos da contemporaneidade. Nesse mesmo capítulo, pretendemos expor, brevemente, o contexto da luta dos movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais,

<sup>42</sup> Psiquê (do grego ψυχή, translit. psyché, originalmente "respiração", "sopro", por ψύχω, "eu respiro ")[1] era, entre os antigos gregos, um conceito que definia o self ("si-mesmo"), abrangendo as idéias modernas de alma, ego e mente. Fonte: DORSCH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

Travestis e Intersexos (LGBTI), e a representação de tais atores no universo da mídia impressa, em especial, nos quadrinhos. Em seguida, apresentaremos o veículo de comunicação responsável pela circulação dos dados que pretendemos analisar, o jornal *Folha de São Paulo*. Conhecido no mercado jornalístico, o periódico tem grande circulação nacional e já foi objeto de diversos estudos na área de comunicação. Por fim, serão apresentadas algumas discussões sobre a esfera midiática, seus regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade, que produzem formas de falar e ver os sujeitos, a partir de duas tirinhas escolhidas para análise.

No capítulo II, “Às vezes um cara tem que se montar, ué!”, serão abordadas questões do corpo, ou seja, sexualidade e gênero na experiência transexual. Procuraremos analisar as linhas de força que criam e fixam os jogos estratégicos de saber sobre as práticas discursivas dos sujeitos transexuais. Abordaremos as lógicas de poder (biopoder e biopolítica) que operam na ordem do discurso, objetivando os corpos e as práticas dos sujeitos transgêneros. Também as formações não-discursivas responsáveis por tensionar essas mesmas linhas de força. Para tanto, optamos pela análise das tirinhas que convocam as esferas da Sociedade Civil, do Estado, da Religião e da Escola.

No capítulo III, “Muriel no divã”, discutiremos os efeitos de subjetividade ou as linhas de subjetivação que possibilitam outras disposições estratégicas das práticas discursivas, indicando linhas de resistência e ruptura com os jogos de verdade estabelecidos. A partir dos discursos das tirinhas, analisaremos agenciamentos outros, enunciados nas narrativas da personagem que procurarão demonstrar o caráter inconcluso dos corpos, das fronteiras de gênero, das performatividades e da abjeção.

Por fim, será realizado um entrelaçamento das análises dos capítulos anteriores, que buscará responder se os atores sociais representados nos quadrinhos de Muriel funcionam como aparatos de visibilidade para os sujeitos transgêneros e suas práticas discursivas.

## Capítulo I

**“Não me chame de Hugo, tá? Sou Muriel!”**

---

## 1.1 Quadrinhos e tirinhas como expressão do contexto social

Neste capítulo apresentaremos o surgimento das narrativas quadrinísticas, assim como a consolidação das tirinhas enquanto gênero jornalístico. Discutiremos a função crítica e representativa das tirinhas, sua capacidade de desconstruir e desestabilizar discursos hegemônicos da contemporaneidade. Construiremos o percurso histórico das produções quadrinísticas de temática LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis), buscando articular a demanda política dos atores sociais representados nessas produções. Discutiremos o papel dos veículos jornalísticos no Brasil, situando a *Folha de São Paulo* e o *Blog da Muriel* em suas práticas discursivas, com o objetivo de analisar a lógica de sentido dos **regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade**, que produzem formas de falar e ver os sujeitos a partir das tirinhas escolhidas para esta análise.

No Brasil, o aumento de pesquisas relacionadas ao gênero quadrinístico é recente. Apesar da imensa popularidade dos quadrinhos, a visão de que se tratava de uma leitura de lazer, superficial e pouco educativa perdurou por algum tempo. “Em geral, os pesquisadores e professores universitários viram os quadrinhos como produtos supérfluos, feitos para uma leitura rápida e destinada depois ao esquecimento” (VERGUEIRO; SANTOS, 2006, p.3). Contudo, a inserção desse gênero no ambiente escolar para fins educacionais ampliou sua visibilidade no campo acadêmico.

As histórias em quadrinhos surgiram como uma manifestação cultural, artística e informacional que ganhou espaço expressivo nos meios de comunicação de massa. Há muita divergência em relação à origem precisa do gênero; mas o fato é que desde seu princípio, as narrativas quadrinizada extraiam da sociedade o material necessário para criar suas histórias, produzindo suas versões da compreensão da realidade.

De acordo com Moya (1986), as narrativas quadrinizada surgiram no fim do século XIX, tendo sido apagadas pela excitação causada com a popularização do cinema. O novo gênero textual chegou a ser demonizado pelos críticos, que o acusava de atrapalhar os estudos das crianças da época, e apesar do percurso tortuoso, a partir da década de 60, os quadrinhos ganharam o mundo. Foi em maio

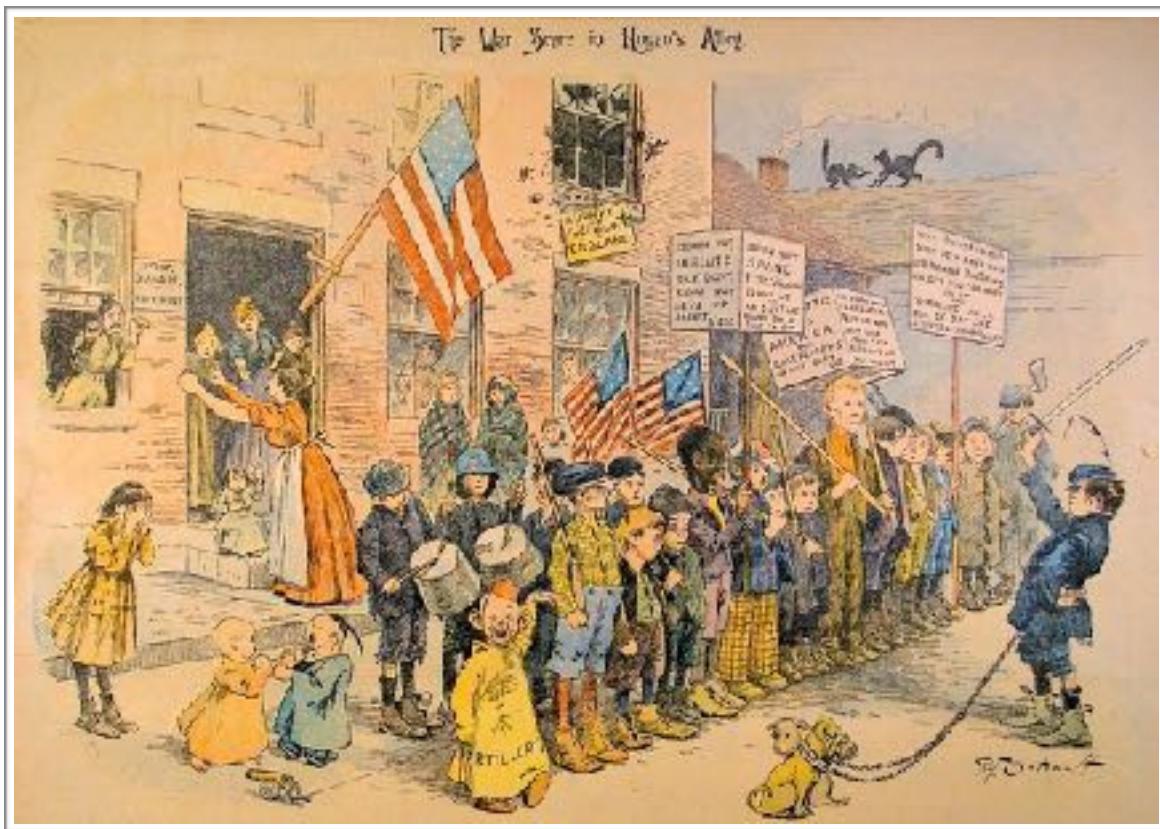
de 1895, que o artista Richard Fenton Outcault publicou duas de suas charges no jornal *World* de Nova Iorque intitulado *At the Circus in Hogan's Alley*. O quadro mostrava um menino vestindo um camisolão amarelo e sujo que passou a ser chamado pelos leitores de *Yellow Kid* (FIGURA 1). A charge foi ganhando notoriedade e o autor incluiu o formato de “balões” no quadro com mensagens políticas. “The obvious portrayal of the urban poor in an historically significant comic, creating ‘sharp satire on city poverty’ (Sabin, 1993, p.134), highlights the role of ideology in comic art” (McALLISTER; SEWELL; GORDON, 2001, p.2).

Nascia a narrativa quadrinizada inspirada na materialidade dos fatos sociais, surgindo com um caráter opinativo e polêmico, capaz de transitar entre o humor e a sátira, abrindo novos caminhos para o gênero na mídia impressa.

É indiscutível as muitas facetas das tirinhas enquanto gênero jornalístico, podendo transitar entre temáticas superficiais e críticas, ganhando grande importância em momentos de censura ou para trazer à luz discursos contra-hegemônicos.

Segundo Lailson de Holanda Cavalcanti (2005), citado por Vergueiro (2007, p.4), a primeira publicação brasileira de um desenho, “que representa a realidade de forma humorística e alegórica”, surgiu em 1831 no jornal independente pernambucano *O Corcundão* e fazia referência à uma situação política na época de D. Pedro I. Inúmeras publicações surgiram ao longo do tempo e apresentaram seu caráter de contestação e crítica do contexto sócio-político ao qual estavam inseridas.

FIGURA 1

THE YELLOW KID (1895). RICHARD FELTON OUTCAULT<sup>43</sup>

No fim dos anos cinquenta, os personagens de Maurício de Sousa ganharam vida nas tirinhas do cachorrinho Bidu, publicadas no jornal *Folha de São Paulo*. De acordo com Nicolau (2007, p.15), o surgimento da Agência Funarte, sob a direção de Ziraldo, contribuiu para a publicação das tirinhas Chiclete com Banana, de Angeli e O condomínio, de Laerte, em 18 jornais diários no Brasil. É evidente que a produção deste tipo de narrativa extrapola o ambiente literário e se coloca a serviço das práticas discursivas que convocam.

O conhecido período da ditadura militar brasileira (1964 a 1985) inspirou cartunistas como Henfil, Angeli e Laerte a produzirem suas tirinhas como forma de expressão e representação crítica das estruturas sociais (FIGURA 2).

No Brasil, a década de 1970 foi de efervescência cultural. O contexto nacional fomentou a proliferação de publicações quadrinísticas que, apesar das

<sup>43</sup> Fonte: OLIVEIRA, A. **Universo Jornalístico**. 2014. Disponível em <<http://universo-jornalistico.blogspot.com.br/2014/06/the-yellow-kid.html>>. Acesso em: 31 ago.2016.

pequenas tiragens e da falta de recursos financeiros, deu visibilidade a diversos cartunistas.

FIGURA 2



CHARGE DE HENFIL NO LIVRO DIRETAS JÁ! (1984)<sup>44</sup>

A maior parte da classe artística e intelectual brasileira não concordava com a política coercitiva do Estado. Procurava-se articular uma resistência político-ideológica, e portanto discursiva, dando voz a outros atores sociais, tais como os movimentos negros, feminista e homossexual. A centralidade da cultura nesse

<sup>44</sup> Fonte: FILHOLINI, J. **Livre Opinião**. 2014. Disponível em <<https://livreopiniao.com/2014/02/05/os-70-anos-do-cartunista-henfil/>>. Acesso em: 31 ago.2016.

processo se tornou evidente. Os textos midiáticos são representativos das práticas sociais, especialmente por se tratar de um gênero marcado pelo potencial de dar visibilidade às culturas de resistência e a grupos identitários.

Para Bakhtin, o texto se vincula à esfera de uso da língua, ou seja, é um ato de fala mediado pela linguagem. Ao mobilizar significados, o “texto se realiza no cruzamento de sujeitos discursivos” (MACHADO, 2007, p.202), que enunciam e articulam seus discursos de forma dialógica. A natureza dialógica do discurso se sustenta na afirmação de que o discurso não é individual, ou seja, não existe neutralidade da língua, há uma pluralidade de vozes em cada discurso-enunciado. A linguagem é dialógica *à priori*, pois esse *outro* é constitutivo do *eu*, e a linguagem é essa relação constante de alteridade. O autor faz uma crítica ao estruturalismo de Ferdinand de Saussure (1857-1913), mas não propõe uma visão exclusiva dos aspectos externos à língua ao apontar que as relações dialógicas “são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria” (BAKHTIN, 1997 [1929]:184). E se a investigação do texto nos revela sua essência discursiva, as tirinhas enquanto produto da linguagem midiática fazem parte da cultura de massa. Ou seja, destinam-se a “um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade” (MORIN, 1962, p.16). Estas se inserem nos fluxos comunicacionais, que não apenas são suportados pelos meios, mas que implicam em mediações, um tráfego de signos ligado às condições de comunicação, indissociáveis das estruturas sociais.

Nesse sentido, as tirinhas, enquanto produto da cultura de massa, se inserem neste estudo sob a perspectiva foucaultiana de cultura, ou seja, enquanto prática de significação que articula jogos de poder que interpelam, silenciam, categorizam, legitimam, produzem verdades e concebem realidades.

“Em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico” (THOMPSON, 1998, p.35). Desde os primórdios da existência humana, a produção e a circulação de informações e de bens simbólicos fazem parte do eixo central da vida social. A partir da invenção da imprensa, por Johann Gutenberg, no século XV, muitas transformações no processo de produção, circulação e armazenamento de informações foram possíveis. O século XX foi marcado por mudanças estruturais

que transformaram as sociedades modernas de maneira vertiginosa. As formas mediadas de comunicação foram se tornando cada vez mais complexas. "A complexificação do sistema comunicativo de uma sociedade é decorrência e ao mesmo tempo pressuposto da complexificação da própria sociedade" (BAITELLO JR, 1999:4).

As histórias em quadrinhos surgem, portanto, como mediadoras de material simbólico, materializado nesse tipo de literatura. Destarte, um amálgama entre texto e imagem dão sentido para a linguagem das histórias em quadrinhos, permitindo que novos fluxos de sentidos sejam construídos a partir de enquadramentos, planos, ritmos narrativos, rebuscamento dos traços, entre outros recursos gráficos, com objetivo de dar voz às intenções do autor.

Os produtos midiáticos, enquanto espaço de práticas discursivas, situam-se em um jogo estratégico que coloca em circulação enunciados (não exclusivamente verbais) que se inserem em um contexto histórico, produzindo significações e efeitos de sentido. O ato de enunciação dá visibilidade à subjetividade do sujeito do dizer, fazendo do discurso o espaço de articulação do saber-poder.

O discurso desses espelhos, que são as mídias, é, na realidade, tanto prescritivo quanto descritivo (...). As mídias produzem significações comuns, e pelos efeitos de intertextualidade, de retomadas e de citações que caracterizam o universo midiático, contribuem para forjar o que se poderia chamar de senso comum midiático (...) (COULOMB-GULLY, 2014, p.149).

Aproveitando a possibilidade de articular diversos sentidos do discurso, inclusive contra-hegemônicos, as tirinhas, um gênero jornalístico, ganharam espaço, especialmente em tempos de ditadura brasileira, como símbolo de resistência política e cultural. O tabloide carioca *O Pasquim* conseguiu driblar a censura utilizando a estratégia do humor em tom de crítica. Assim, as tirinhas sob maior visibilidade, ampliaram os temas de suas narrativas. Além disso, os personagens construídos de forma caricata deram o tom do politicamente incorreto. Tratava-se de construir características bem marcadas pela excentricidade, ora por comportamentos considerados “desviantes”, exagerados ou pervertidos, capazes de provocar os valores sociais da época, e desestabilizar as narrativas dominantes.

## 1.2 As tirinhas e as identidades sexuais

O período da ditadura também trouxe o eterno estado de “vigilância” para os quadrinhos. O polêmico livro *Seduction of the Innocent*<sup>45</sup>, do psiquiatra alemão Fredric Wertham (1954), defendia a tese de que os quadrinhos eram uma “péssima literatura”, que poderia influenciar o comportamento das crianças, incitando-as à delinquência.

[...] o renomado psiquiatra Frederic Wertham publicou *A Sedução dos Inocentes*, que descrevia em detalhes os “efeitos nefastos” dos gibis sobre as crianças. A saber: fomentavam a delinqüência juvenil, a discórdia entre irmãos, o mau hábito da garotada de não comer legumes e verduras e, se isso não bastasse, de estimular o homossexualismo. O livro incentivou o Congresso a vassculhar a indústria das HQs e a colocar Batman e Super-Homem no banco de réus.[...] Com a publicação de *A Sedução dos Inocentes*, revistinhas 2460 foram queimadas em público no estado de Nova York. Um comissário de polícia de Detroit, Harry S. Toy, declarou que os gibis estavam infestados de ensinamentos comunistas. Os distribuidores começaram a devolver os exemplares. O rebu serviu de estopim para que o Congresso instituísse uma subcomissão de investigação dos quadrinhos. As editoras, temendo uma regulamentação do governo, criaram o *Comics Code*, código de autocensura.(OPPERMANN, 2004).

Nos Estados Unidos, após a publicação do livro e a repercussão gerada em torno do tema, editores quadrinistas se uniram para a criação do *Comics Code Authority*<sup>46</sup> (Código dos quadrinhos), com o objetivo regular e observar os conteúdos publicados pela indústria. No Brasil, inúmeras revistas passaram a estampar o selo “aprovado pelo código de ética”.

O ataque aos valores do capitalismo e ao imperialismo americano dominavam as narrativas quadrinísticas até a década de 80, o tema das identidades sexuais ganhou espaço e conferiu visibilidade aos diferentes personagens e suas vivências múltiplas da sexualidade. Por outro lado, a visibilidade das personagens contribuiu para uma visão considerada “promíscua” de suas vivências, por vezes, aumentando o preconceito e a estereotipização.

---

<sup>45</sup> Wertham, Fredric (1954) *Seduction of the Innocent*., pp. 192, 234-235, Reinhart & Company, Inc.

<sup>46</sup> A CMAA - Comics Magazine Association of America foi responsável pela criação do *Comics Code Authority*

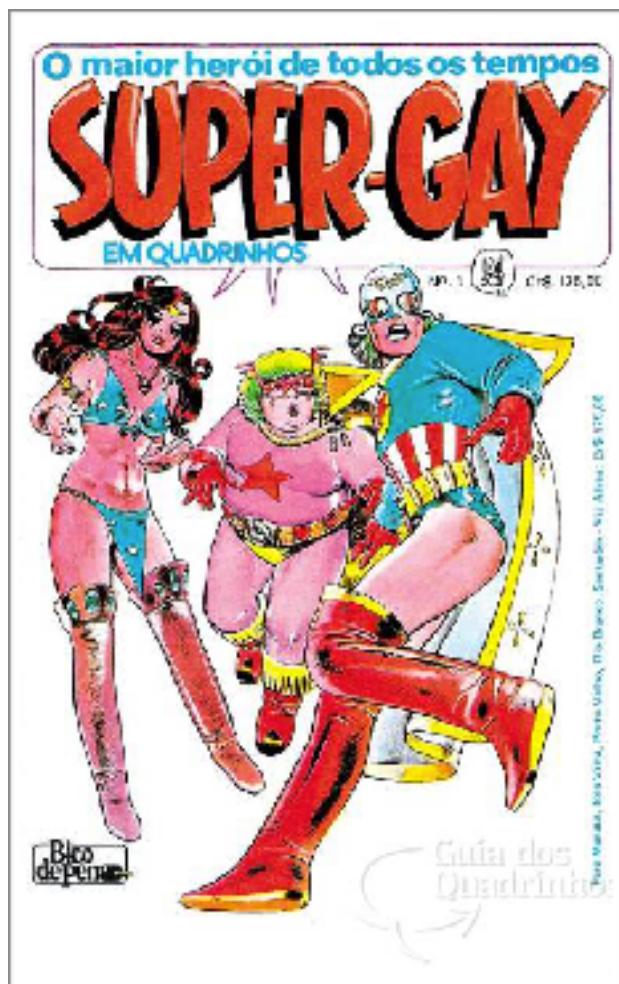
Em 1982, inspirada pela popularidade do personagem de Jô Soares, Capitão Gay, do programa Viva o Gordo, a editora Grafipar<sup>47</sup> lançou a personagem Super Gay (FIGURA 3) do quadrinista Watson Portela (1982). A maior parte das narrativas eram inspiradas nas histórias exibidas no programa de Jô Soares. Outros super-heróis foram surgindo ao longo do tempo, em especial, Capitão Fafá.

O estilo da revista se assemelha em muito ao formato dos quadrinhos estadunidenses, os chamados *graphic novels*, nos quais os super heróis disfarçam suas identidades secretas da sociedade e assumem uma dupla identidade, super herói e pessoa comum (FIGURA 4). Além disso, a preocupação com a qualidade gráfica da revista tornou-se evidente, com a utilização de material impresso nos padrões dos HQ's *mainstream* norte-americanos.

---

<sup>47</sup> Fundada em 1977 na cidade de Curitiba em plena ditadura, a editora especializada em erotismo lançou grandes nomes dos quadrinhos no país.

FIGURA 3

CAPA DA REVISTA SUPER GAY (1982). CARTUNISTA WATSON PORTELA<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Fonte: PORTELA, Watson. **Super-Gay em quadrinhos**. Curitiba: Grafipar/Bico de Pena, 1982. Disponível em <<https://splashpages.wordpress.com/2014/02/13/quadrinhos-glbts-para-todo-o-tipo-de-publico-brasil/>> Acesso em: 31 ago.2016.

FIGURA 4

EPISÓDIO DA REVISTA SUPER GAY (1982). CARTUNISTA WATSON PORTELA<sup>49</sup>

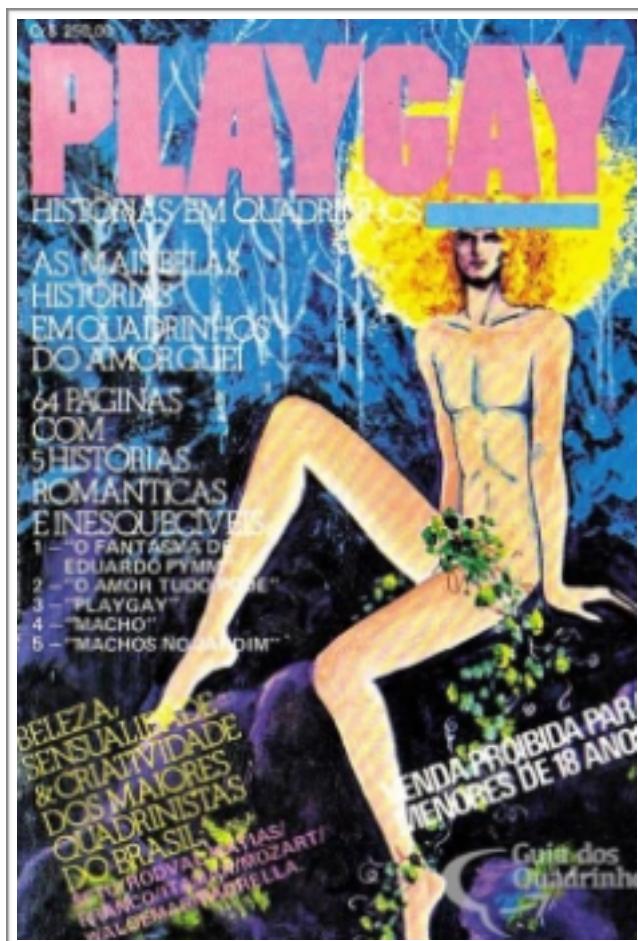
A editora Grafifar fez parte da história dos quadrinhos no Brasil e aos poucos, foi assumindo esta identidade mais polêmica, trazendo o sexo e a nudez em destaque nas suas narrativas. A época coincide com o enfraquecimento da censura no país e o aparecimento das “pornochanchadas” no cinema nacional. Grandes

<sup>49</sup> PORTELA, Watson. **Super-Gay em quadrinhos**. Curitiba: Grafifar/Bico de Pena, 1982. p.14.

quadrinistas como Cláudio Seto, Flávio Colin, Mozart Couto e Watson Portela fizeram parte dessa história.

Na mesma época, a editora lança a Playgay (FIGURA 5), revista de contos eróticos no formato de quadrinhos, voltada ao público homossexual. Infelizmente, apesar da rica produção, a editora não conseguiu prosperar suas vendas e passou por uma forte crise.

## FIGURA 5



CAPA DA REVISTA PLAYGAY (1982). CARTUNISTA WATSON PORTELA<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Fonte: MIORANDO, G. Splash Pages. **Quadrinhos LGBT para todo tipo de público** (Brasil). 2014. Disponível em <<https://splashpages.wordpress.com/2014/02/13/quadrinhos-glbt-para-todo-o-tipo-de-publico-brasil/>> Acesso em: 31 ago.2016.

Em 1987, o cartunista Adão Iturrusgaray criou os personagens Rocky e Hudson (FIGURA 6). Iturrusgaray vivia no Rio Grande do Sul na década de 80, o que o inspirou a criar uma sátira aos típicos "gaúchos machões". Porém, o autor mudou-se do estado e optou por criar dois personagens de caubóis gays, Rocky e Hudson. Segundo ele, a temática caubói é universal (ITURRUSGARAI, 2008) e portanto mais assimilável aos leitores.

As tirinhas passaram a ser publicadas na *Folha de São Paulo* (1996) unindo o cartunista a já consagrada equipe de quadrinistas do jornal. Em entrevista ao site A Capa (2008), Iturrusgarai comenta a questão da censura de suas tirinhas na mídia impressa: "Já tive tiras vetadas pela Folha. Mas no geral, a Folha banca as ousadias de seus cartunistas. Quando a piada é muito ousada tem mais chances de passar se for muito boa".

**FIGURA 6**



TIRINHA DE ROCKY & HUDSON (1987). CARTUNISTA ADÃO ITURRUSGARAY<sup>51</sup>

Nos anos 2000, inúmeras produções quadrinísticas despontaram no Brasil e no mundo. A popularização da internet ampliou o alcance das produções de temática LGBT.

No Brasil surge a HQ Katita - Tiras sem Preconceito (FIGURA 7), editado pela Marca de Fantasia, dos autores Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes. O universo de mulheres lésbicas era retratado na perspectiva das relações amorosas. A mesma editora publicou o quadrinista Rafael Lopes, autor da HQ *Ber, The Bear*, que trazia

<sup>51</sup> Fonte: MIORANDO, G. Splash Pages. **Quadrinhos LGBT para todo tipo de público** (Brasil). 2014. Disponível em <<https://splashpages.wordpress.com/2014/02/13/quadrinhos-glbt-para-todo-o-tipo-de-publico-brasil/>> Acesso em: 31 ago.2016.

em suas narrativas o universo do segmento “urso” de homens homossexuais (FIGURA 8).

**FIGURA 7**



TIRINHA DE KATITA<sup>52</sup> (2006). CARTUNISTAS ANITA COSTA PRADO E RONALDO MENDES

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://marcadelfantasia.com/albums/tiras/katita/katita-ebook.pdf>>. Acesso em nov.2016

FIGURA 8



TIRINHA DE BER THE BEAR<sup>53</sup> (2006). CARTUNISTA RAFAEL LOPES

O cartunista Fernando Duarte é autor das tirinhas Mariana & Claudinha (FIGURA 9), publicadas no *Jornal Correio de Uberlândia* e posteriormente no *Blog da Mariana*. Mariana é uma personagem adolescente, vive muitas aventuras em sua busca por diversão. Ao conhecer a personagem Claudinha, Mariana inicia um relacionamento amoroso e as histórias passam a se ambientar no dia a dia dessa relação. Em entrevista, Duarte esclarece:

Ela surgiu como uma adolescente meio maluquete, hetro, que só queria

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://berthebear.blogspot.com.br/>>. Acesso em: nov.2016.

saber de curtição e baladas... Um dia, ela conheceu a Claudinha e “ficou” com ela, sem maiores pretensões... Mas aconteceu que as tiras com as duas foram ficando legais, o assunto foi rendendo e logo a Claudinha virou oficial, e a tira da Mariana virou a tira da Mariana & Claudinha (2010, s/p).

**FIGURA 9**

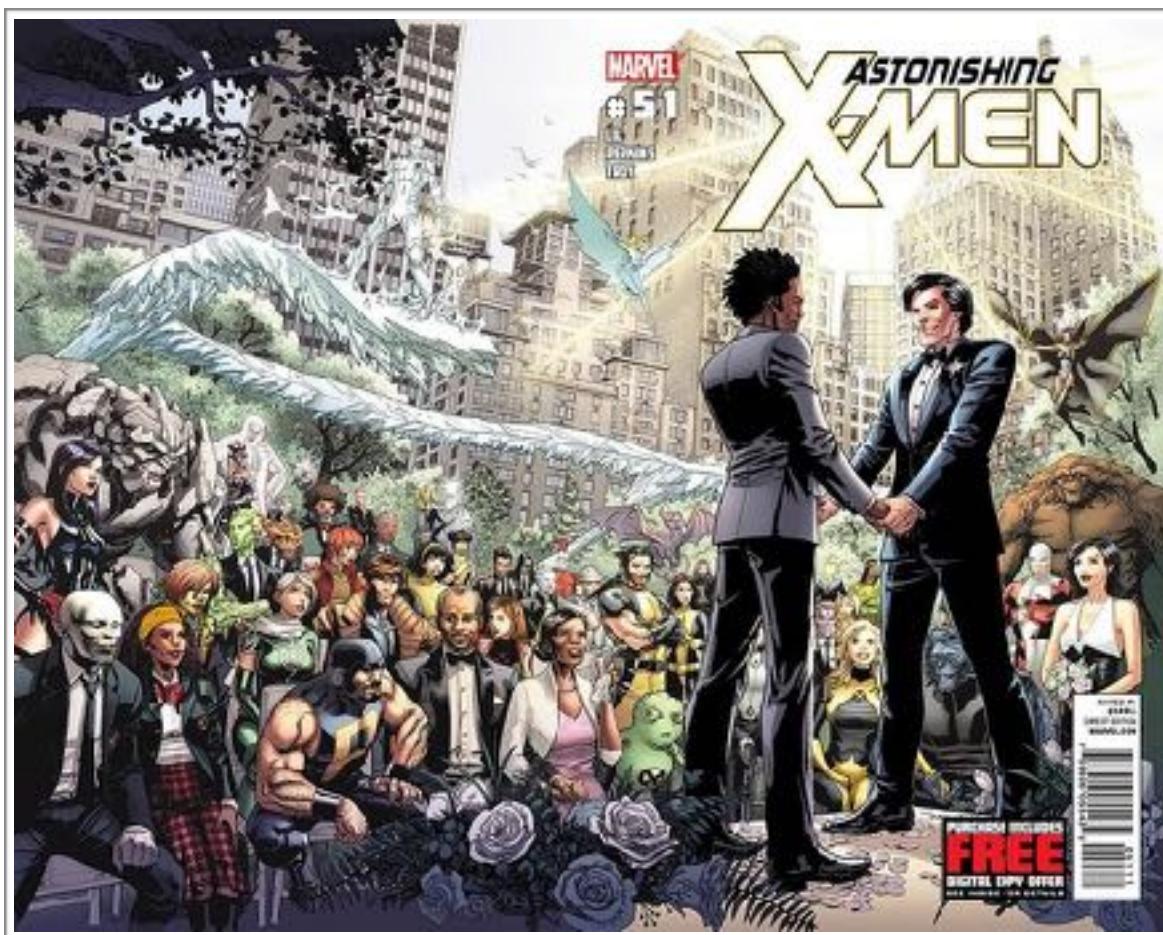


TIRINHA MARIANA&CLAUDINHA (2016)54. CARTUNISTA FERNANDO DUARTE

Em 2012, houve o primeiro casamento gay em X-Men, produzido pela Marvel e DC Comics (FIGURA 10). Uma ação pública contra a publicação foi movida à época por grupos conservadores nos Estados Unidos.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://juventudeperigosa.com/tagged/marianaeclaudinha/page/2>>. Acesso em nov.2016

FIGURA 10

ASTONISHING X-MEN. (2012). MARVEL COMICS<sup>55</sup>

Quando percebemos quanto as narrativas quadrinísticas acompanham os processos sócio-políticos da história, podemos compreender porque cada vez o gênero tem sido estudado sob a perspectiva da análise discursiva.

<sup>55</sup> Queer as Mana. QHs LGBT. Disponível em: <<https://queerasmana.wordpress.com/hqs-lgbt/>> Acesso em: 31 ago.2016.

### 1.3 O movimento LGBT no Brasil

A despeito da produção incipiente de quadrinhos com temática LGBT, é preciso recorrer à historicidade da década de 1980 no Brasil. Vivíamos a recente democratização no país e o período de transição representou, entre outras coisas, a possibilidade de maior liberdade nas produções midiáticas. Nessa mesma época, em 1985, o registro do diagnóstico de “homossexualismo” como patologia foi retirado do rol de doenças pelo Conselho Federal de Medicina e da Classificação Internacional das Doenças (CID10) em 1992.

De acordo com Regina Facchini (2005), a luta do movimento LGBT no Brasil tem início na década de 1970 com atuação predominante de homens homossexuais. As lésbicas assumiram o papel de sujeito político em seguida; somente nos anos 1990, surgem grupos mais organizados de travestis e transexuais. A população bissexual se torna mais visível a partir dos anos 2000.

A autora divide a história do movimento LGBT em três ondas. A primeira corresponderia à aliança dos homossexuais com os movimentos feministas e movimento negro. O período se destaca pela atuação do jornal *Lampião da Esquina*, no Rio de Janeiro, e a atuação do grupo *Somos de Afirmação Homossexual*, em São Paulo. Com o início das atividades do Grupo Gay da Bahia em 1985, a proposta de despatologização da homossexualidade ganha força.

A segunda onda surge no momento de eclosão da epidemia do HIV/Aids, de forma que os movimentos de liberação sexual passam a ser desmobilizados em suas propostas. Nesse momento, os grupos passam a se articular em torno da demanda por direitos civis, ações contra a discriminação e violência. É preciso salientar que no âmbito internacional, os movimentos LGBTs estavam se fortalecendo e influenciando os grupos brasileiros.

A terceira onda, início dos anos 1990, surge com a herança das conquistas na área da saúde pública, especialmente em relação às políticas de combate às DSTs e HIV/Aids. Diferentemente do movimento internacional e seu pleito por cidadania e direitos civis, o avanço brasileiro se deu quase exclusivamente na área da saúde. De todo modo, esse avanço trouxe a estrutura que viabilizou a formação de diversas organizações, quer sejam organizações-não-governamentais, a expansão da

pesquisa na área acadêmica, grupos religiosos, setores de partidos políticos, entre outros. Os sujeitos políticos do movimento LGBT passaram a articular suas demandas dentro de segmentos específicos. Nessa mesma época, as organizações de travestis e transexuais integraram-se ao movimento LGBT, e a sigla “T” é acrescida em 1995, dois anos depois da entrada do grupo de lésbicas. A demanda pelo acesso às cirurgias de transgenitalização e outras intervenções corporais fortalece a atuação do movimento de travestis e transexuais. Em 1997, o Conselho Federal de Medicina aprova tais demandas.

A institucionalização do movimento LGBT se consolida com a fundação da maior rede de organizações LGBT do país, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis). A partir daí, inúmeras ações no âmbito legislativo e judicial passam a ser patrocinadas pela associação com sucesso. De acordo com Facchini (2005), as redes se multiplicaram a partir de 2007 em âmbito nacional, e o resultado foi o nascimento da Associação Brasileira de Lésbicas (ABL), a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), a Associação Nacional de Travestis (Antra), o Coletivo Nacional de Transexuais (CNT), o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB) e a Rede Afro LGBT. Nesse momento a questão passa a ter visibilidade na mídia e em outros espaços para além da militância. No espaço da produção de conhecimento acadêmico, há maior interesse por pesquisas na área de gênero e sexualidade, concomitantemente ao interesse do mercado por esse segmento e seu potencial de consumo.

#### **1.4 Laerte e o Blog da Muriel - A vida imita a arte, a arte imita a vida.**

Laerte Coutinho é uma das maiores quadrinistas do Brasil iniciou sua trajetória na década de 1970, na revista Sibila, com o personagem Leão. Fundou a revista Balão (FIGURA 11) com seu amigo Luiz Gê, quando eram estudantes da Universidade de São Paulo em 1972. Em contraposição às grandes revistas em quadrinhos da época, a Balão tratava de assuntos tipicamente brasileiros e era vendida pelos próprios autores e em pequenas livrarias.

FIGURA 11

REVISTA BALÃO (1972). LAERTE COUTINHO E LUIZ GÊ<sup>56</sup>

O movimento de contracultura e o surgimento de inúmeras revistas em quadrinhos, com foco no público adulto, foi modificando o cenário das produções quadrinísticas, assim como ampliando o engajamento político dessas narrativas. Em meados de 1974, Laerte envolveu-se nas campanhas do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), se inseriu na luta em defesa aos presos políticos da ditadura e foi convidada para trabalhar no jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo (no estado de São Paulo). Um de seus personagens no jornal, o João Ferrador, tornou-se símbolo da luta operária.

Na década de 1980, Laerte já era um nome conhecido no cenário dos quadrinhos nacional e decide fundar com o amigo Luiz Gê a Circo Editorial,

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://jornalivros.com.br/2009/05/revista-balao-vanguarda-e-pioneerismo-no-hq-nacional/>> Acesso em: 31 ago.2016.

responsável por diversas publicações de menor escala e com a característica de ser mais alternativa. Nesse mesmo período, juntou-se aos cartunistas Glauco e Angeli para criar as histórias de *Los Três Amigos*.

Devido ao sucesso da revista *Piratas do Tietê* (FIGURA 12), em 1990, Laerte recebeu um convite para publicar suas tirinhas na *Folha de São Paulo*.

FIGURA 12



PIRATAS DO TIETÊ (2012). LAERTE COUTINHO

Laerte consagrou-se na *Folha de São Paulo*, destacando-se como autora de quadrinhos voltado ao público adulto. Inúmeros personagens fizeram parte dessa história: Overman, um super-herói que não tem outra identidade; Fagundes, um grande puxa-saco; Gato e Gata, um casal caótico de namorados; Piratas do Tietê, piratas que navegam pelo rio Tietê e suas aventuras por São Paulo; Los Três Amigos, uma espécie de caricatura dos próprios autores em meio a um cenário *underground*; Hugo Baracchini, entre outros. Suas tirinhas são marcadas pela controvérsia, pelo tom surreal e absurdo, pelo humor e pela sátira.

Em entrevista a revista *Bravo!*, Laerte revela:

As primeiras insatisfações surgiram em 2001 ou 2002, no vácuo de uma tempestade maior que causara o fim do meu terceiro e último casamento. Pouco depois, em 2004, o incômodo cresceu e resolvi abdicar de vários elementos que marcavam minha trajetória. Abandonei personagens famosos, como o Overman, os Gatos e os Piratas do Tietê, certo tipo de humor, menos sutil, e a preocupação com a linearidade das histórias. Iniciei, ali, uma fase mais “filosófica”, que muitos intitulam de nonsense e que ainda me caracteriza. Uma parcela dos jornais que divulgavam os meus quadrinhos estranhava a reviravolta e acabou me dispensando — caso do gaúcho *Zero Hora* e do capixaba *A Tribuna*. Reclamavam de um hermetismo excessivo, de uma obscuridade que atrapalharia a fruição do público.

Evidente que não concordo. Rejeito, inclusive, o adjetivo *nonsense* para definir o meu trabalho. (COUTINHO, 2010a<sup>57</sup>)

A reação dos leitores expressou-se por meio das inúmeras cartas enviadas aos jornais de publicação frequente da cartunista. Por outro lado, Laerte expressava sua preocupação em tentar fugir do formato humorístico típico das tirinhas e encontrar uma fórmula mais autoral.

Em 1995, criou para o caderno *Informática* da *Folha de São Paulo*, o personagem Hugo Baracchini. A narrativa gira em torno do cotidiano de Hugo, suas dificuldades financeiras, seu gosto pelo universo da tecnologia, seu interesse por sites de pornografia na internet, ou ainda, a relação com sua namorada Beth. A comicidade das tirinhas se dá pela identificação do público com as intempéries do dia a dia da personagem, e as saídas exageradas de Hugo para a resolução de seus problemas. Os exageros e os desastres na vida da personagem trazem um efeito de comicidade característico da narrativa.

A tirinha que apresenta Hugo fugindo da máfia, disfarçado de mulher, é emblemática. O personagem se envolve nessa aventura, ao sacar quarenta centavos de sua conta bancária que teriam sido depositados por engano. Por não ter percebido o ocorrido, sua dívida multiplicou-se para sete milhões. Diante disso, Hugo se disfarça de Gilda e ao se deparar com o mafioso que lhe cobrava a dívida, dá-lhe um beijo na boca. Podemos destacar na sequência das seis tirinhas, o prazer de Hugo em se vestir de mulher e sua repentina atração pelo mafioso que o perseguia. Sua fala irônica e seu jeito debochado dão o tom da narrativa nos diálogos com a namorada Beth.

Na primeira sequência (FIGURA 13) Hugo aparece vestido de gala, usando luvas e salto alto. Na cena, Beth não parece espantada com o fato e segue a conversa normalmente. Na segunda tirinha, Hugo se apresenta com gestos efeminados e bastante afetação, ao pedir a opinião da namorada sobre um assunto da revista que está em suas mãos. Na terceira tirinha, o foco é a postura de Hugo, sua forma exageradamente efeminada de andar e mexer os quadris, como em um desfile. Beth, a namorada de Hugo, parece não aprovar o exagero na encenação e diz: “*nunca existiu mulher assim*”, referindo-se a personagem Gilda, papel de Rita

---

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/oblogdasperguntas/2010/09/01/laerte-tenho-vergonha-de-quase-tudo-que-desenhei/>> Acesso em: 05 dez.2016

Hayworth (em filme homônimo de 1946). A ironia surge na postura de Hugo, que recebe os dizeres de Beth como um elogio, como se agora ele fosse uma mulher única, inigualável. A partir da quarta tirinha (FIGURA 14) Beth começa a demonstrar seu descontentamento com a situação, mas Hugo continua se maquiando com tranquilidade. Na quinta tirinha, Hugo esbraveja “você acha que eu **gosto** de ter que me vestir de mulher, Beth?” (p.42, grifo no original) e alega que estava disfarçado devido à perseguição; porém, quando o mafioso entra em cena, é recebido com um beijo na boca. Na sexta tirinha, o mafioso diz que é “golpe baixo” recebê-lo com um beijo na boca, e Hugo parece estar surpreso com sua reação inesperada. O efeito de comicidade ao final da tirinha ocorre pela fala inesperada de Hugo ao seu algoz: “Escreva” (p.41-42).

FIGURA 13



PARA FUGIR DA MÁFIA, HUGO DECIDE SE VESTIR COMO MULHER. FONTE: COUTINHO, LAERTE. HUGO PARA PRINCIPIANTES. SÃO PAULO: DEVIR, 2005, P. 41-42.

FIGURA 14



PARA FUGIR DA MÁFIA, HUGO DECIDE-SE VESTIR COMO MULHER. FONTE: COUTINHO, LAERTE. HUGO PARA PRINCIPIANTES. SÃO PAULO: DEVIR, 2005, P. 41-42.

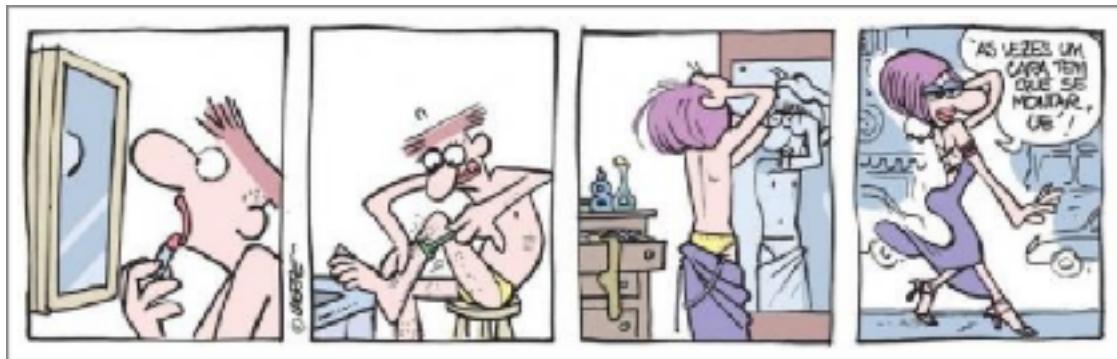
A temática do travestismo nunca havia aparecido nas tirinhas de Hugo até o momento desta publicação, porém abriu caminhos para que em 2004, uma outra tirinha retomasse a questão. Na história de 2004, Hugo aparece se maquiando, depilando as pernas, colocando uma peruca, um vestido e alguns adereços femininos, para que no último quadro diga: “Às vezes um cara tem que se montar, ué!” (FIGURA 15).

Em uma entrevista concedida à revista *Trip* (2010b), Laerte comenta o momento em que percebeu que flirtava com o travestismo:

Foi em 2004. Joguei a tira do Hugo na qual ele se vestia de mulher gratuitamente, não estava fugindo da máfia nem nada. Ele simplesmente se veste de mulher e sai à rua. Isso chamou a atenção de uma crossdresser, de uma travesti, que me contactou por e-mail e disse "será que você não

tem isso também?". Funcionou como uma porta aberta. Antes disso, são coisas difusas, obscuras. Foi em 2004 que eu percebi que essa ideia estava desvinculada de qualquer fantasia, era uma vontade mesmo. Vontade de frequentar a área cultural do outro gênero, o reservado das mulheres (COUTINHO, 2010b).

FIGURA 15



OVERTURE. LAERTE COUTINHO (2004).

Esse momento foi marcante para a autora, que passou a questionar sua identidade e seus desejos relacionados ao universo “feminino”. Na mesma época, Laerte perde um de seus filhos e se divorcia, fato que dá início a um período mais auto-centrado que se reflete na sua produção artística. Alguns personagens são descontinuados e outros surgem revelando uma estética mais filosófica, um certo engajamento político e social, mergulhos mais subjetivos em suas criações (FIGURA 16).

Laerte enfrentou inúmeras críticas de seus leitores; a seção *Painel do Leitor* da *Folha de São Paulo* recebeu algumas reclamações sobre a mudança radical de estilo nos quadrinhos da cartunista. O abandono da comicidade tradicional de suas tirinhas, durante seu período de crise, foi uma das críticas frequentes dos leitores.

Pensando em um espaço para expor seus quadrinhos de forma mais livre e sem compromisso com a periodicidade, Laerte decide publicá-las em um *blog* ao final de 2008. A autora buscava com isso, aproximar-se dos leitores, apresentar seus personagens e responder diretamente aos comentários deixados na página.

FIGURA 16



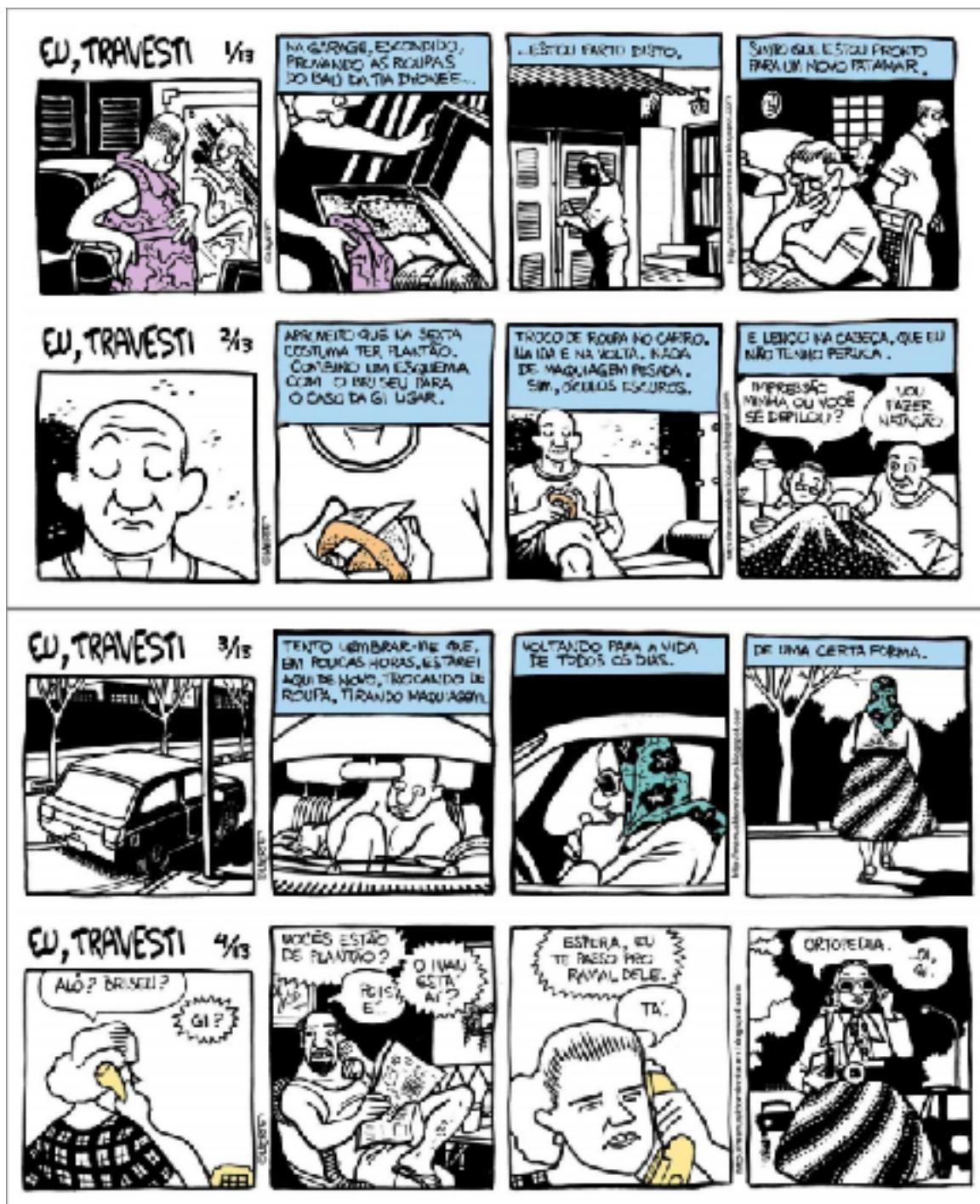
PIRATAS DO TIETÊ (2013). LAERTE COUTINHO

Em 2008, Laerte publica no site *Manual do Minotauro* uma série intitulada *Eu, travesti* (FIGURA 17 a 20). A narrativa é dividida em treze partes e apresenta um homem de meia idade chamado Ivan, que decide se vestir com as roupas de sua tia Dyonée e aparecer em público pela cidade.

A história começa numa sexta-feira à noite, na qual Ivan pega as roupas de sua tia na garagem, troca-se no carro e sai andando pelas ruas. Ao caminhar solitário pelas ruas, Ivan vestido com roupa feminina, é abordado por um homem que pergunta “quer posar pra mim?”. Na tirinha, Laerte usa o termo “cliente”, o que nos sugere que o personagem estava à procura de outros homens para se prostituir. Contudo, o “cliente” quer apenas que Ivan pouse para que ele possa realizar suas esculturas. No segundo encontro, o escultor faz um convite para que Ivan passe a morar em sua casa. O convite é prontamente recusado, e Ivan recebe um “troféu” como lembrança da relação. Ao deixar a escultura na prateleira de sua casa, a esposa do personagem comenta: “É curioso: de um certo modo, parece você”. Apesar do fim do relacionamento de Ivan com o escultor, ele segue se travestindo.

É interessante notar que a tirinha faz uma analogia entre “esculpir” uma obra e a “montagem” que o personagem começa a fazer de si enquanto mulher. Ao mesmo tempo, Ivan vive uma vida dupla, pois recusa o convite de morar com o escultor. Essa situação em muito se assemelha à prática do *crossdressing*, que Laerte passou a realizar a partir de 2010.

## FIGURA 17



EU, TRAVESTI (2008). MANUAL DO MINOTAURO<sup>58</sup>. LAERTE COUTINHO

<sup>58</sup> Disponível em: <<http://manualdominotauro.blogspot.com.br>> Acesso em: nov.2016

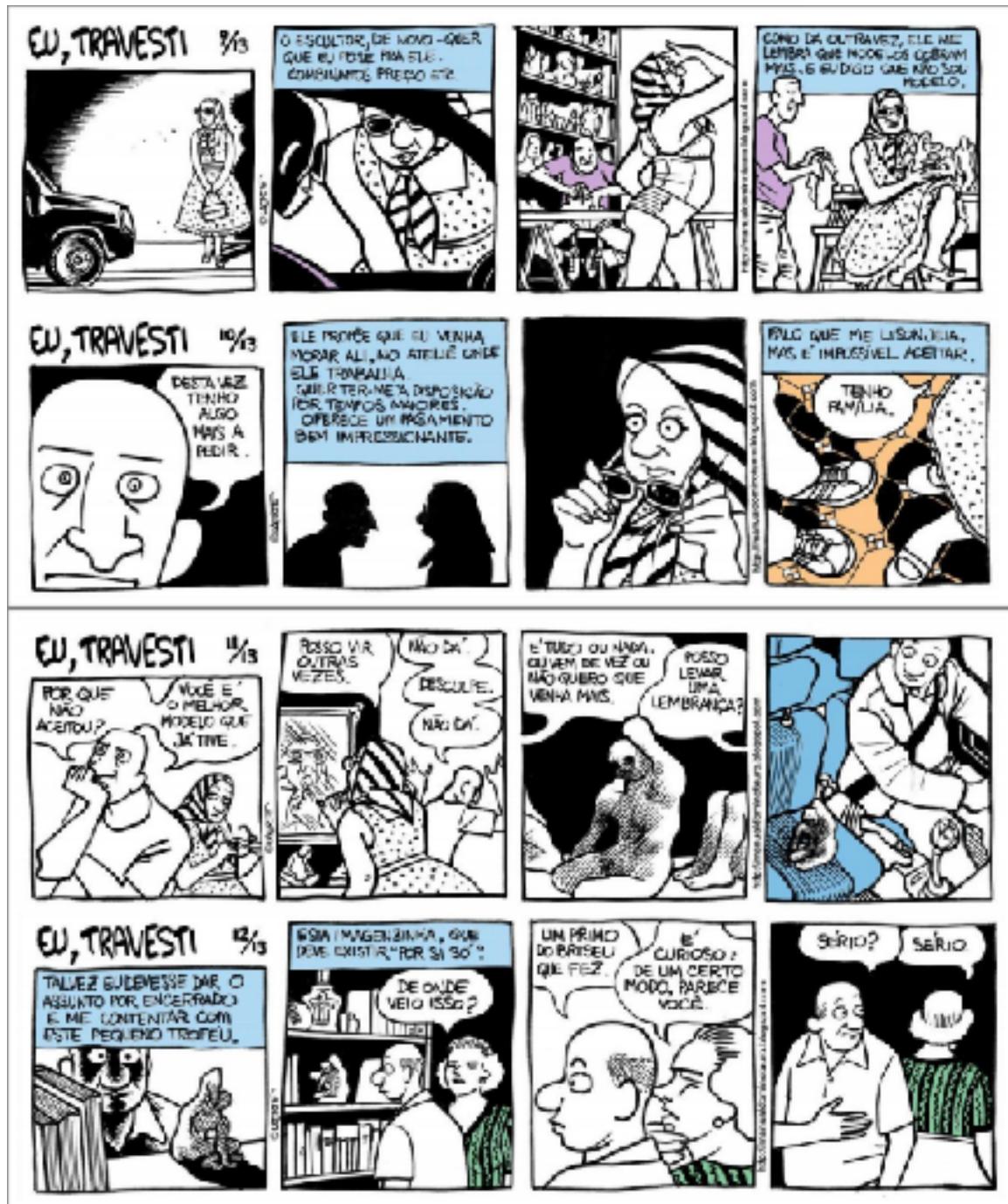
FIGURA 18



EU, TRAVESTI (2008). MANUAL DO MINOTAURO<sup>59</sup>. LAERTE COUTINHO

<sup>59</sup> Disponível em: <<http://manualdominotauro.blogspot.com.br>> Acesso em: nov.2016

## FIGURA 19



EU, TRAVESTI (2008). MANUAL DO MINOTAURO<sup>60</sup>. LAERTE COUTINHO

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://manualdominotauro.blogspot.com.br>> Acesso em: nov.2016

FIGURA 20

EU, TRAVESTI (2008). MANUAL DO MINOTAURO<sup>61</sup>. LAERTE COUTINHO

A prática do *crossdressing* é definida como o ato de “vestir-se” com roupas que são significadas como do “outro sexo”. Trata-se de uma “experiência singular e importante para suas auto-estimas, suas auto-imagens e para sua percepção enquanto uma “pessoa completa” (VENCATO, 2008).

A história do *Eu, travesti* nos revela a complexidade desta prática, como se realiza a negociação entre a vida social do sujeito e sua “outra identidade”. Majoritariamente, a prática do *crossdressing* tem bastante impacto na vida afetiva dos praticantes, uma vez que se estabelece um “segredo”, uma espécie de um “pacto de silêncio” entre os familiares e amigos. Por esse motivo, há no Brasil alguns lugares de encontro para praticantes do *crossdressing*, como o *Brazilian Crossdresser Club* (BCC). Laerte conta em entrevista a revista *Bravo!* (2010b) que conheceu o BCC por meio de uma fã do personagem Hugo:

Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina. O sujeito me perguntava se ouvira falar dos *crossdressers*, pessoas que gostam de botar roupas ou adereços do sexo oposto. Na época, não dei muita bola. Mas em 2009, por causa do aguçamento de minhas neurais existenciais, procurei um clube de *crossdressers*, frequentei reuniões organizadas pelo grupo e li a respeito do assunto. Depois, lentamente, agreguei enfeites femininos à indumentária masculina — brincos, colares, unhas pintadas (COUTINHO, 2010a).

A prática do *crossdresser* significou para Laerte o início de suas experimentações no gênero feminino, e a decisão de percorrer um longo caminho para se afirmar travesti. O fato refletiu em sua produção quadrinística. A exemplo

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://manualdominotauro.blogspot.com.br>> Acesso em: nov.2016

disso, temos o personagem Hugo, conhecido como o alterego de Laerte, que em 2009 inicia uma série de experimentações do universo “feminino”.

Em entrevista ao Portal IG, Laerte comenta o motivo de Hugo ser seu único personagem ativo no momento:

Tem a ver com a “travestividate”, uma coisa que estou vivenciando, e eu mantive meio na marra, eu forcei essa existência - de forma natural eu não faria isso. Forcei por ser uma forma de refletir, como para mim a atividade de me travestir é uma coisa nova e misteriosa, e também cheia de informação que não tenho (risos); eu uso o Hugo para fazer essa prospecção (COUTINHO, 2010c).

Em 2009, Laerte criou um *blog* intitulado *Muriel Total* - local onde seriam publicadas as tirinhas de Hugo em sua nova identidade feminina, Muriel. As tiras também eram publicadas semanalmente na *Folha de São Paulo*, no caderno *Informática* (2009-2012). A publicação permaneceu de forma irregular até 2013, ocupando também os cadernos *Tecnologia* (2012) e *Equilíbrio* (2013). As tirinhas foram encerradas pela *Folha de São Paulo*, e a autora não comentou a decisão. Todas as tirinhas produzidas por Laerte podem ser encontradas no blog *Muriel Total*<sup>62</sup> e no site da Associação Brasileira de Transgêneros - ABRAT.

A narrativa bem humorada de Muriel significou o retorno de Laerte à sua estilística tradicional nos quadrinhos. Traços caricatos, comicidade pelo exagero e uma personagem que se assemelha em muito à figura da autora. Ao longo das 181 tirinhas, Muriel nos abre seu cotidiano, suas aventuras de experimentação da travestilidade e a descoberta do universo feminino, completamente novo para o até então personagem Hugo. A problematização das categorias “homem” e “mulher” é o tema central da narrativa. Os temas subjacentes partem dos enfrentamentos de Muriel em seu cotidiano e na sua incapacidade de se encaixar nos papéis normativos da sociedade contemporânea, buscando questionar as redes de poder que os produzem e os sustentam.

Para além dos quadrinhos, Muriel se tornou símbolo da ABRAT, Associação Brasileira de Transgêneros, ONG fundada por Laerte em 2012. A intensificação de suas experiências de performatividade de gênero e a visibilidade cada vez maior de

---

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://murieltotal.zip.net/>>. No site há a seguinte nota: “As tiras da Muriel não sairão mais no caderno Equilíbrio, da Folha - ou em qualquer outro caderno. Daqui em diante, só aqui ou no site da Associação Brasileira de Transgêneros - ABRAT - [www.abrat.org](http://www.abrat.org)”. Data: 07/06/2013. Acesso em: 02 fev. 2016.

Laerte na mídia inspiraram a autora a se tornar uma militante do tema. Em entrevista (2013), Laerte explica o objetivo da ABRAT:

A Abrat foi criada para que as experiências e batalhas pessoais de um grupo de amigas, quase todas dentro da transgeneridade, pudesse se enriquecer e se multiplicar pela articulação. Nossa objetivo é estimular debate, ajudar com informações onde for possível, pensar em ações que ajudem nos problemas específicos da população trans – enfim, agir em sintonia com tantas outras entidades que já existem e atuam (COUTINHO, 2013).

Ao se inserir no contexto das lutas do movimento LGBT, Laerte fez com que suas obras dialogassem cada mais com sua própria vivência na nova identidade “feminina”. Além disso, suas aparições públicas lhe trouxeram um certo *status* de porta-voz das questões ligadas às identidades de gênero e sexualidade. A proximidade com a militância incentivou Laerte na decisão de se identificar enquanto “travesti”. Em entrevista ao *Blog da Fausta*, a autora comenta:

“Crossdresser” é um termo americano criado para distinguir coletivos masculinos declaradamente heterossexuais, em relação à experiência travesti mais geral, que muitas vezes compreende o exercício da prostituição e que sempre foi vista (erradamente) como uma variante “radical” da homossexualidade. No Brasil, o termo cedeu significado à questão social – para diferenciar uma comunidade de classe média dos estratos mais pobres da população transgênero – aqui também trabalhando frequentemente na prostituição. Por isso, resolvi renegar a palavra “crossdresser” – pelo conteúdo classista e preconceituoso que implica (COUTINHO, 2013).

A implicação de se identificar como travesti ganhou contornos na militância de Laerte, incluindo alguns episódios de transfobia sofrido pela cartunista. “Ser *trans* é essencialmente um ato político” (RODOVALHO, 2016), pois ultrapassa a sua auto identificação, “homem” ou “mulher”, implica em um papel social dentro de uma realidade posta. De acordo com Amara Rodovalho, escritora e travesti:

Daí também não importar coisa alguma a travesti se autodeclarar homem ou mulher ou nenhum dos dois, pois ela estará sujeita às mesmíssimas exclusões sociais em qualquer dos casos (o corpo, nosso corpo, diz por nós tudo o que a sociedade julga necessário saber sobre nós antes mesmo que possamos abrir a boca; à travesti, aliás, nunca será permitido outra coisa senão ser esse corpo, por mais capacitada e inteligente que seja) (Ibid, p. 25).

O corpo que extrapola essa linha imaginária de gênero, o corpo trans em contraposição ao corpo cis. É interessante pensarmos em cisgeneridade<sup>63</sup> e transgeneridade,

Cis e trans, palavras que se opõem, metáforas: de um lado, o que cruza, atravessa uma determinada linha imaginária que separaria o homem da mulher (e, se há cruzamento, é porque houve todo um esforço para que fôssemos pessoas contidas dentro de um algo muito bem delimitado e, em determinado momento, frustramos esse caminho para o qual nos predestinou a leitura que fizeram do nosso sexo, do nosso genital) e, de outro, o que permanece perpetuamente a um só lado da linha, margeando essa linha, que se recusa terminantemente a cruzá-la (ibidem, p.24).

Duas palavras que funcionam em oposição, o ser e o não-ser. O investimento discursivo no corpo abre brechas para a reinvenção. Em 2013, quando a militante travesti Indianara Siqueira foi levada à justiça<sup>64</sup> por Ultraje Públco ao Pudor, ou seja, por mostrar seus seios durante a Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, um grande imbróglio se deu no judiciário: sua condenação admitiria que se tratava de uma mulher, ainda que seu documento estivesse com a identidade masculina. Por outro lado, a absolvição abriria precedentes para que qualquer mulher *trans* pudesse andar com os seios à mostra em público. O caso foi arquivado, mas evidencia que as questões de gênero precisam ser amplamente debatidas.

Laerte vai nos abrindo esse cenário através das experimentações da personagem Muriel, levando-nos a questionar os sentidos atrelados à palavra “homem” e “mulher”, guiando-nos por meio de uma narrativa que desestabiliza a fixidez dessas categorias, fazendo repensar existências possíveis, existências que cruzamos nas ruas e que existem.

---

<sup>63</sup> indivíduos que se identificam com o “sexo” designado ao nascer.

<sup>64</sup> <http://iconoclastia.org/2013/06/10/indianara-siqueira-a-trans-que-pode-mudar-a-lei-brasileira/>

## 1.5 Regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade

No campo comunicacional podemos pensar a mídia impressa como uma rede de circulação e distribuição de conteúdo simbólico, informação e de tensão entre discursos que atuam no espaço da vida social, enquadrando e emoldurando regimes de enunciabilidade e curvas de visibilidade. A construção dessas narrativas funcionam como dispositivos de visibilidade e enunciação, construídos a partir da dinâmica dos processos de produção e dos meios técnicos que são “substrato material das formas simbólicas” (THOMPSON, 2014, p.44). Este emerge da vida em sociedade, de seu cotidiano, da significação do real. Ao ser fixado e transmitido pelos meios técnicos, o conteúdo simbólico circula em uma lógica tecida por sistemas de poder que regulam sua prática.

De acordo com Foucault (1995), o enunciado deve ser avaliado em sua exterioridade, como um emaranhado de ditos que não vem à tona porque existe um sujeito transcendental ou a uma interioridade, mas como efeito de um campo enunciativo que se relaciona com a subjetividade de quem fala. Portanto, na formação dos saberes as **linhas de visibilidade e enunciabilidade** se interpenetram, pois, “o saber é um agenciamento prático, um 'dispositivo' de enunciados e de visibilidades” (DELEUZE, 2013, p.60).

Nesse sentido, a comunicação ocupa um papel central na contemporaneidade, uma vez que as mediações de material simbólico estão carregadas de discursividades. A respeito deste processo, Braga comenta:

No estágio atual da mediatização, algumas características podem então ser percebidas como derivações de lógicas anteriores de interação, outras, como desenvolvimento de lógicas próprias. Não se demarcam apenas como modos de organizar e transmitir mensagens e de produzir/ transportar significados; mas também e sobretudo como modos segundo os quais a sociedade se constrói. São padrões para “ver as coisas”, para “articular pessoas” e mais ainda, relacionar sub-universos na sociedade e - por isso mesmo - modos de *fazer as coisas* através das interações que propiciam (BRAGA, 2007).

A mídia impressa é este espaço que comporta diversos dispositivos de enunciação, além de estabelecer um regime de visibilidade próprio, ou seja, funciona como uma linha de força e de luz que produz curvas de visibilidade e de

enunciação<sup>65</sup>, impactando outros dispositivos sociais. Os regimes de visibilidades compreendem as formas de organizar e construir os sentidos, “criando figuras e temas a partir de lógicas produtivas previamente concebidas” (CAZELOTO, 2010, p. 176), assim, a construção do sentido se dá no ato comunicacional.

A presença das tirinhas em jornais diários, dividindo espaço com outros gêneros jornalísticos (charge, crônica, editorial, artigos, entre outros) cria um tensionamento entre os discursos, capaz de abrir espaço para **linhas de resistência**. A própria estrutura narrativa das tirinhas e seu caráter fragmentado, repleto de lacunas de sentido, descontinuidades, oferece ao leitor a possibilidade de preencher as reticências do texto com seu imaginário. A presença das tirinhas *Blog da Muriel* na *Folha de São Paulo* exemplifica o tensionamento que estes discursos convocam.

O modelo jornalístico brasileiro, assim como em diversos países no mundo, busca uma identidade narrativa carregada de uma pretensa objetividade, imparcialidade, de forma a sugerir que o fato é representado em sua “realidade”. No entanto, a suposta “objetividade” do jornal pode ser questionada, quando analisamos a mediação jornalística em sua complexidade.

Ao longo de uma história de 90 anos, a *Folha de São Paulo* passou pelas mais variadas mudanças, tornando-se um grande veículo de informação e de circulação nacional. Desenvolvendo suas atividades jornalísticas de maneira opinativa, a história do jornal é marcada por momentos de forte posicionamento político. O início de suas atividades se deu em 1921, na rua São Bento em São Paulo, capital. Criado por Olival Costa e Pedro Cunha, o periódico *Folha da Noite* era um jornal vespertino que se posicionava em relação às questões importantes da época, especialmente no que se referia ao cotidiano da população paulistana. No livro *História da Folha de São Paulo*<sup>66</sup>, o proprietário Olival Costa comenta “Seu Projeto, simples antes de tudo, era fazer da *Folha da Noite* um jornal informativo, para ser lido, que não precisasse ser guardado” (CAPELATO e MOTA, 1981, p. 14-15). Em 1925, o grupo publica o matutino *Folha da Manhã*. “O proprietário das *Folhas* representaria um ponto de referência marcante na história de liberdade de imprensa. Suas atitudes garantiam a liberdade e a segurança dos jornalistas com

---

<sup>65</sup> Conceito de Deleuze no livro: *O que é um dispositivo?* (1996)

<sup>66</sup> MOTA, C.G.; CAPELATO, M.H. *História da Folha de São Paulo*. Editora: Impres, 1980.

desvelo e até arrogância". (Ibid, p.18-23). No ano de 1960, os jornais *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde* se fundiram, dando início a *Folha de São Paulo*.

A *Folha de São Paulo* se posiciona institucionalmente como um jornal que apresenta uma linha editorial pluralista, que dá espaço para todas as vozes, fazendo um jornalismo crítico e apartidário, inclusive desenvolveu o *Manual de Redação da Folha* (1996), com o objetivo de dar maior transparência em relação à sua proposta. A sistematização de seu projeto editorial teve como meta apresentar informações corretas, interpretações competentes e pluralidade de opiniões.

Em entrevista ao jornal *Zero Hora* (2016), Laerte comenta sua relação com o jornal, especialmente após ter assumido sua identidade de gênero feminina “*Jamais fui censurada ou tive limite para publicar o que queria*”. (COUTINHO, 2016).

De acordo com Longhi (2015) as mídias têm um papel central nos processos de sociabilidade. O efeito de coerência e unidade do texto jornalístico se reflete também na organização do suporte, “construído por agenciamentos discursivos que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão” (GREGOLIN, 2007, p.16), favorecendo determinados sentidos na representação midiática.

A mídia torna-se, portanto, um elemento importante do biopoder, ao engendrar os sentidos dos discursos no emaranhado das linhas de poder. No livro “Microfísica do Poder” (2005), Foucault nos coloca:

(...) estes *media* seriam necessariamente comandados por interesses econômico-políticos. Eles não perceberam os componentes materiais e econômicos da opinião. Eles acreditaram que a opinião era justa por natureza, que ela se difundiria por si mesma e que seria um tipo de vigilância democrática. No fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar (ibid, p.125).

O jornal funciona como um dispositivo de enunciação que se coloca como um vetor de “verdade” do qual o receptor deve receber a notícia como um “fato”; porém a produção da “verdade” implica uma relação de forças que produz uma realidade ou um “saber”, que por sua vez implica em um regime de enunciabilidade e visibilidade.

Ao apresentar a verdade como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2005, p.13), o autor nos convoca a pensar as linhas de luz e

enunciação, buscando sua lógica nos feixes da dimensão da enunciabilidade, da visibilidade e do poder. Podemos pensar, por exemplo, nos tipos sociais construídos pela mídia. Deleuze e Guatarri (2000, p.12), ao comentar a construção discursiva na mídia, colocam que

Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é "necessário" pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas — o que é bastante diferente — transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado.

A espacialidade do jornal, definido por sua diagramação, funciona em um sentido arquitetônico de formas. A partir da qual cada elemento contrói um discurso. A intencionalidade deste discurso é comentada:

Capaz de fascinar, a diagramação é também capaz de enganar. Agradável, pode ser fútil; sedutora, pode ser demagógica; atrativa, pode ser simplesmente comercial e, sabendo provocar e concentrar interesse, ela sabe também como dispersar e, assim, dissolver. Estas são as perigosas contrapartidas de suas riquezas: quem ousaria pretender que elas são imaginárias? (VOYENNE apud AMARAL, 1997 p. 65).

No processo de mediação da realidade conferido às mídias, o suporte se apresenta dentro de uma lógica discursiva, pois “(...) nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega ao leitor” (CHARTIER apud Longhi, 2015:187).

A tirinha intitulada “Sharon” (FIGURA 21), questiona o modus operandi da diagramação da *Folha de São Paulo*, neste espaço cedido - o *Caderno Informática* (2009-2012), para a publicação das tirinhas do *Blog da Muriel*.

FIGURA 21



SHARON (2009). LAERTE COUTINHO.

No primeiro quadro, uma voz diz “*Hugo! Você devia estar de algum modo, dentro do assunto ‘informática’*”. Sentada com as pernas cruzadas, Muriel parece não ligar para o que esta sendo dito. No segundo quadro, a mesma voz diz “*Em vez disso, se veste de mulher e fica aí cruzando e descruzando pernas...*”, enquanto Muriel muda de posição e cruza suas pernas, de fato. É interessante notar como Laerte questiona o pertencimento de suas tirinhas ao *Caderno Informática*, uma vez que a personagem Muriel não tem qualquer relação com o assunto.

A diagramação do jornal em “*Cadernos*” permite à co-existência da informação jornalística e a Publicidade. A venda de espaço publicitário é essencial para a sobrevivência dos veículos. No *Caderno Informática*, em particular, essa relação é biunívoca, uma vez que os anunciantes têm interesse que as informações dos editoriais influenciem os leitores ao consumo. Desse modo, a informação torna-se objeto de consumo.

Podemos inferir que, apesar dos diversos assuntos tratados no caderno de informática da *Folha de São Paulo*, os temas refletem a relação da sociedade com as novas mídias. Segundo o editor do caderno, Rodolfo Lucena

(...) a linha editorial do Informática prioriza a prestação de serviços ao usuário doméstico, ao leitor iniciante e às pequenas empresas, orientando-os a uma melhor utilização do computador e, em caso de aquisição de equipamentos, a fornecer informações para a compra do que há de melhor no setor, segundo a necessidade do usuário. (BONFIM, 1997:167)

Como visto, a presença das tirinhas do *Blog da Muriel* nesse caderno tensiona a lógica discursiva desse espaço, deslocando a intencionalidade de seu sentido. Na tirinha, a personagem Muriel é questionada sobre sua relação com o assunto “informática”. A ironia é o instrumento da narrativa para compor uma forma de humor contestador, que extrapola a comicidade.

A mudança da temática das tirinhas, no entanto, não agradou os leitores do caderno *Informática*. À época, inúmeras cartas foram enviadas ao jornal contestando a fase da autora. No entanto, a *Folha de São Paulo* manteve a publicação das tiras neste caderno até 2012, passando para o *Caderno Equilíbrio* no ano seguinte. A presença do discurso das tirinhas imbricado ao discurso do *Caderno Informática* reflete a principal característica editorial do jornal, conforme mencionado, da pluralidade de vozes em torno de diversos assuntos. De acordo com Longhi (2015), “a articulação espacialidade/visualidade é componente comunicante e a comunicação é discurso e reflete características de uma cultura”.

A lógica de sentido da enunciação no discurso da tirinha configura o uso da ironia ao articular um interdiscurso. Segundo Bakhtin, a “segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre vozes” (BAKHTIN, 1997, p.168). Além disso, no terceiro quadro, o silêncio da personagem deixa espaço aberto à significação e à interpretação. De acordo com Eni Orlandi (2007, p.68) “O silêncio não fala, o silêncio significa, não é vazio”. Este é um recurso utilizado com frequência no gênero quadrinístico.

O último quadro apresenta a continuação da fala da “voz” dirigida à Muriel “... e sem calcinha”. A personagem aparece aliviada ao perceber que notaram em seu cruzar de pernas, a ausência de sua calcinha. “Ai, ufa!! Achei que nunca iam notar!!”, diz Muriel. Os pontos de exclamação e a cara de espanto de Muriel demonstram seu alívio ao ser notada.

Podemos inferir que ao dizer “Achei que nunca iam notar!!”, Muriel responde aos leitores do caderno, uma vez que sua resposta se dirige à voz no plural.

O título da tirinha “Sharon” dialoga com o filme *Instinto Selvagem* (1992), protagonizado por Sharon Stone. No filme, a atriz interpreta uma assassina que seduz o investigador de um caso de homicídio, do qual ela é uma das suspeitas. Na cena clássica, Catherine Tramell (Sharon Stone), interrogada pelo personagem de

Michael Douglas, o seduz cruzando as pernas durante todo interrogatório. A sequência ficou famosa porque a atriz não usava calcinha durante a cena, fato percebido e comentado pelo público. O recurso da intertextualidade é um traço constitutivo da narrativa quadrinística, aqui utilizado no momento da referência ao filme.

Em outra situação (FIGURA 22), Muriel é entrevistada em um programa de televisão. No primeiro quadro, o apresentador do programa agradece a participação dela e questiona com qual nome prefere ser chamada. A personagem prontamente responde “Muriel”. No segundo quadro, o apresentador afirma seu compromisso de ser cuidadoso para tratar do assunto “transgeneridade” com Muriel e reafirma isso no terceiro quadro. O último quadro mostra Muriel no centro da tela com o apresentador e surpreendentemente, a legenda que indica o tema do programa diz “*Bichona se veste de mulher!*”.

O jogo enunciativo-discursivo da construção dos sentidos, apresentado nessa sequência narrativa, dá o tom da ambiguidade tangente ao reconhecimento da identidade de gênero da personagem Muriel. Por um lado, o questionamento do nome da personagem demonstra o não reconhecimento de sua identidade de gênero, materializada pelo uso do nome social Muriel. O efeito de humor é resultado da contradição entre a afirmação do personagem (entrevistador) de ser “*respeitoso*” e “*digno*” em relação à pessoa transexual e a legenda do programa apresentar os dizeres: “*Bichona se veste de mulher!*”. Nesta produção do **sentido** prova-se o não reconhecimento da identidade de gênero da personagem Muriel.

FIGURA 22



TEVÊ (2009). LAERTE COUTINHO.

Os termos “bichona” e “se veste de mulher” estão investidos nesta cadeia de sentidos parafrásica. “A produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrásica destas sequências constitui o que se poderia chamar “matriz do sentido” (PÊCHEUX, 1993:169). A tirinha entendida como um dispositivo de enunciação traz em seu regime de visibilidade<sup>67</sup> as linhas de força, de luz e de subjetivação que se articulam ao campo social.

A narrativa quadrinística faz uma crítica à representação do sujeito transexual na mídia televisiva, ao mesmo tempo que também se localiza em um grande veículo da mídia. O regime de visibilidade se insere em um campo de forças em constante negociação: “nunca é uma vitória ou dominação pura [...] sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações de cultura” (HALL, 2013, p.376). A luta por visibilidade e representação por parte dos grupos de identidade sexual tensionou sobremaneira as representações midiáticas e os regimes de visibilidade que tentam fixar, manter ou transformar a identidade dos sujeitos: “em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p.109). Por outro lado, a mídia “conforma a visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos” (KELLNER, 2001, p.54) em uma constante negociação com a resistência desses mesmos atores sociais.

O discurso e sua natureza dialógica revelam os jogos estratégicos de saber sobre as práticas discursivas dos sujeitos transexuais. De acordo com Hall, as

<sup>67</sup> Em seu livro **O que é um Dispositivo**, Deleuze (1996) desenvolve o conceito de dispositivo na perspectiva da filosofia foucaultiana. O autor inscreve os dispositivos em dimensões de visibilidade, enunciação e poder, de modo que isso tudo é atravessado por linhas de luz, de força e subjetivação.

identidades são "pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós" (2012:112). Dessa forma, o sujeito transexual extrapola o limite discursivo das categorias de feminino e masculino, desestabilizando as normas de gênero para os corpos. De acordo com Bento,

O corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher) que dá inteligibilidade aos gêneros, encontra na experiência transexual os seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo, revertendo assim um dos pilares de sustentação das normas de gênero. (2014a, p.22)

O termo “*bichona*” empregado no texto se insere na lógica da feminilização do corpo masculino como forma pejorativa, destacando que ao “*vestir-se de mulher*”, o sujeito passa a exercer o papel “feminino”, porém se reconhece a legitimidade da identidade de gênero do próprio sujeito.

As representações sociais do masculino e do feminino estão diretamente relacionadas à produção das identidades. “[...] a televisão constitui um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas, tanto as dos povos como as dos grupos” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p.115).

O pensamento de Foucault (2012) demonstrou que a sexualidade se tornou objeto de observação da ciência, da religião, da pedagogia, tendo sido valorizado como um segredo. O sexo foi colocado em discurso, organizado, mapeado, ordenado, controlado “em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais (... )” (Ibid, p.44); e estabelecer uma economia produtiva da sexualidade de forma politicamente conservadora. Se sexo e gênero são efeitos de práticas sócio-discursivas

(...) as mídias produzem significações comuns, e pelos efeitos de intertextualidade, de retomadas e de citações que caracterizam o universo midiático, contribuem para forjar o que se poderia chamar de senso comum midiático, uma espécie de vulgata que, apesar das críticas apontadas, confere-lhe um status de objetividade mais ou menos assumida (COULOMB-GULLY, 2014, p.149).

Ao produzir e reproduzir a norma, as representações midiáticas se inserem em uma lógica produtora de efeitos sobre os corpos, comportamentos e relações

sociais que resultam em “uma complexa tecnologia política” (DE LAURENTIS, 1994, p.208). As representações são como feixes de luz, curvas de visibilidade e enunciação que significam os sujeitos dos quais falam e fazem falar. No entanto, não se trata de projetar uma luz sob uma realidade pré- discursiva, mas de um jogo de forças, “formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações” (DELEUZE, 2013b, p.62).

Desta forma, “se Gênero é (uma) representação, a representação do Gênero é sua construção” (COULOMB-GULLY, 2014, p.150). No texto “A tecnologia do Gênero”, Teresa De Laurentis nos mostra como o conceito de “diferenças sexuais” extrapola o campo biológico ou da socialização sendo, portanto, resultado “da significação e de efeitos discursivos” (1994, p.207) que diferenciam homens e mulheres de forma que estes sujeitos se tornam universalizados dificultando a articulação das diferenças entre as mulheres e nas mulheres. Assim, todas as mulheres “seriam ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva” (ibid). A autora exemplifica sua tese ao propor o exemplo de quando precisamos preencher um formulário administrativo e vemos no campo “sexo” a letra “F” e se questiona “embora pensássemos estar marcando o ‘F’, na verdade era o F que estava se marcando em nós?” e continua “isto não é o mesmo que dizer que a letra F assinalada no formulário grudou em nós como um vestido de seda molhado?” (ibid, p.220). Os efeitos de sentido se materializam por meio das práticas discursivas colocadas em circulação na sociedade.

Desta forma, o campo específico da mídia opera interdiscursivamente o dispositivo da sexualidade. “A coerência visível em cada discurso particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo do real social” (GREGOLIN, 2007, p.16). Essa estratégia discursiva operada pela mídia naturaliza seus discursos de “verdade”, e as linhas de visibilidade trabalham para lançar luz ao mundo criado nestas representações do real. O espaço midiático nos investe como uma espécie de “poder pastoral” (FOUCAULT) por meio da repetição.

Segundo Marcello (2003, p.93):

Ao sistematizar as curvas de visibilidade e os regimes de enunciação em torno de relações agonísticas entre as linhas de forças, a mídia produz de alguma forma o que deve ser visto e como deve ser falado (e vice-versa), mesmo que, para tanto, ela se utilize de enunciados históricos e, portanto, já existentes. É justamente a característica de sua materialidade que não apenas permite, mas exige ao discurso condição de se tornar repetível. Tal afirmação não significa obviamente, que dado discurso, ou melhor, dado enunciado, seja exatamente o mesmo, independente do período histórico em que for articulado.

A mídia pode então atuar como um dispositivo de produção e circulação de dito e de verdades que, por sua vez, interpenetrará na subjetividade dos sujeitos, influenciando até mesmo em suas práticas. Segundo Deleuze (2013b, p. 85) “Se há uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz – mas é também a dos regimes de enunciado.” O objeto é enunciável devido as suas curvas de enunciação, para explorá-las é necessário “rachar, abrir as palavras, as frases e as preposições, para extrair delas os enunciados” (DELEUZE, 2013b, p. 61).

Por fim, o agenciamento que as linhas de visibilidade e de enunciabilidade promovem conecta-se às subjetividades. É por existir as linhas de subjetividade que há espaço para as rupturas, as fraturas, as rachaduras, que oferecem condição para a produção de outras linhas e estas podem interferir no dispositivo. O espaço midiático, por isso, é espaço de disputa de regimes de enunciabilidades e de curvas de visibilidades.

Nesse sentido, Laerte constrói o efeito de humor utilizando os já ditos, naturalizados pelo dispositivo midiático, não só para dar espaço a outros regimes de enunciabilidade, bem como abrir novas linhas de visibilidade em relação ao gênero e à sexualidade. Ao fazê-lo, a autora instaura outras representações do feminino e do masculino, desestabilizando os sistemas simbólicos que sustentam tais categorias e por outro lado, criando uma identidade travesti. Sobre essa questão, Woodward (2009, p.17-18) diz que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Isso significa que a construção da identidade é uma prática discursiva em constante negociação. O espaço semiótico ou cultural implica numa rede de significantes que estão em constante disputa. É um jogo de visibilidade, invisibilidade que configura as curvas de visibilidades. No caso da mídia, o excesso de visibilidade pode gerar mobilização. Assim como o jogo entre o dizer e o não dizer, nas curvas da enunciabilidade. Nesse momento histórico, essa tática do dispositivo midiático infere nas práticas sociais e na produção de verdades. É nas linhas do saber que se inserem as curvas de enunciabilidade e visibilidade que funcionam como uma máquina de fazer ver e falar.

## Capítulo II

**“Às vezes um cara tem que se montar, ué!”**

---

## 2.1 O sujeito da dissidência sexual e a (pós) modernidade

*Esse lado de fora informe é uma batalha, é como uma zona de turbulência e de furacão, onde se agitam os pontos singulares, e relações de força entre esses pontos. Os estratos apenas recolhiam, solidificavam a poeira visual e o eco sonoro de uma batalha que se travava por cima deles. Mas, em cima, as singularidades não têm forma e não são nem corpos visíveis nem pessoas falantes. Entramos no domínio dos duplos incertos e das mortes parciais, das emergências e dos desvanecimentos. É uma microfísica. Nós permanecemos em cima, não mais como pessoas, mas como duas falenas ou duas plumas, invisíveis e surdas uma à outra, no meio das nuvens furiosas e lentamente dissipadas de poeira que nós lançávamos uns aos outros, gritando Morte aos crápulas! Morte! Morte! A cada estado atmosférico nessa zona corresponde um diagrama das forças ou das singularidades tomadas nas relações: uma estratégia<sup>68</sup>.*

Neste capítulo, serão abordadas questões do corpo, ou seja, sexualidade e gênero na experiência transexual. Procuraremos analisar as **linhas de força** que criam e fixam os jogos estratégicos de saber sobre as práticas discursivas dos sujeitos transexuais. Abordaremos as lógicas do poder (biopoder e biopolítica) que operam, na ordem do discurso, objetivando os corpos e as práticas dos sujeitos transgêneros. Também se discutirão as formações não-discursivas responsáveis por tensionar essas mesmas linhas de força. Para tanto, optamos pela análise das tirinhas que convocam as esferas da Sociedade Civil, do Estado, da Religião e da Escola.

A noção de modernidade, sujeito e identidade são indissociáveis. Grande parte da filosofia ocidental moderna se dedicou à crítica da razão e do sujeito. Na perspectiva de Foucault, os sujeitos são historicamente constituídos sob atravessamentos de **linhas de força** que operam sobre os corpos individuais e coletivos. “As identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (BENTO, 2006, p.254). Ao se fixar ao discurso, o sujeito se insere em um jogo de negar ou afirmar o outro demarcando as fronteiras simbólicas de sua identidade. Nesse aspecto, a identificação com determinados modelos ou grupos, atuam na constituição da pertença identitária.

É neste jogo “do poder e da exclusão” que as identidades se constroem, como resultado de um processo de constituição do que margeia uma certa

---

<sup>68</sup> Deleuze, G. **Mil Platôs**.

totalidade. Suas fronteiras delimitam discursivamente o intransponível ultrapassar dessas margens. “A constituição de uma identidade social é, portanto, um ato de poder” (ibid, p.255).

Os anos 1960 e 70 marcam um importante momento de produção discursiva de novas identidades. Por outro lado, a “cultura inventada pela geração dos anos 1960/70 vinha sendo instrumentalizada pelo capitalismo financeiro transacional, que então se estabelecia por todo planeta” (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Opondo-se às teorias universalistas, a ideia da identidade pós-moderna foi desterritorializada para trazer à tona as singularidades e as expressões identitárias. Em um cenário de efervescência cultural, o movimento feminista ampliou a discussão a respeito do sujeito do feminismo e da categoria “mulher”. A luta pelo reconhecimento de cidadania para as mulheres impulsionou o movimento feminista no século XIX. Algumas conquistas como o direito ao voto, o acesso à educação ou à propriedade, se devem às mobilizações históricas de mulheres.

O debate sobre a opressão e a subordinação social da mulher trouxe à tona o conceito de “gênero”. O ensaio de Gayle Rubin, *O Tráfico das Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo* (1975), definiu o sistema sexo/gênero como “um conjunto de arranjos através dos quais a matéria prima biológica do sexo humano e da procriação é modelada pela intervenção social humana”. A autora insere, pois, o corpo como “espaço de construção biopolítica” (PRECIADO, 2014), no entendimento de gênero como um saber sobre as diferenças sexuais.

O movimento feminista, no entanto, foi a raíz epistemológica que abriu espaço para os estudos de gênero, procurando refletir a naturalização dos papéis sociais atribuídos às categorias masculino e feminino, além dos discursos, das normas, das representações e de outros eixos.

A questão da identidade de gênero, com o recorte das transexualidades, abre um campo de inúmeros discursos em disputa marginalizado pelas estruturas de poder e pelas práticas institucionais, através dos “discursos de verdade”, produzindo um efeito coercitivo nessas mesmas práticas discursivas.

É a partir da *História da Sexualidade* (1988) que Foucault identifica os dispositivos que permitem a compreensão da sexualidade como “tecnologias positivas e produtivas, e não como resultado negativo de tabus, repressões, proibições legais”. (PRECIADO, 2014, p.89). Essas tecnologias da sexualidade são,

de acordo com Foucault: “a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas procriadoras e a psiquiatrização do prazer perverso” (ibid).

O autor pretendia “buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos)” (FOUCAULT, 2012, p.19).

O projeto de Foucault evidenciou que o “poder é vinculado à história e a modos de historicização” (BUTLER, 2002, p.55), além de possuir estruturas de poder difusas e produtivas. Desta forma, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (FOUCAULT, 2014b, p.8). E ainda: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (ibid).

É pensando sexo/gênero como uma construção discursiva que percebemos a sua relação com a biopolítica. Segundo Pelbart,

A sexualidade encontra-se precisamente nesse entrecruzamento entre os dois eixos da tecnologia política da vida, a do indivíduo e da espécie, a do adestramento dos corpos e a regulação das populações, a dos controles infinitesimais, o micropoder sobre o corpo e as medidas massivas, estimações, estatísticas, intervenções que visam o corpo social como um todo. De fato, o sexo faz a ponte entre o corpo e a população, a tal ponto que o que era a sociedade do sangue, corresponde ao poder de soberania, na era do biopoder torna-se a sociedade do sexo. Ainda que encavalamentos diversos tenham mesclado os dois regimes, o do sexo e do sangue, como no nazismo. (2003, p.58)

Em suas considerações sobre o nascimento da biopolítica, Foucault (2000) nos aponta que o desenvolvimento da técnica e das tecnologias do poder, retiram a ação do corpo individual e passam a agir sobre a coletividade.

## 2.2 Rosa é de menina, azul é de menino.

A tirinha abaixo (FIGURA 23) faz uma crítica à instituição escolar e à pedagogia do sexo desde a primeira infância. No primeiro quadro, há um globo terrestre em forma de quadrado e ao lado aparece o nome da escola “*Escola infantil Primeiro Mundo*”. Laerte utiliza-se do recurso da ironia ao colocar um globo quadrado, que nos remete a um mundo retrógrado, quadrado. No mesmo quadro, a professora dá as boas vindas aos alunos do primário. “*Bem-vindos e bem-vindas crianças e crianças!*”. A fala da professora demarca o binarismo para os gêneros. A palavra “*crianço*”, inexistente em nosso vocabulário, reforça uma suposta versão “masculina” da palavra “*criança*”, usada para se referir às crianças do gênero masculino.

FIGURA 23



LAERTE COUTINHO (2009)

Os dois quadros que se seguem apresentam as falas da professoras no sentido de orientar as crianças a se tornarem “*homens e mulheres normais e felizes*”, dando uma camiseta azul para os meninos e rosa para as meninas. O **efeito de sentido** que se produz nesta manifestação discursiva é a de que há um sexo considerado normal, e a adesão a esta normalidade garante a felicidade. Nesse sentido, qualquer expressão de gênero fora dessa “normalidade” é considerada anormal e infeliz. De acordo com Preciado,

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas (2014, p.25).

O discurso normalizador das identidades de gênero, portanto, inicia o processo de produção dos sujeitos desde a primeira infância. É um “fazer” (BUTLER, 1993) um corpo feminino ou masculino baseado em significados culturais, que são atribuídos a cada gênero. “O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um 'dado' anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2013, p.15).

O último quadro apresenta a imagem das crianças presas em camisas de força, cada qual vestida respectivamente de acordo com o seu gênero. A intencionalidade de Laerte nessa tirinha configura-se em uma **formação discursiva**, que faz uma crítica à educação e às sociabilidades infantis que delimitam os lugares sociais de cada sujeito. O modelo educacional que nos é oferecido mostra-se como lugar de articulação dos saberes e poderes que produz o sujeito moderno.

A constituição das instituições disciplinares situa-se entre os séculos XVIII e XIX, abrindo espaço para “a intensificação dos poderes à multiplicação dos discursos” (FOUCAULT, 2012). O domínio sobre o tempo, as configurações do espaço físico, dos movimentos, gestos, atitudes, tinham como objetivo produzir corpos submissos e docilizados (FOUCAULT, 2002). A escola é este espaço de observação, domínio e controle que permite processos classificatórios das individualidades. Concomitantemente, surgiam outros campos de saberes científicos com o mesmo objetivo de produzir práticas e discursos sobre os indivíduos.

Dessa forma, o poder sobre a vida, o biopoder, instituiu-se em diversas tecnologias disciplinares ou uma “anátomo-política” dos corpos. Em outro polo, atuava pela regulação biopolítica da população (demografia, saúde, economia, natalidade e mortalidade). De acordo com Foucault,

As tecnologias políticas do corpo não estariam “nem em um tipo definido de instituição nem em um aparelho de Estado. Estes recorrem a ela - eles utilizam, valorizam ou impõem alguns de seus procedimentos. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa em outro nível. Trata-se, de certa forma, de uma microfísica do poder que os aparelhos e as instituições colocam em jogo, mas cujo campo de validade se situa, até certo ponto, entre esses grandes funcionamentos e os corpos propriamente ditos com sua materialidade e suas forças (2002, p.26).

Por sua vez, quando analisamos a sexualidade enquanto um “dispositivo histórico”, podemos identificar o conjuntos de práticas que ele sugere. De acordo com Preciado (2011), a “sexopolítica” é uma das formas de dominação do capitalismo da contemporaneidade. O discurso sobre o sexo (a morfologia dos corpos, as práticas sexuais, as identidades sexuais normativas e dissidentes, bem como os signos da masculinidade e da feminilidade) e as técnicas de normalização das identidades sexuais atuam como um agente de controle sobre a vida.

A pedagogia das cores na educação infantil e seu lastro por toda vida social demonstram como tal agenciamento atua na produção da diferença entre gêneros. De acordo com Guimarães (2004, p.40), na sociedade heteronormativa “o processo de produção da sexualidade masculina - e da feminina, por contraste e oposição – é pautada por papéis sociais e papéis de gênero, que se constituem em modelos ideais de comportamento e atitude para cada sexo”. Assim, as crianças aprendem desde cedo que determinadas cores são femininas, enquanto outras são masculinas. Da mesma forma, no universo do consumo infantil, determinados brinquedos são “de menina” e outros “de menino”, funcionando como verdadeiros demarcadores das relações de gênero.

De acordo com Bourdieu,

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua, etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (2012, p.49).

Nesse sentido, historicamente, não somente as cores, mas toda dissimetria que coloca a mulher em posição de inferioridade e exclusão em relação ao homem, foi construída simbolicamente através de significantes que se relacionam ao universo feminino em oposição ao masculino.

### 2.3. A dominação falocêntrica

Na tirinha intitulada *Como Homem* (FIGURA 24), Laerte questiona o papel social masculino na atualidade. No primeiro quadro, os companheiros do Clube de Tranco querem que Hugo volte a “ser homem”, a se “vestir como homem” e dizem que vão reeducá-lo. Os personagens do Clube de Tranco são recorrentes em uma sequência de tirinhas da cartunista.

FIGURA 24



COMO HOMEM (2009). LAERTE COUTINHO.

Nesta tirinha, Laerte representa o estereótipo do “macho” como figuras mal encaradas, impositivos, que se utilizam da força física para coagir Hugo. É possível notar que no primeiro quadro seus amigos apontam-lhe o dedo, seguram sua camisa, olham-no de forma agressiva. Os amigos de Hugo só reconhecem como “homem”, o indivíduo que tem uma série de atitudes que eles defendem como masculinas. Por outro lado, não ter as posturas ditas “masculinas” poderia indicar traços de feminilidade ou homossexualidade.

O discurso de masculinidade construído por pressupostos culturais ao longo da história convoca a **memória discursiva** do “sexo forte”, ideologia que circula na sociedade até os dias de hoje. Nesse sentido, a **formação discursiva** do “homem macho”, se constrói em oposição à feminilidade, ou seja, aos significados culturais atribuídos à mulher.

As **formações discursivas** disponíveis na sociedade reiteram e preservam os sentidos dessa masculinidade e autorizam os sujeitos a transmitirem seu discurso da superioridade masculina. Com isso, Bourdieu pode afirmar que “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas as vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (2012, p.64).

A diferença anatômica dos corpos biológicos, portanto, é naturalizada e utilizada para justificar a diferença socialmente construída entre homens e mulheres. Ainda de acordo com o autor

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas (*ibid*)

A construção simbólica do masculino não é apenas performativa, mas também estrutura as representações de “homem” em circulação na sociedade. No entanto, os sentidos de masculinidade extrapolam o campo simbólico e passam a atuar também sob o corpo. O termo *virilidade*, por exemplo, é quase indissociável à virilidade física, à força e à potência. O antagonismo entre os termos masculino e feminino se inscreve também no corpo; e se trata da naturalização do binarismo, ao mesmo tempo, torna-se uma ética das práticas de gênero.

No último quadro da tirinha, os amigos do Clube de Tranco pedem que Rubão demonstre o agir *macho*. Na cena, o personagem aparece emitindo sons e gestos que imitam um cavalo, relinchando e levantando as pernas como se estivesse dando um coice.

O fato de terem escolhido Rubão para realizar a demonstração parece sugerir que ele é o mais apto, ou mais se assemelha ao estereótipo do *macho*. Podemos notar que a imagem de Rubão é a de um homem peludo, barba por fazer, cabelos despenteados, barriga saliente, vestido de forma despreocupada. A representação do homem grotesco, animalesco, como aquele que não pode ter acesso à sensibilidade ou à delicadeza é a forma como Laerte Coutinho faz sua crítica ao estereótipo do *macho* ou das práticas ditas “masculinas”.

A construção dessa masculinidade traduz-se por meio de práticas prescritivas que circulam por meio dos discursos. A pedagogização dos sujeitos cria determinados modelos de masculinidade e feminilidade que objetivarão a dissimetria entre os gêneros como produtora de poder, colocando o sexo masculino em relação de superioridade ao feminino.

A sexualidade é alvo de vigilância e controle. As formas de sua regulação extrapola o âmbito das instituições para atingir o nível micropolítico, como o das relações pessoais.

Na tirinha intitulada *Nisso* (FIGURA 25), Hugo aparece nu sentado em um banquinho questionando “*Não lembro quem sou nem o que sou*”. No segundo quadro, um personagem do tipo machão questiona: “*Você tem pênis e testículos... portanto você é...?*” Deixando espaço para Hugo completar a frase. No entanto, Hugo tem uma resposta que o irrita. A questão é repetida novamente, mas Hugo dá outra resposta inesperada. No último quadro, o personagem se exalta e aos gritos repete a pergunta. Ao lado do banquinho onde esta sentado Hugo, outros dois homens o observam com cara de desaprovação.

A nudez de Hugo e seu questionamento sobre “*o que ele é*” deixam em aberto os sentidos atribuídos a um corpo com pênis e testículos. A manifestação discursiva do outro personagem enfatiza que há somente um sentido para designar um corpo de pênis e testículos, reforçando **os sentidos** presentes na **formação discursiva** hegemônica do que é um “homem”. No entanto, o sujeito do discurso (amigo do Hugo) se inscreve em um lugar discursivo do senso comum. Assim, a identificação cultural e social do sujeito “homem” se caracteriza por determinadas formas corporais, especificamente, pênis e testículos. O efeito de humor se dá pelo uso da ironia nas expressões de Hugo, que ao ressaltar que seu amigo “*Só pensa nisso*”, coloca em dúvida o que caracteriza um “homem”.

FIGURA 25



NISSO (2009). LAERTE COUTINHO

Na tirinha, a irritação do amigo que inquieta Hugo tensiona os sentidos da **formação discursiva** que pressupõem a coerência entre sexo, gênero e práticas sexuais que dão inteligibilidade ao gênero. Nesse sentido, as práticas que não geram tal coerência ganham o status de abjeções em contraposição às identidades normativas. Desse modo, o sexo em sua dimensão biológica é marcado pela dicotomia: homem ou mulher, fêmea ou macho.

De acordo com Butler,

Para Foucault, ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situada como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como o princípio hermenêutico de autointerpretação. A categoria do sexo é, assim, inevitavelmente reguladora, e toda análise que a tome acriticamente como um pressuposto amplia e legitima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento (2015, p.143).

O ideal regulatório da norma sexual naturaliza uma verdade para os sexos. Neste ponto, a reflexão apresentada por Laqueur (2001), no livro *Inventando os Sexos - dos gregos à Freud*, traça uma perspectiva histórica da construção do modelo de dois sexos na cultura ocidental. No modelo de sexo único ("carne única"), o corpo feminino é uma versão menos importante do corpo masculino. A busca por evidências que diferenciassem os sexos em termos anatômicos e fisiológicos, aconteceu no momento em que o uso político destas diferenças foi necessário. O autor afirma que "o sexo, tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder". O sexo, portanto, é uma estratégia discursiva "uma produção de poder que o naturaliza

e o oculta nas relações sociais, produzindo uma causalidade que passa a ser a origem de tudo" (LIMA, 2014, p.4).

A emergência do capitalismo atuou sobremaneira nos corpos buscando a sua máxima produtividade nos termos da divisão social e dos sexos. Por outro lado, o discurso do dimorfismo sexual garantiu a coerência da "matriz heterossexual" (BUTLER, 2015); ou seja, a ideia de uma "heterossexualidade compulsória" que naturaliza discursivamente a heterossexualidade. "Somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós [...] 'homens' e 'mulheres' são categorias políticas e não fatos naturais" (WITTIG, 1981 apud BUTLER, 2015).

A partir dos conceitos de biopolítica e biopoder de Foucault, Beatriz Preciado (2008) nos apresenta a noção de "sexopolítica". A autora amplia a crítica em relação às tecnologias contemporâneas de poder sobre os corpos, que atuam também nas subjetividades. A proliferação das tecnologias corporais investe, cada vez mais, esses corpos no sistema capitalístico e de Estado. A governamentalidade contemporânea investe massivamente no sexo e na sexualidade desencadeando o que a autora denomina de "Farmacopornografia" ou "Biocapitalismo".

Sobre esse enfoque, a tirinha intitulada *Diferença* (FIGURA 26), apresenta-nos uma narrativa curta do encontro entre 'machos' e 'fêmeas' pré-históricos.

O primeiro quadro mostra-nos que Hugo foi "reencarnado" como um homem pré-histórico e aproveita a situação para verificar se havia alguma diferença entre macho e fêmea humanos. Hugo reencarna porque em outra tirinha, Muriel foi assassinada enquanto caminhava "montada" em uma zona de prostituição. Nos quadros que se seguem, enquanto Hugo procura sua versão "fêmea", encontra outro ser humano idêntico em relação às suas características físicas, considerando que ambos estão cobertos por uma pele animal e não é possível verificar diferenças genitais.

FIGURA 26



DIFERENÇA (2009). LAERTE COUTINHO

Ao representar dois homens pré-históricos idênticos, ainda que de “sexos” biológicos distintos, Laerte produz um **efeito de sentido** indicativo de que sem a inscrição à cultura ou aos elementos culturais que produzem as diferenças sociais de ‘homem’ e ‘mulher’, não é possível reconhecer essas diferenças. Isso reforça a **formação discursiva** da igualdade de gênero tão debatida em toda produção quadrinística de Laerte no *Blog da Muriel*.

A obra *A História de sexualidade* (1988), Foucault nos revela através das suas genealogias de poder e arqueologias do saber, como estas se organizam por meio de dispositivos que criam discursivamente o sexo e inscrevem no corpo seus efeitos, atuando inclusive nas subjetividades dos sujeitos. Por outro lado, as categorias de ‘gênero’ e ‘sexualidade’ passaram a ser observadas como fenômenos distintos. “Era necessário analisar deslocadamente a sexualidade do gênero, o gênero do corpo-sexuado, o corpo-sexuado da subjetividade e a sexualidade do corpo-sexuado (... )” (BENTO, 2014a), para que fossem analisados, em contextos historicamente situados, separando-se as identidades sexuais ‘normais’ ou dos ‘sexos verdadeiros’ das identidades sexuais dissidentes ou abjetas.

Em outro momento, os estudos de gênero passam a contestar essa suposta coerência entre gênero, sexualidade e subjetividade, reivindicando o corpo como local de constante construção de significados. A ideia de multiplicidade de expressões de gênero, da fluidez entre “masculinos” e “femininos” que produzem identidades outras, abrem espaço para os estudos queer. De acordo com Butler (2002), *queer* é

El término queer surge como una interpelación que plantea la cuestión de la fuerza y de la oposición, de la estabilidad y la variabilidad en el seno de la performatividad. Este término ha operado como una práctica lingüística cuyo propósito ha sido el de la degradación del sujeto a que se refiere o, más bien, la constitución de ese sujeto mediante ese apelativo degradante. Queer adquiere todo su poder precariamente a través de la invocación reiterada que lo relaciona con acusaciones, patologías e insultos. Se trata de una invocación a través de la cual se ha establecido un vínculo entre comunidades homofóbicas.

Sob tal visão, a prática linguística que procura degradar o sujeito é ressignificada na prática linguística do próprio sujeito, na perspectiva da estética queer. Por isso, as identidades sexuais dissidentes têm reivindicado as identidades *bicha, viado, sapatão, travesti*, no sentido de deslocar a lógica enunciativa destes termos.

O autor Homi K.Bhabha (1998) nos coloca que o ato enunciativo de sujeitos híbridos tem o poder de tornar visível os jogos de negociação, presentes nas relações entre os sujeitos na contemporaneidade. Ao reivindicar para si identidades que contrastam com o status quo, articulam-se assim novos espaços enunciativos. Para o autor,

O enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais – subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando os lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural (ibid, p. 248).

A enunciação funciona, portanto, como uma tática operacional de um projeto político identitário, tal como a pós-modernidade sinalizou

(...) a consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – são mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas (ibid, p.23-24).

Quando pensamos nas possibilidades de subversão dos papéis de gênero, a personagem da *drag queen* pode ser considerada como uma paródia de gênero que subverte e desafia fronteiras. Em sua performance de excessos, a *drag*, em sua “imitação” do feminino, causa um estranhamento, uma certa curiosidade ao

demonstrar que a fronteira entre os gêneros é sempre tão frágil, totalmente transitória e repleta de ambiguidades.

Contudo, o corpo torna-se espaço de produção de contradiscursos, de invenção de novas práticas ético-políticas, novos modos de subjetivação. A reinvenção se produz em meio a elementos dominantes da própria cultura.

## 2.4 Ser ou não ser? Eis a questão.

A tirinha intitulada “*No metrô*” discute o imaginário cultural que associa a homossexualidade à identidade travesti. Na FIGURA 27, Muriel está sentada dentro do vagão do metrô e surge a pergunta: “*Você é homossexual?*”. No segundo quadro, Muriel responde à pergunta didaticamente, ainda que no primeiro quadro seu semblante denote cansaço e sua fala “*A dúvida de sempre...*”, demonstre a recorrência da questão. No terceiro quadro, o interlocutor revela que preferiria que Muriel não fosse homossexual. A expressão de Muriel é de espanto. No último quadro, o interlocutor então diz: “*Essa perninha cruzada está me dando tesão*”. A afirmação do interlocutor no último quadro indica uma dúvida em relação à sua própria sexualidade, uma vez que seu interesse por Muriel poderia ser visto como um caso de homossexualidade. Nesse caso, a visão do interlocutor demonstra que caso Muriel seja “*um homem que se veste de mulher*”, ao atrair-se por outro homem, poderia ser considerado homossexual.

As expressões de gênero e sexualidade são múltiplas e extrapolam a suposta coerência sexo/gênero/orientação sexual. A cultura *mainstream* representa os indivíduos homossexuais como homens com códigos significantes do universo “feminino”, gerando um certo tensionamento para a inteligibilidade das identidades não-gays (tais como: travestis, *crossdressers*, *drag queen*, etc). Nesse sentido, as expressões de gênero não têm uma única correspondência de orientação sexual.

FIGURA 27



NO METRÔ (2010). LAERTE COUTINHO.

Atualmente, no Brasil, o movimento de travestis e transexuais tem reivindicado sua identidade de gênero, buscando descolar-se da classificação de homossexuais. Nesta desarticulação entre gênero e sexualidade, o movimento consegue mostrar que as relações afetivas nas identidades *trans* são plurais e podem se configurar entre travesti/transexuais e mulheres, outros homens e outras pessoas *trans*.

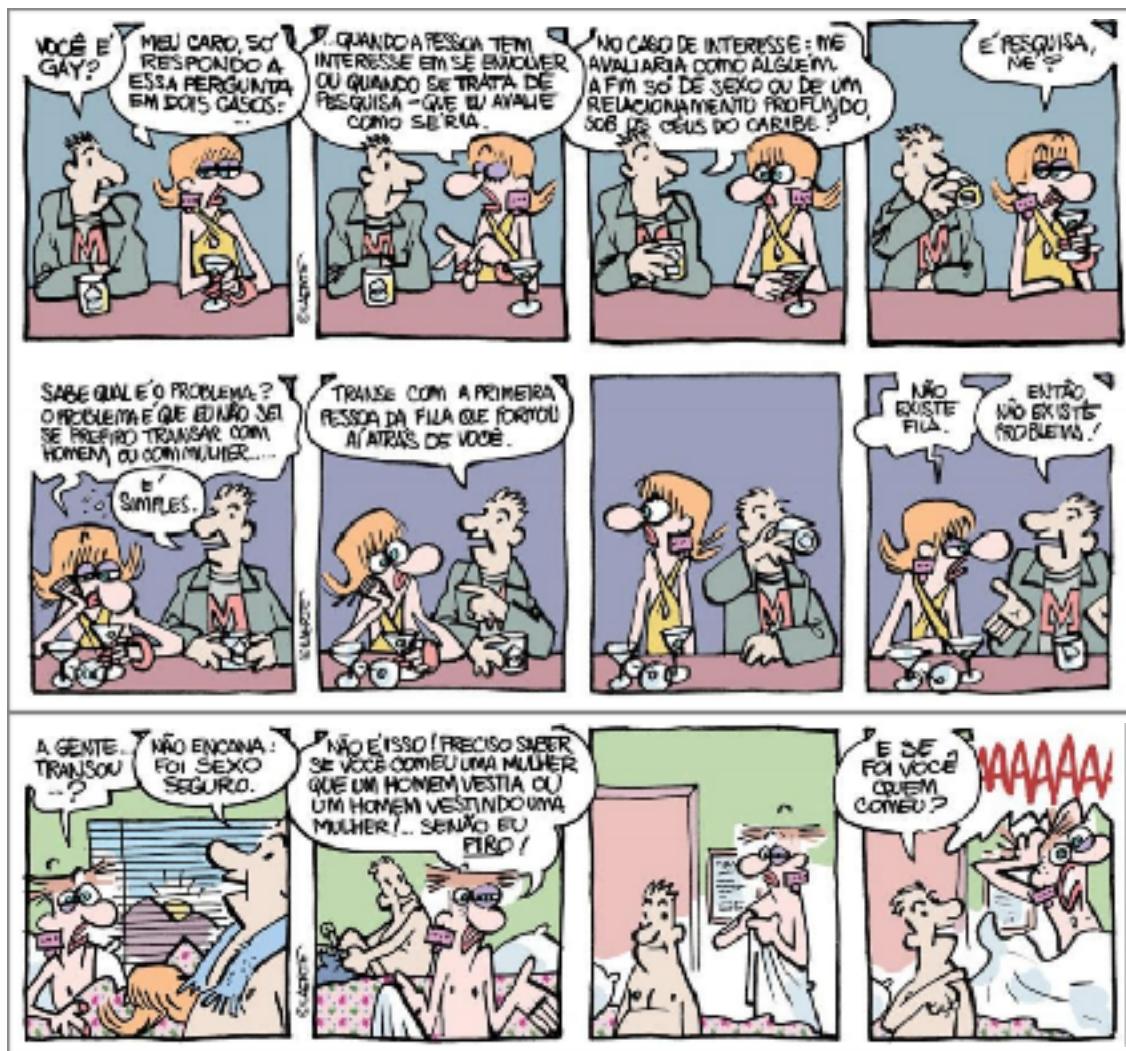
No segundo quadro, a manifestação discursiva “(...) *pode-se usar vestido e salto alto e ser hétero, assim como se pode ser gay e vestir calça, coturno...*” indica que as performances de gênero não têm um único correspondente no que se refere à orientação sexual. O discurso do senso comum apresenta o homossexual como um “*homem que quer ser mulher*”, e a identidade travesti/transexual convoca este mesmo imaginário, como se tratasse dos mesmos atores sociais. Portanto, é comum as pessoas se referirem erroneamente às travestis/transexuais no masculino: “*o travesti*”.

A questão da pluralidade de narrativas nas categorias identitárias não-normativas (dissidentes) está presente nos **efeitos de sentido** da tirinha; também presente na **formação discursiva** que defende os conceitos de gênero e sexualidade como “*coisas independentes*”.

Na tirinha intitulada “Sexo”, Laerte também discute as práticas sexuais e suas relações com a definição da identidade de gênero. Inúmeras tirinhas apresentam este universo de experimentações, das diferentes expressões de gênero e sexualidade que vão sendo descobertas por Muriel. Na sequência abaixo (FIGURA

28), em um bar, um rapaz questiona novamente se Muriel é homossexual, e ela diz que só responderá caso haja interesse por parte dele ou se tratando de pesquisa séria. A resposta do rapaz surpreende Muriel.

FIGURA 28



SEXO (2010). LAERTE COUTINHO

Na segunda sequência da tirinha, Muriel, aparentemente embriagada, revela sua dificuldade em ter predileção pelo sexo com homens ou com mulheres. O rapaz do bar sugere que Muriel deveria transar “com a primeira pessoa da fila”, que teria se formado atrás de Muriel, na intenção de demonstrar que uma vez que não havendo pessoas para escolher, não há um problema em relação à preferência.

Na última sequência, Muriel acorda assustada com a possibilidade de ter transado com o rapaz do bar. Ao perceber que o fato aconteceu, Muriel questiona a posição assumida durante a relação sexual entre os dois. O rapaz sugere que Muriel assumiu uma posição “ativa”, ou seja, ela teria penetrado o rapaz durante o ato sexual.

A tirinha discute gênero enquanto performatividade, reforçando que a aparência no âmbito social nem sempre vai de encontro com a categorização do sexo biológico do indivíduo. As novas tecnologias e o avanço da indústria farmacêutica permitiram intervenções corporais capazes de reorganizar a imagem corporal em diversos sentidos. “O circuito sexo-capital integra, distribui e organiza imagens, mensagens, corpos, desejos, dinheiro, fluídos, fármacos como elementos contemporâneos característicos da fase atual do capitalismo” (PELÚCIO, 2016, p. 124). A filósofa espanhola Paul Beatriz Preciado, na publicação *Testo Yonki*<sup>69</sup> (2008), sugere o termo “regime farmacopornográfico” para designar a centralidade da biopolítica tecnológica na organização da vida cultural e do fluxo de capital, “na qual a indústria farmacêutica cumpre papel central na produção de corpos e subjetividades” (PELÚCIO, 2016, p.124).

Neste sentido, a “aparência” dos corpos pode ser moldada pelas mesmas ferramentas tecnofarmacológicas que são usadas como “tecnologias normalizadoras” (ibid) pela sociedade. Não raro, travestis fazem uso de hormônios (anticoncepcionais, por exemplo) para conseguir resultados de transformação física.

Por outro lado, a manifestação discursiva “*Preciso saber se você comeu uma mulher que um homem vestia ou um homem vestindo uma mulher!*”, demonstra a busca de Muriel por uma congruência heteronormativa do ato sexual praticado na noite anterior. Nesse plano discursivo, o **efeito de sentido** ocorre por meio da coerência homem/ativo, mulher/passiva, ou ainda, homem/dominador, mulher/submissa.

De acordo com Hall (1997, p.15) “todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”, portanto, a primazia masculina se revela na relação sexual como uma relação de dominação. Nas palavras de Badinter,

---

<sup>69</sup> No livro, Preciado relata suas experimentações relacionadas a autoaplicação de testosterona em gel.

a identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa. 'Normalidade' e identidades estão inscritas no contexto da dominação da mulher pelo homem (1993, p. 99).

Outrossim, há uma divisão de papéis sexuais entre os atores sociais que coloca o homem como o polo ativo ("comeu") e a mulher como o polo passivo ("me comeu") nas relações sexuais, nas sociedades patriarcais e falocêntricas.

"O binômio comer/dar está fundamentado na metáfora da absorção, apropriação e consumo do parceiro passivo (a mulher ou um sujeito simbolicamente feminilizado) pelo sujeito ativo" (BOZON, 2004, p.23).

A percepção do comportamento sexual em dois polos, ativo e passivo, está relacionado ao masculino e ao feminino. Dessa forma, não há somente o masculino em oposição ao feminino, mas também a desvalorização do masculino ou sua "feminização". Além disso, outros esquemas classificatórios em pares de oposição relacionados ao feminino/masculino formam hierarquizações historicamente construídas.

De acordo com Bourdieu,

A divisão dos sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (2012, p.17).

A compreensão das relações de gênero e determinadas categorizações presentes na sociedade nos leva à compreensão da subordinação da mulher, historicamente marcada, e das relação entre poder e sexualidade. A exemplo disso, temos as práticas sexuais entre homens na Antiguidade. O ato de dominação do outro trazia a simbologia da "feminização" do indivíduo em posição de passividade. As representações androcêntricas do ato sexual no Ocidente demonstram a relação entre poder e penetração.

No livro Psicanálise, Homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica, Thamy Ayouch nos aponta,

(...) se a diferença entre os sexos não é uma categoria física ou simbólica isolável dos atos sociais pelos quais constituímos como realidade pertinente e visível nas nossas práticas e desejos, a inscrição em uma ou outra das categorias de sexo instituídas, e a subjetivação-assujeitamento que ela define dependem de estratégias de poderes e resistências (2015, p.86).

Nesse sentido, os papéis assumidos nas relações sexuais acabam se tornando indissociáveis das significações atribuídas a eles. Assim, ao notarmos a reação de Muriel ao ser informada que ela “*comeu*” seu parceiro, podemos inferir que a quebra da lógica heteronormativa, na qual os pares de oposição ativo/passivo operam a naturalização do homem/ativo, mulher/passiva, desestabiliza o entendimento da relação sexual ocorrida na tirinha.

De mesmo modo, na manifestação discursiva que questiona “quem” o rapaz “*comeu*”, se “*uma mulher que um homem vestia ou um homem vestindo uma mulher*” (grifo nosso) nos revela a tentativa de classificar aquele ato sexual em heterossexual ou homossexual. Nesse caso, a relação homossexual subverte a norma, provocando o deslocamento da categoria homem/ativo para homem/passivo em uma posição de inferiorização.

A complexidade da construção sócio-histórico-cultural das sexualidades na contemporaneidade nos permite apreendê-las em suas articulações com a política, com as linhas de poder, com os modos de subjetivação e sujeição. Ao pensarmos a sexualidade como produção discursiva, efeito de um dispositivo amplamente debatido na genealogia de Foucault (1988), podemos dar visibilidades às linhas presentes nesse campo de forças, buscando “decifrar os mecanismos do poder a partir de uma estratégia imanente às correlações de força” (FOUCAULT, 2012, p. 107).

A **formação discursiva homossexualidade** nasce no contexto do discurso médico do século XIX no rol de “perversões sexuais” da psiquiatria. Segundo Jeffrey Weeks (1999), o termo homossexualidade e heterossexualidade foram utilizados pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert em 1869. Muitos pesquisadores, no entanto, empreenderam suas pesquisas na exploração das práticas sexuais com o objetivo de categorizá-las em identidades sexuais. A circulação dos enunciados médico-científicos, a partir do dispositivo da sexualidade, centrado na heteronormatividade, funcionaram portanto como uma linha divisória das práticas sexuais “normais” e “desviantes”. A partir dessa ordem operada pelos discursos

classificatórios e divisórios, a homossexualidade passou a ser estigmatizada e marginalizada.

No livro *Epistemología del armario* (1998), Eve Kosofsky Sedgwick nos apresenta uma perspectiva histórica da homossexualidade como a exclusão da heterossexualidade. A autora nos coloca a sexualidade como um espectro mais amplo e diverso.

(...) la sexualidad se extiende a lo largo de tantas dimensiones que no está en absoluto bien descrita en términos de género del objeto sexual, de modo que cuando se movilizan las categorías relativas al objeto sexual intervienen ciertas discriminaciones (por ejemplo) de actos o (en otros casos) de localización erótica, aunque sea de forma muy implícita o incoherente (SEDGWICK, 1998, p. 49).

É interessante notar como as situações que se apresentam nas tirinhas rompem com a heteronormatividade nos levando a novas descobertas junto com a personagem, muitas vezes com o mesmo espanto e incoerência.

## 2.5 A políticas dos cus

Nesse mesmo sentido, a tirinha intitulada *Teste* (FIGURA 29) aborda a prática classificatória das vivências sexuais e a sua transformação em uma identidade social.

FIGURA 29



TESTE (2009). LAERTE COUTINHO

Na tirinha, ao realizar o teste da revista, Muriel deve se definir entre as opções dadas. O **sentido** da narrativa aponta para uma certa insatisfação da personagem ao ter de se enquadrar nas categorias possíveis do teste. Os sujeitos representados (homossexual, heterossexual, bissexual e pansexual<sup>70</sup>) nas alternativas do teste são em si mesmas uma **formação discursiva**, efeito político de grupos organizados historicamente para dar visibilidade a suas demandas. Por outro lado, a construção política do sujeito ocorre por meio de uma certa universalização das identidades que exclui outras intersecções e contextos históricos, fixando-os em determinadas formações discursivas. De outro modo, a produção de sentido se constrói no universo social e no espaço coletivo, uma vez que os sujeitos são simbólicos e históricos.

A sexualidade, da mesma forma, se insere no social no momento em que “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2015, p.42). A própria noção de indivíduo está atrelada a significações sociais, papéis e funções que dão sentido à sua ontologia.

Em sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (Ibidem, 43-44).

Dessa forma, ainda que haja outras categorias de pertencimento nas identidades sexuais, Muriel expressa seu “*tédio*” em ter de definir-se para fazer

<sup>70</sup> A pansexualidade se construiu discursivamente como uma possibilidade de rompimento com o binarismo masculino/feminino presente na bissexualidade, propondo-se a enxergar a sexualidade em um espectro mais amplo que comportaria qualquer expressão sexual. Em meados de 1920, Freud publica **Além do Princípio do Prazer**, buscando uma topografia metapsicológica da mente, que apresenta o aparelho psíquico do ponto de vista de sua economia libidinal, ou seja, o corpo ou do sujeito são apenas apoio para a realização da pulsão. Nesse sentido, sua obra foi chamada de “teoria pansexualista”.

sentido. A identidade homossexual, por exemplo, se produz em oposição à “normalidade” heterossexual, tornado-se marginal e abjeta. De acordo com Preciado,

A bicha, o travesti, a drag queen, a lésbica, a sapa, a caminhoneira, a *butch*, a machona, a bofinho, as transgêneras, as F2M e os M2F<sup>71</sup> são ‘brincadeiras ontológicas’<sup>72</sup>, imposturas orgânicas, mutações prostéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso” (2014:31)

As práticas “contrassexuais” (ibid) surgem no espaço da paródia e da desestabilização da heteronormatividade. Ao considerarmos o corpo um espaço de disputa discursiva, percebemos que “os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação” (ibid, p.31) e, igualmente, aqueles órgãos designados como não sexuais. Em o *Anti-Édipo* (1972), Deleuze e Guattari apresentam o ânus como “o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado para fora do campo social”. A citação nos revela como toda operação do corpo é política. “Codificar o desejo - e o medo, a angústia dos fluxos descodificados - é próprio do *socius*” (ibidem, 2010, p.185), ou seja, marcar os corpos e codificar os fluxos é próprio do social.

A especificidade do ânus como primeiro órgão a ser privatizado, colocado fora do campo social, demonstra o processo de produção do eu, das identidades, do privado. Em relação a esta arquitetura do corpo, Preciado nos revela no texto *Terror Anal* (2009), “foi necessário fechar o ânus para sublimar o desejo pansexual transformando-o em vínculo social, como foi necessário fechar as terras comuns para assinalar a propriedade privada”. Desta forma, o desenho sexopolítico do corpo asseguraria o apagamento do ânus, evitando a passividade (repressão anal), a feminilização do corpo masculino e a possível construção do destino heterossexual para a construção da masculinidade. A autora procura demonstrar como o ânus é um espaço vazio de gênero, “sendo um órgão pós-identitário”, ou um ponto cego “do qual se faz uma desterritorialização do corpo heterossexual ou desgenitalização da sexualidade, reduzida a pênis e vagina”.

<sup>71</sup> As expressões F2M e M2F correspondem respectivamente às mudanças *Female to Male* [Feminino para Masculino] e *Male to Female* [Masculino para Feminino], fórmulas de autodenominação surgidas na comunidade transexual anglo-saxã para nomear as pessoas em transição hormonal e/ou cirúrgica.

<sup>72</sup> Monique Wittig, *La Pensée straight*.

## 2.6 A biopolítica do desejo

Ao destrinchar e dar visibilidade às linhas dos dispositivos que regulam algumas práticas sexuais como algo marginal e que expandem as linhas do poder, podemos “alargar o campo de inteligibilidade, de legitimidade” (BUTLER, 2015) de outras identidades tirando-as da completa abjeção.

Nessa linha, Foucault (1988) nos revela como os mecanismos e as tecnologias de controle do século XVII, próprios de uma sociedade burguesa, puderam manter os discursos do sexo afastados, interditos e censurados. De outro lado, o sistema capitalista avançava seus passos, e da repressão rigorosa do sexo passamos para a proliferação dos discursos sobre o sexo.

O século XVIII foi marcado pela aceleração desse processo. A incitação institucional, especialmente pela Igreja Católica, expressa pela “multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (FOUCAULT, 2012, p.24) teve na ação do poder disciplinador a possibilidade da prática confessional.

O papel da Igreja através da prática confessional se configurará em uma importante técnica de produção de verdade, que colocará em operação o poder pastoral visando à disciplina e ao controle dos corpos, das populações e da sociedade. Nesse sentido, a tirinha intitulada “Excomunhão” (FIGURA 30), traz o discurso religioso no contexto da sexualidade.

FIGURA 30



EXCOMUNHÃO (2009). LAERTE COUTINHO

No primeiro quadro, Muriel recebe de sua arquidiocese um aviso de excomunhão, uma vez que ao ter sido batizada “Hugo” e insistido em sua “*perversão travestística*”, estaria violando “as leis da igreja”. O efeito de humor da última sequência da tirinha se dá quando Muriel deleta o e-mail direcionado ao Hugo, reforçando que, por não ser a destinatária do informe, o aviso seria irrelevante.

O discurso moral-religioso da Igreja Católica busca regular os usos e costumes com seus ditames morais, éticos e de conduta na esfera do cotidiano. Dessa maneira, a inesperada reação de Muriel ao receber o informativo de sua arquidiocese se configura como uma crítica à moral sexual católica.

Historicamente, a luta por políticas de afirmação das identidades minoritárias significou, em grande parte, uma luta contra os discursos religiosos cristãos. No Brasil, país com a maior população católica do mundo,<sup>73</sup> a Igreja Católica foi parte do Estado até o advento da República em 1881. A Igreja representava um quarto poder que atuava não somente na esfera privada, mas também nas decisões políticas para a população. Os **sentidos** do discurso religioso acerca das identidades sexuais (LGBT) terão no termo “natureza” seu respaldo. A moral judaico-cristã ancora-se no mito fundador de Adão e Eva, casal criado por Deus para povoar a terra. Segundo Richards,

Não há como polemizar realmente sobre a postura básica da cristandade. Visto que o sexo, segundo os ensinamentos cristãos, foi dado ao homem unicamente para os propósitos da reprodução e por nenhuma outra razão, qualquer outra forma de atividade que não levasse ou não pudesse levar à procriação era um pecado contra a natureza. (1993, p. 136).

Para o discurso religioso portanto, o ato sexual “natural” é aquele que tem como objetivo a procriação. Nesse sentido, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo passam a ser condenadas, uma vez que que não têm a procriação como destino (Ranke-Heinemann, 1988/1999, p. 24). A população LGBT e o movimento feminista são os que sofrem maiores interferências e imposições do discurso judaico-cristão, “já que são os corpos o lugar onde se concretizam os discursos, as ideologias e os dogmas” (TALIB, 2011, p.143). Dessa forma, as minorias sexuais passam a ser desqualificadas e rejeitadas pelas instituições religiosas cristãs e suas práticas afetivas e identitárias adquirem o status de

---

<sup>73</sup> Fonte: <http://censo2010.ibge.gov.br/>

“perversão”. A naturalização da heterossexualidade compulsória confere inteligibilidade, importância e materialidade ao “sexo” biológico e perpetua as assimetrias de gênero. Nesse caso, as frágeis fronteiras culturalmente criadas para demarcar os diferentes gêneros são constantemente vigiadas e reguladas.

Em Deuteronômio (22:5), na Bíblia, temos: “A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: porque aquele que tal faz é abominável diante do Senhor”<sup>74</sup>. Uma possível troca dos papéis sociais seria considerado abominável pelas escrituras sagradas. “De acordo com a cosmogonia judaico-cristã, isto seria uma completa inversão espiritual, verdadeira desordem cósmica e, consequentemente, o temido reino do diabo, o “inverso” de Deus” (LEITE JUNIOR, 2008, p.44). Assim, utilizar-se das vestimentas de um gênero sendo considerado de outro, significaria uma afronta às leis da igreja.

Diante de uma longa história de confronto entre a igreja e as minorias sexuais, vemos que esta luta continua atual. Em 2008, o papa Bento XVI fez uma crítica às cirurgias de redesignação sexual e afirmou que Deus criou o ser humano como “homem” e “mulher”. Em suas palavras “Não é uma metafísica superada se a Igreja fala da natureza do ser humano como homem e mulher e pede que esta ordem da criação seja respeitada” (BENTO, 2008). Ao comentar a respeito das cirurgias de redesignação sexual, ele diz: “O homem quer fazer a si mesmo e dispor sempre e exclusivamente de somente aquilo que o interessa. Mas, desse modo, vive contra a verdade, contra o Espírito criador” (ibid).

É a partir do século XIX, como mostra Foucault, que surge na ciência sexual e da “sexualidade” os conceitos de “perversos sexuais” entre outras identidades patologizadas pela ciência. As contribuições das ciências da psique (psicologia, psiquiatria e psicanálise) e das ciências médico-cirúrgicas foram essenciais para a produção de identidades baseadas na sexualidade. De um lado, a medicina deu início a uma busca desenfreada pelas diferenças entre os sexos. De outro, as ciências *psi* investiram seus esforços na mente e nos comportamentos. Nesta separação do corpo e da mente, as zonas cinquentas não deixaram a discussão ser encerrada. Com o avanço da ciência na estrutura social, a influência da igreja na ordem pública será transferida para o mundo privado e individual.

---

<sup>74</sup> Deuteronômio 22:5, **Bíblia Sagrada**, Rio de Janeiro, edição Barsa / Catholic Press, 1964

A partir do século XVIII, o discurso sobre o sexo ultrapassa o discurso da moralidade cristã para atingir os cálculos da ciência. A incitação à produção e à proliferação dos discursos sobre o sexo teve como finalidade a sua administração.

De acordo com Foucault,

Na preocupação com o sexo, que aumenta ao longo de todo século XIX, quatro figuras se esboçam como objetos privilegiados de saber, alvos e pontos de fixação dos empreendimentos do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso, cada correlativa de uma dessas estratégias que, de formas diversas, percorreram e utilizaram o sexo das crianças, das mulheres e dos homens (2012, p.116).

Desse modo, o papel do Estado surge através de seus aparelhos, exercendo o poder de controle que não visa à repressão. Em todo século XIX, as ciências modernas do homem se intensificaram de tal modo que “a medicina, a psiquiatria e a pedagogia transformaram o desejo em um discurso científico e sistemático” (DREYFUS, RABINOW; 2013, p.232), o que dará suporte à vontade de verdade sobre o sexo. A gestão social do sexo se intensifica em meio às transformações políticas e econômicas da era Moderna. “Deve-se falar de sexo de forma que se possa geri-lo, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (FOUCAULT, 2012, p.31).

A figura do poder Soberano se transfere de forma difusa nos aparelhos do Estado e na sociedade, em suas técnicas de vigilância e controle dos corpos. “O sexo é a ficção histórica que fornece o elo entre as ciências biológicas e as práticas normativas do biopoder” (ibid).

Neste sentido, a tirinha intitulada “Alerta” (FIGURA 31) nos apresenta a figura de um político alertando a população a respeito da “ditadura gay”.

FIGURA 31



ALERTA (2009). LAERTE COUTINHO

Na tirinha, um político se utiliza do discurso religioso na tribuna para alertar as famílias que seus filhos “estão sendo estuprados” sem poder pedir ajuda. O personagem apresenta um semblante furioso e veemente para tratar sobre o assunto da homossexualidade. No terceiro quadro, um jovem grita à tribuna que suas relações com pessoas do mesmo sexo foram consensuais e, portanto, não seria caso de estupro. Neste momento, o homem na tribuna faz uma expressão de espanto e terror. A última tirinha mostra o político de pijama, aparentemente abatido e até mesmo assustado, acendendo a luz para verificar se o filho está no quarto dormindo. O último quadro nos sugere que as cenas anteriores faziam parte de um sonho aterrorizante para a personagem.

Os **sentidos** da homossexualidade nesta **formação discursiva**, que retoma a **memória discursiva** da “tradição da família”, é criticada na tirinha através do exemplo do filho homossexual que pertence à família homofóbica.

A homossexualidade enunciada como “*ditadura gay*” convoca a **memória discursiva** do termo “ditadura”, período histórico no qual o Brasil foi governado pelos militares de 1964 a 1985. A ditadura é um regime governamental centrado no poder e na autoridade. Trata-se de um regime antidemocrático e sem participação popular. Portanto, os **sentidos** do termo *ditadura gay* configurariam um regime no qual há uma obrigatoriedade do indivíduo tornar-se homossexual.

O termo *ditadura gay* ficou conhecido por seu uso pela Bancada Evangélica, especialmente nos discursos de ódio e homofobia dos deputados Jair Bolsonaro (Partido Progressista) e Marco Feliciano (Partido Social Cristão).

Nesse sentido, Foucault nos mostra como a sociedade disciplinar configurou-se na sociedade normalizadora a partir do século XVIII, na qual o poder passa a ser investido sobre os corpos na forma das populações. A chamada *Era do Biopoder* tornou-se indispensável para o capitalismo, especialmente na gestão dos corpos no aparelho de produção, na gestão das populações frente aos processos econômicos, extraíndo o máximo da massa dócil e disciplinada. É a disciplina e seus processos classificatórios que analisa, hierarquiza e separa, estabelecendo os procedimentos de adestramento e controle permanentemente, demarcando os normais e os anormais. É a norma que estabelece aqueles que estão dentro e fora de suas linhas. “A norma é o que pode se aplicar tanto a um corpo que se quer disciplinar, como a uma população que se quer regularizar” (FOUCAULT, 2005, p.302).

Do mesmo modo, a normalização implantou as “perversões”, e o homossexual apareceu como uma classificação taxonômica e psicopatológica no âmbito do biopoder. As identidades sexuais e sua clivagem no século XIX devem ser compreendidas no contexto das técnicas de normalização e controle da verdade do sexo. De acordo com Foucault,

O implante das perversões é um efeito-instrumento: é pelo isolamento, pela intensificação e pela consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder ao sexo e ao prazer se ramificam, se multiplicam, escalam o corpo, e penetram nas condutas (2012, p.145).

A historicidade do surgimento da categoria homossexual nos fornece material para compreender os discursos que apontam as populações LGBT como “anormais” e abjetas. Estes discursos presentes não apenas na sociedade, mas no Estado, por meio de alguns de seus representantes, colocam em circulação os discursos de ódio às populações de minoria sexual. As técnicas de poder perpassam todo corpo social. É na prática ético-política de invenção de novos modos de existir que vemos a possibilidade da libertação.

A violência contra a população LGBT é debatida por Laerte Coutinho em suas tirinhas, com atenção especial às travestis e transexuais. A tirinha da FIGURA 32, discute a questão do uso do banheiro feminino por pessoas trans.

FIGURA 32



BANHEIRO (2010). LAERTE COUTINHO.

No primeiro quadro Muriel entra no banheiro masculino e se depara com um rapaz utilizando o mictório com cara de mal encarado. O segundo rapaz que apenas observava no primeiro quadro, entra na conversa para enfatizar a alegação de que o banheiro destinado à Muriel é o feminino. Nesse quadro, Muriel explica que está apenas “vestido” de mulher, portanto, poderia fazer uso do banheiro masculino. No caso, Muriel atribui maior importância ao seu genital dito “masculino” para assegurar sua entrada no banheiro, escapando da fila do banheiro feminino. No último quadro, de braços cruzados e com um semblante de pressa, Muriel aguarda em uma enorme fila para usar o banheiro feminino.

Percebemos que Laerte joga com os **sentidos** atribuídos à identidade travesti com sua ambiguidade e seus traços fronteiriços de signos culturais entre o masculino e o feminino.

A tirinha discute a divisão binária dos banheiros em masculino e feminino, tornando-o lócus de produção positiva de gênero que também atualiza o dispositivo da heteronormatividade. O uso do banheiro de acordo com o “sexo biológico” se configura como uma “tecnologia de gênero” (LAURETIS, 1994), a qual reafirmará os dispositivos que produzem e reproduzem o masculino e o feminino na cultura. O uso do banheiro por pessoas travestis e transgêneras, como a personagem Muriel, representa o cruzamento da fronteira fortemente demarcada pela heteronorma e pelos dispositivos da sexualidade.

A cartunista Laerte Coutinho sofreu um episódio de transfobia em uma pizzaria em São Paulo<sup>75</sup>, ao usar o banheiro feminino do estabelecimento. Devido à reclamação de uma cliente ao gerente do restaurante, Laerte foi advertida que deveria se dirigir ao banheiro masculino da próxima vez. No período, a cartunista produziu inúmeras tirinhas fazendo referência às questões enfrentadas pela população *trans* nos banheiros públicos.

O banheiro é local de enunciação das identidades de gênero. A diferença arquitetônica dos banheiros masculino e feminino podem nos revelar o que tais dispositivos engendram em nossa cultura. O banheiro masculino com seus mictórios expõe os corpos uns diante dos outros como uma espécie de ritual de legitimação de sua virilidade. De outro lado, qualquer “desvio” neste espaço de convivência que reforça a heterossexualidade pode significar desaprovação e até mesmo atitudes de violência. De acordo com Preciado,

[...] Dos lógicas opuestas dominan los baños de señoritas y caballeros. Mientras el baño de señoritas es la reproducción de un espacio doméstico en medio del espacio público, los baños de caballeros son un pliegue del espacio público en el que se intensifican las leyes de visibilidad y posición eructa que tradicionalmente definían el espacio público como espacio de masculinidad. Mientras el baño de señoritas opera como un mini-panópticon en el que las mujeres vigilan colectivamente su grado de feminidad heterosexual en el que todo avance sexual resulta una agresión masculina, el baño de caballeros aparece como un terreno propicio para la experimentación sexual. En nuestro paisaje urbano, el baño de caballeros, resto quasi-árqueológico de una época de masculinismo mítico en el que el espacio público era privilegio de los hombres, resulta ser, junto con los clubes automovilísticos, deportivos o de caza, y ciertos burdeles, uno de los reductos públicos en el que los hombres pueden librarse a juegos de complicidad sexual bajo la apariencia de rituales de masculinidad. Pero precisamente porque los baños son escenarios normativos de producción de la masculinidad, pueden funcionar también como un teatro de ansiedad heterosexual. En este contexto, la división espacial de funciones genitales y anales protege contra una posible tentación homosexual, o más bien la condena al ámbito de la privacidad (PRECIADO, s/d, s/p)

O banheiro, enquanto ferramenta de exclusão e produção cultural da diferença, normatiza a sexualidade e produz sujeitos dissidentes que rompem a cultura hegemônica que promove o silenciamento da diversidade. Os regimes de verdade que implicam efeitos de poder sobre os corpos e indivíduos “são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de

<sup>75</sup> Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,uso-de-banheiro-feminino-por-laerte-termina-em-polemica-imp-,827344>

poder convergentes de opressão masculina e heterossexista" (BUTLER, 2015). A resistência se dá na produção de outras existências que procuram questionar a fixidez das identidades impostas pelo biopoder.

Conforme explica Benedetti,

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (2005, p.55).

O caráter performativo das identidades de gênero é questionado na identidade travesti. As ferramentas de transformação corporal oferecidas pelas tecnologias de gênero, dentro do próprio campo heteronormativo, servem de suporte para a "montagem" do corpo "masculino", numa espécie de fabricação da feminilidade.

Na contemporaneidade, assistimos a ampliação do debate acerca da convivência de pessoas *trans* no espaço público, em especial, no uso dos banheiros. Nesse sentido, os sujeitos que foram historicamente silenciados pela História têm reivindicado por espaço e pelo reconhecimento de suas identidades.

A tirinha da FIGURA 33, discute a possibilidade da criação de um banheiro específico para a população *trans*.

FIGURA 33



LAERTE COUTINHO.

No primeiro quadro Muriel está prestes a abrir a porta do banheiro feminino quando é surpreendida pela frase “*Proibido pra você!*”. No segundo quadro, Muriel está abrindo a porta do banheiro masculino, mas também é interrompida com a frase “*Aí também!*”. No penúltimo quadro, Muriel está parada de frente para uma porta com a identificação “T”, e a voz diz “*O seu agora é esse!*”. No último quadro Muriel abre a porta e encontra um muro que a veda completamente.

Os **sentidos** da parede na tirinha se relacionam ao binarismo de gênero e a heterossexualidade compulsória que regula, permeia e organiza todo tecido social. As questões que surgem diante do uso do banheiro se ligam às pedagogias disciplinares que com “suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos ‘fazem sentido’, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.” (LOURO, 1997, p. 58). Desde muito cedo, o banheiro é este espaço emblemático, de acordo com Teixeira e Raposo,

Os banheiros são espaços de alta densidade simbólica para a investigação das relações de gênero e sexualidade no contexto público e escolar. Materializam e expressam concepções e práticas de cuidado do corpo e do meio ambiente - já que são locais de depósito das excreções – marcadas por significados de sexo e gênero: como são arquitetados e organizados? Como são usados? Quem os mantém limpos? Tais questões sugerem reflexões que articula gênero, sexualidade, corpo e educação (2007, p.1).

A discussão que envolve a criação de um terceiro banheiro “sem gênero” é polêmica uma vez que significaria a segregação dos “anormais”, regulada por uma certa normalidade. O debate tem se expandido com a publicização da violência sofrida por travestis e transexuais nas universidades, especialmente, no caso das mulheres. A questão recai no corpo. Há argumentos que defendem o uso do banheiro feminino apenas em caso de indivíduos que realizaram a cirurgia de redesignação sexual.

A Associação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (AGLBT) se manifestou contrária à criação de um banheiro destinado à população LGBT, afirmando que esta seria uma prática discriminatória<sup>76</sup>.

As linhas de força estão por todos os lados em prol de identidades fixam que não conseguem se sustentar, ainda que remetidas por um sistema hegemônico racista e colonizador. Sua lógica de fixidez deixa brechas, linhas de fuga, campos de

<sup>76</sup> Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/02/diretor-cria-banheiro-exclusivo-para-homossexual-em-colegio-de-londrina.html>. Acesso em: Jan.2017

intensidade capazes de realizar criativamente outras formas de existência. A biopolítica tensiona a sexualidade entre indivíduo e população, nas linhas do poder. Por outro lado, a sexualidade se divide entre as ciências biológicas do século XIX e o discurso do poder com suas narrativas classificatórias que ocultam seu direcionamento político.

É preciso estar nas lutas por políticas e direitos, e seguir entre as rachaduras das microlutas em todo seu devir, buscando por outros espaços, outros afetos, outridades que nos singularizem e não apenas nos tolere.

## **Capítulo III**

### **“Muriel do Divã”**

---

Neste capítulo, discutiremos os efeitos de subjetividade, ou as **linhas de subjetivação** que possibilitam outras disposições estratégicas das práticas discursivas, indicando **linhas de resistência** e ruptura com os jogos de verdade estabelecidos. A partir dos discursos das tirinhas, analisaremos agenciamentos outros enunciados nas narrativas da personagem que procurarão demonstrar o caráter inconcluso dos corpos, das fronteiras de gênero, das performatividades e da abjeção.

A ruptura com a dicotomia entre o masculino e o feminino é a principal ferramenta de Laerte em sua produção de sentido nas tirinhas de Muriel. Ao desestabilizar os sentidos para os corpos, a cartunista nos convida para uma batalha de enunciados que ora são visíveis, “graças à receptividade de sua luz”, (DELEUZE, 2013) ora são parcialmente visíveis. Laerte lança flechas de luz em seus enunciados para conduzir visibilidades outras.

### 3.1 Subjetividade territorializada: a invenção do “transexual verdadeiro”

(...) *Porque a grande mentira foi fazer do homem um organismo, ingestão, assimilação, incubação, excreção, o que existia criou toda uma ordem de funções latentes e que escaparam ao domínio da vontade decisora, a vontade que em cada instante decide de si; porque assim era a árvore humana que anda, uma vontade que decide a cada instante de si, sem funções ocultas, subjacentes, que o inconsciente rege. Do que somos e queremos na verdade pouco resta (...)*<sup>77</sup>.

Neste capítulo, utilizaremos o conceito de subjetividade e modos de subjetivação ao nos referirmos aos campos da micropolítica, na relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, e as práticas discursivas implicadas. Para Foucault, a subjetivação está relacionada ao poder e ao seu campo de forças e de ação na sociedade. Nesse tensionamento de forças, a subjetivação acontece. Trata-se de um duplo movimento: a constituição pelas exigências do poder (objetivação ou sujeição) e outro movimento pelas técnicas de si. Com efeito, a proposta de uma subjetividade desterritorializada, significaria o exercício da afirmação da vida, da produção

<sup>77</sup> ARTAUD, Antonin. **Eu, Antonin Artaud**. Lisboa: Hiena Editora, 1988, p. 105-110

corrente pelas linhas de fuga, do escape à sujeição e às limitações da representação<sup>78</sup>.

Deleuze e Guattari sugerem o termo subjetividade desterritorializada também para apresentar um modo de existência que é atravessado por tantos outros, que não são capturados pela forma, mas por fissuras, rachaduras, forças, afetos e dobras. De acordo com Suely Rolnik,

Tudo que é produzido pela subjetivação capitalística - tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam - não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. (...) Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (2013, p. 35).

A resistência, portanto, se dá na luta contra os processos de captura pelas subjetividades assujeitadas, e ainda no direito à diferença. As relações de saber-poder produzem verdades para as categorias gênero, sexualidade e identidades sexuais. Nesse sentido, a vivência transexual ao ser colocada neste sistema de formação de um objeto do saber-médico, resulta no discurso do “transexual verdadeiro”.

O bipoder dissimulado na prática cotidiana do saber-médico, ou seja, nos micropoderes, efetua uma série de regulamentações e práticas no cuidado de si dos sujeitos. Desse modo, o exercício do poder ganha seus contornos nas mãos invisíveis da sua descentralização. O controle de si passa a ser de responsabilidade do indivíduo, uma autogestão.

O campo de forças que organiza determinados discursos em relação às identidades *trans*, estabelece essa vivência enquanto transtorno mental passível de intervenção médica e normalização. As engrenagens que tecem os discursos e os modos de subjetivação e objetivação dos sujeitos transexuais produzem positivamente “uma” identidade, o “transexual verdadeiro”. O discurso científico promove a objetivação da identidade *trans*, por meio de suas práticas divisórias e

---

<sup>78</sup> Em toda sua obra, Deleuze tece críticas à ideia de “Representação” no campo filosófico. Na obra **Diferença e Repetição**, o autor elucida sua crítica com o seguinte exemplo: “A Idéia de mar, por exemplo, como mostrava Leibniz, é um sistema de ligações ou de relações diferenciais entre partículas e de singularidades correspondentes aos graus de variação destas relações, o conjunto do sistema encarnando-se no movimento real das ondas. Aprender a nadar é conjugar pontos notáveis de nosso corpo com os pontos singulares da Idéia objetiva para formar um campo problemático” (DELEUZE, G. Diferença e repetição. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.237).

normatizadoras, uma vez que o saber-poder atua na regulação da sexualidade e tem a ação positiva de produzir os indivíduos sujeitos.

O discurso médico e a narrativa do “transexual verdadeiro” patologiza as vivências transexuais e legitima determinado tipo de identidade transexual passível de reconhecimento. É o caso dos indivíduos que demandam pela cirurgia de redesignação sexual, por exemplo. O lugar que ocupa a cirurgia no imaginário social é aquele de (re) atribuir a coerência biológica aos corpos. De acordo com Teixeira,

A promessa subliminar é a de tornar o indivíduo adequado à sociedade, estabelecer coerência entre a performance de gênero desejada e um conjunto de atributos físicos. Constituir coerência entre o sexo desejado e a genitália externa e os caracteres sexuais secundários não implica que o saber médico considere que após a cirurgia a pessoa (transexual) desloque do lugar de “doente” (2008, p.3).

O diagnóstico de transexualidade fundamenta-se, majoritariamente, na investigação das narrativas da infância do indivíduo, e o indício do desejo de ser reconhecido por outro gênero de forma consistente ao longo da vida. O parecer positivo do diagnóstico permite a candidatura aos diversos procedimentos ambulatoriais e hospitalares disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS).

Os documentos de referência do saber-médico DSM-V, CID-10 e SOC, constroem um discurso de ‘transtorno’ em relação às pessoas transexuais. No SOC<sup>79</sup> fala-se do ‘transexual verdadeiro’, aquele que teria sua disforia resolvida mediante cirurgia de redesignação sexual. O DSM-V<sup>80</sup> não estabelece a mesma importância para a cirurgia e é mais focado no diagnóstico ou nas ‘manifestações’ da disforia nos períodos da infância, adolescência e vida adulta. Por fim, o CID-10<sup>81</sup> caracteriza a ‘doença’ e convencia alguns códigos internacionais utilizados no universo da medicina.

Desde a publicação do livro *O fenômeno transexual* de Harry Benjamin em 1966, a discussão acerca da transexualidade ganhou visibilidade no meio científico. A intenção do pesquisador era de fornecer as bases para o diagnóstico do ‘transexual verdadeiro’ e a padronização de um perfil de candidatos (as) à cirurgia de

<sup>79</sup> Standards of Care for the Health of Transsexual, Transgender, and Gender-Nonconforming People - Disponível em: <[http://www.wpath.org/uploaded\\_files/140/files/IJT%20SOC,%20V7.pdf](http://www.wpath.org/uploaded_files/140/files/IJT%20SOC,%20V7.pdf)> Acesso em 18 de maio.

<sup>80</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM5 - American Psychiatric Association - Disponível em: <<https://www.psychiatry.org/>> Acesso em 18 de maio.

<sup>81</sup> Código Internacional de Doenças - Disponível em: <<http://www.cid10.com.br/>> Acesso em 18 de maio.

transgenitalização. Para o pesquisador, a cirurgia era a única terapia possível para o tratamento da transexualidade, “posição que se contrapunha aos profissionais da saúde mental” (BENTO, 2014a, p.44), bem mais reticentes a intervenções corporais.

Para Benjamin, o critério mais relevante para a veracidade do diagnóstico estaria nos discursos confessionais de repulsa à própria genitália ao longo da vida. Dessa forma, a cirurgia seria responsável pela “normalização” do corpo.

Em um artigo datado de 1953<sup>82</sup>, Benjamin critica severamente os tratamentos psicoterapêuticos e psicanalíticos para o diagnóstico de transexualidade e travestismo. Foi o professor de psicopediatria do Hospital Universitário John Hopkins, Dr. John Money, que em 1955 traz o conceito de “gênero” para a compreensão do fenômeno da transexualidade. A releitura da *Teoria dos Papéis Sociais*, do sociólogo Talcott Parsons, foi fundamental para o esboço de sua pesquisa. A tese de Money apontava para a afirmação de que o gênero e a identidade sexual eram modificáveis até os 18 meses do indivíduo.

Em sua pesquisa, Money demonstrou a importância das forças sociais e institucionais para assegurar as diferenças entre os sexos, de tal forma que a aparência dos genitais passa a ser fundamental para o desenvolvimento da heterossexualidade. Tais formulações defendem a intervenção dos corpos ambíguos (interssexuais e transexuais) para adequá-los à matriz heterossexual, tida como natural. As teses de Money contribuíram para a formulação do “dispositivo da transexualidade, principalmente nas teses da HBIGDA<sup>83</sup>” (ibid, p.46).

De acordo com Ramsey,

até 1966, o conceito de gênero havia sido aplicado ao hermafroditismo por Money (1955) em expressões como ‘papel de gênero’ ou ‘identidade de gênero’ ou ‘identidade/função de gênero’. O conceito de identidade de gênero ficou inseparavelmente ligado à transexualidade quando, em 1966, o Hospital Johns Hopkins anunciou a formação de sua Clínica de Identidade de Gênero e a sua primeira cirurgia de mudança de sexo. (1996, p.17).

A produção de conhecimento na temática transexual, portanto, estendeu-se especialmente no campo dos estudos relacionados ao funcionamento endocrinológico do corpo e da educação na formação das identidades de gênero.

<sup>82</sup> **Transvestism and Transsexualism in the Male and Female.** Harry Benjamin. The Journal of Sex Research. Vol. 3, No. 2, Transvestism. Transsexualism (May, 1967), pp. 107-127

<sup>83</sup> Associação Internacional Harry Benjamin de Disforia de Gênero. Atualmente, World Professional Association for Transgender Health (WPATH). [http://www.wpath.org/site\\_home.cfm](http://www.wpath.org/site_home.cfm)

Tais vertentes abriram caminhos diferentes para conceber a “gênese” da transexualidade e as possíveis formas de tratamento.

Foi um longo caminho para que a transexualidade se diferenciasse da homossexualidade passando para a categoria de ‘disforia de gênero’, termo fundado por John Money em 1973, após o primeiro congresso da Associação Harry Benjamin<sup>84</sup>. Em 1980, a inclusão da transexualidade no Código Internacional de Doenças<sup>85</sup> e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-3, resultou em uma série de critérios diagnósticos para o tratamento da ‘patologia’.

De acordo com Bento,

Esses documentos geraram desdobramentos micros e macros. Os desdobramentos micros referem-se à forma como um/a transexual valora a outro/a transexual. Os desdobramentos macros são aqueles que se referem à compreensão que as instituições têm das pessoas transexuais, principalmente a justiça e a medicina que, diante das demandas para a mudança dos documentos e/ou dos corpos fazem avaliações sobre suas feminilidades/masculinidade (2014, p.49).

A defesa do dimorfismo presente na DSM-4, amplamente discutida por Berenice Bento (2012)<sup>86</sup> nos esclarece alguns pontos importantes do dispositivo da transexualidade presente no discurso médico:

As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividade são níveis constitutivos da identidade do sujeito que se apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade. Quando há qualquer nível de descolamento, deve haver uma intervenção especializada, principalmente de algum especialista nas ciências psi, para restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade. É esse mapa que fornecerá as bases fundamentais para a construção do diagnóstico de gênero. (BENTO, PELÚCIO, 2012, p.571)

A tipificação dos diversos “transtornos de identidade de gênero” se articulam em prol da heterossexualidade compulsória, que pretende conformar sexo genital, desejo, gênero e práticas sexuais (BUTLER, 2015). É nesse contexto que o saber médico atua, decidindo a veracidade da transexualidade dos sujeitos e o futuro de

<sup>84</sup> Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA)

<sup>85</sup> <http://www.cid10.com.br/>

<sup>86</sup> No artigo **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a17.pdf> > Acesso em: 19 de maio.

suas identidades. É nesse ponto, de acordo com Bento, que as estratégias de negociação entre transexuais e equipe médica acontecem, “estratégias de simulação que lhes possibilitam sobreviver nos campos sociais fundamentados na heteronormatividade” (BENTO, 2006, p.62). Estas estratégias possibilitam “construir narrativas adequadas às expectativas da equipe” (ibid, p.66).

De acordo com Alexandre Saadeh (2004)<sup>87</sup> um dos critérios para se diagnosticar o transexualismo, com base em vários autores, seria a anamnese, ou seja:

história desde a infância de inadequação de gênero; quadro não relacionado à situação de estresse; ausência de sinais de fetichismo; experiências homossexuais raras e geralmente na fase de definição pessoal, quando descobre que não é adequado à categoria homossexual; vivência no gênero desejado sem conflitos; crença de que é heterossexual e de que é membro do gênero oposto ao seu sexo anatômico; busca da transformação hormonal e cirúrgica; repugnância pelos genitais e vontade de transformá-los; (SAADEH, 2004, p.207)

A descrição da disforia de gênero descrita pela *American Psychiatric Association - APA* conforma as narrativas de inadequação de gênero a um diagnóstico psiquiátrico. No entanto, se a sociedade estabelece uma verdade para os gêneros, qualquer desestabilização dessa lei será marcada com traços de anormalidade.

A disforia de gênero manifesta-se de formas diferentes em grupos etários distintos. Meninas pré-puberais com disforia de gênero podem expressar o desejo de serem meninos, afirmar que são meninos ou declarar que serão homens quando crescerem. Preferem usar roupas e cortes de cabelo de meninos, com frequência são percebidas como meninos por estranhos e podem pedir para serem chamadas por um nome de menino. Geralmente apresentam reações negativas intensas às tentativas dos pais de fazê-las usar vestidos ou outros trajes femininos. Algumas podem se recusar a participar de eventos escolares ou sociais que exigem o uso de roupas femininas. Essas meninas podem demonstrar identificação transgênero acentuada em brincadeiras, sonhos e fantasias. Com frequência, sua preferência é por esportes de contato, brincadeiras agressivas e competitivas, jogos tradicionalmente masculinos e ter meninos como pares (American Psychiatric Association, 2013, p.493).

O discurso médico além de patologizar as identidades transexuais atua na organização das subjetividades desses indivíduos ao estabelecer as condutas que

---

<sup>87</sup> Coordenador do Ambulatório de Transtornos de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (HC) em São Paulo.

constroem o ‘transexual verdadeiro’. Nesse sentido, percebemos que as narrativas mais do que revelar o desconforto com seus próprios corpos, mostram o desconforto com o meio social e a repressão que isso lhes representa.

A redução da sexualidade aos órgãos genitais (FOUCAULT, 2012, p.43) e a reprodução deste dispositivo no discurso médico (e sociedade, por extensão) atingem a experiência transexual e revelam “traços estruturantes das verdades para gêneros, para as sexualidades e subjetividades. Nessa experiência, o que nos constitui é revelado com tons dramáticos que são analisados pelos protocolos médicos como *enfermidades*” (BENTO, 2009, p.111). No entanto, a experiência transexual extrapola essas estruturas reguladoras. A multiplicidade de narrativas possíveis para os corpos é evidenciada nos discursos de transexuais e travestis, e isso demonstra os limites das verdades para os gêneros.

### 3.2 Subjetividade desterritorializada: a mulher de peito e pau

*Dizer que o desejo é parte da infraestrutura implica dizer que a subjetividade produz realidade. A subjetividade não é uma superestrutura ideológica. (...) No tempo do leninismo, era preciso derrubar o governo, os sindicatos eram economicistas, traidores; o poder tinha que ir para os sovietes - em suma, havia uma ideia, havia algo. Mas agora, realmente, não há ideia alguma. Não há absolutamente nada. Há a ideia de macroeconomia, de certo número de fatores: desemprego, mercado, dinheiro, todas as abstrações que não têm absolutamente nada a ver com a realidade social.<sup>88</sup>*

A famosa frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, inaugurou uma fase do movimento feminista, segundo o qual o caráter social da construção das desigualdades entre homens e mulheres na sociedade era amplamente discutido. A partir de Hegel<sup>89</sup>, Beauvoir introduz o “tornar-se” como parte de um processo histórico, social e cultural, no qual os indivíduos se tornam sujeitos. De mesmo modo, a construção de sujeitos genericados opera nessa lógica, assim como as linhas divisórios da normalidade e da diferença.

<sup>88</sup> Félix Guattari in Jean Oury, Félix Guattari, e François Tosquelles. *Pratiques de l'institutionnel et politique*. Vigneux: Éditions Matrice, 1985, p.65. In: **Signos, Máquinas, Subjetividades**. Maurício Lazzarato. São Paulo:Edições SESC; N-1 Edições.

<sup>89</sup> Dialética hegeliana

De acordo com a filósofa, “(...) a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta” (BEAUVOIR, 2009, p.25). Desse modo, o corpo é “instrumento de nosso domínio do mundo” (Ibid, p.65). A partir do corpo ocorrem as práticas divisórias que se manifestarão nas categorias “masculino e feminino”. O corpo feminino, por exemplo, será criado para “tornar-se mulher”. Nesse sentido, Beauvoir comprehende o “corpo como sujeito de experiência”, ou seja, “una situación inherente a nuestro ser en el mundo, como determinante de nuestras aprensiones del mismo y esbozo de nuestros proyectos” (SÁENZ, 2012, p.186).

No caso das pessoas transexuais e travestis, o corpo é o espaço do “tornar-se mulher”, o que desafia o complexo jogo de normatização das identidades. De acordo com Fátima Lima,

(...) a complexa construção do que se designa como ‘identidades’ se produz e funciona a partir de um intrincado jogo entre o eu e o outro, marcado por relações de poder, processos de assujeitamento e possibilidades de subversões que se inscrevem no mundo dos significados sociais e no campo da política (2014, p.35).

Por isso, a vivência da construção de uma identidade travesti e transexual implica em uma constante construção de signos corporais socialmente reconhecidos como femininos. Esta provocação à heteronormatividade se dá por meio de agenciamentos que reconfiguram as fronteiras corporais e estratificações políticas de toda ordem. Novas combinações, novos fluxos semióticos, biológicos, prostéticos.

A tirinha intitulada *Peitos*, mostra Muriel ingerindo uma pílula chamada *Peitulan* (Peitos instantâneos). A personagem engole algumas cápsulas e instantaneamente seios enormes surgem em seu corpo. Ao ver-se com peitos, a personagem dá um grito e imediatamente seus seios murcham. De acordo com a bula, o grito causaria esse efeito.

FIGURA 34



PEITOS (2009). LAERTE COUTINHO.

As intervenções corporais integram o universo de transexuais e travestis para a construção de um feminino que lhes é próprio. A ingestão de hormônios, por exemplo, faz com que os seios apareçam, suas silhuetas fiquem mais arredondadas, há uma grande diminuição de pêlos e barba, e a textura da pele também sofre alteração.

No livro *Testoyonqui*, Preciado revela sua experiência de uso da testosterona em gel.

(...) Eu pertenço a este grupo de usuários da testosterona. Somos usuários copyleft: quer dizer, consideramos os hormônios como biocódigos livres e abertos cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado, nem pelas companhias farmacêuticas. Como se tratasse de uma droga dura, espero estar sozinha em casa para prová-la (PRECIADO, 2008, p.70).

O livro-performance de Preciado nos oferece um relato de sua transformação corporal a partir da ingestão de hormônio masculino. Trata-se de uma análise sexopolítica da economia mundial, na qual o hormônio pode significar tanto uma tecnologia a serviço do poder quanto uma ferramenta para a mudança de identidade para pessoas transexuais. Além disso, a autora faz um percurso das transformações da produção industrial no último século, apontando para a centralidade dos produtos farmacoquímicos na gestão política e técnica do corpo visando à economia.

A indústria farmacêutica torna-se co-responsável pela tecnofabricação dos corpos sexuados, rompendo com as fronteiras de gênero e transformando sua produção em larga escala. O avanço da produção industrial significaria também a

destruição dos recursos do planeta e sua rápida mutação. É a vida colocada em questão. Nas palavras de Preciado, “El éxito de la tecnociéncia contemporánea es transformar nuestra depresión em Prozac, nuestra masculinidad em testosterona, nuestra erécción em Viagra, nuestra fertilidad/esterilidad em píldora, nuestra sida em triterapia” (ibidem, p.33).

Nesse sentido, quando Muriel faz uso de hormônio feminino, não se trata de uma “mudança de sexo”, mas de uma descodificação do sexo, uma modificação de afetos e percepções. As identidades desviantes desestabilizam o regime heterossexista e agem na esfera micropolítica que abrem rachaduras nas estruturas dominantes.

De acordo com PRÓCHNO & ROCHA,

Entendendo a subjetividade como disposta no campo social e produzida pelas diversas forças, instituintes e instituídas, presentes na cultura, no caso das travestis, temos produções de um corpo em metamorfose, que é capaz de suportar o movimento intempestivo presente nas muitas partículas desejantes que levam ao reconhecimento do eu para devires e linhas de fuga sobre o instituído (2011, p.259).

O corpo *trans* inaugura uma estética transgênero que se contrói de forma precária em meio a procedimentos informais e arriscados. A fácil circulação da tecnologia hormonal e o acesso que dispensa prescrição médica implicam em uma auto-experimentação que exclui qualquer supervisão médica. É possível então comprar hormônio pela internet ou no mercado paralelo, tema discutido na tirinha *Resposta* de Laerte Coutinho.

FIGURA 35



RESPONSA (2009). LAERTE COUTINHO.

Na tirinha, Muriel busca informações sobre hormonização pela internet e acaba comprando medicamentos com um vendedor na rua. Os **sentidos** da manifestação discursiva “*Hormonização pela internet, nunca!*” leva o leitor à conclusão de que Muriel não confia na venda clandestina. No último quadro, Muriel aparece comprando um medicamento de um vendedor de rua, um ambulante. A personagem chama o vendedor pelo nome (*Bira*), o que indica uma proximidade com o mesmo, ou seja, a personagem compra com alguma frequência. O efeito de humor da tirinha aparece justamente na ironia que se estabelece no discurso da hormonização “segura” e a prática da automedicação.

A construção identitária das mulheres *trans* é marcada pelo modelo hegemônico e heteronormativo de feminino. Ao ultrapassar essa margem tão delicada torna-se possível outras formas de subjetividade e outros modos de vida que, ao negar a “norma”, passam a transitar na “anormalidade”.

As possibilidades de outros modos de vida não significam, no entanto, uma fuga dos processos de assujeitamento ou de dominação.

pelo contrário constituem mundos onde a invenção do humano é entrecortada por relações de poder, constituem efeitos dos micropoderes onde determinadas expressões de singularidades se produzem numa dimensão de abjeção, de não reconhecimento, de injúria verbal, de violência física, moral, sexual, entre outras (LIMA, 2014, p.39).

O corpo *trans* torna-se um corpo abjeto, cujo sentido designa “(...) aquelas zonas invisíveis, inabitáveis da vida social, que (...) estão densamente povoadas por quem não goza da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver abaixo do signo do invisível é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos” (LIMA apud BUTLER, 2002, p.20). Esses espaços de abjeção são historicamente construídos e “mudam dependendo das articulações discursivas e das intervenções práticas” (ibid).

Desta forma, “desterritorializar” o corpo implica em uma resistência à norma. Os corpos *trans* “não são mais dóceis” (PRECIADO, 2011, p.15), eles requerem a “desidentificação” para si. Não são homens nem mulheres. Os lugares de enunciação dos sujeitos que fizeram parte da luta LGBT e que criaram as identidades que hoje reconhecemos, puderam ganhar um novo valor político. “As

identificações negativas como ‘sapatas’ ou ‘bichas’ são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à “universalização” (Ibid). Trata-se de afirmar-se como forças criadoras para além dos movimentos políticos.

Ao tratarmos das identidades desviante, precisamos portanto ampliar a discussão das “vivências trans”, uma vez que esta categoria é codificada pelas ciências psi em suas classificações patológicas, “encouraçadas em um diagnóstico para ganhar existência política e jurídica” (LIMA, 2014, p.53).

### 3.3 Entre travestis e transexuais

*A sexualidade coloca em jogo devires conjugados demasiadamente diversos que são como n sexos, toda uma máquina de guerra pela qual o amor passa<sup>90</sup>.*

*All sorts of things in the world behave like mirrors<sup>91</sup>.*

As categorias travesti e transexual são um desafio às classificações unificadoras em identidades. A multiplicidade das vivências no universo *trans*, abarca uma diversidade de práticas e visões de mundo. Benedetti (2005)<sup>92</sup> realizou um estudo etnográfico no qual demonstrou as tipologias correntes utilizadas para designar as identidades desviantes. Travesti, transexuais e transformistas são categorias que têm em comum a prática da ressignificação corporal. De acordo com o pesquisador,

[...] travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina (BENEDETTI, 2005, p.17).

<sup>90</sup> Deleuze; Guattari , 1997, p. 71, v.4. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, v.4.

<sup>91</sup> Jacques Lacan, **Seminário II**.

<sup>92</sup> BENEDETTI, Marcos. 2000. **Toda Feita:** o corpo e o gênero das travestis. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado)

De outro lado, as transexuais consideram a cirurgia de redesignação sexual parte indispensável para seu processo de transformação, sem a qual não é possível a diminuição de seu sofrimento psíquico. Em adição, Leite Jr. (2011) apresenta uma reflexão do plano discursivo acerca dessas categorias. O autor afirma que,

Como o discurso sobre a transexualidade possui uma aura mais ‘higiênica’, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode-se afirmar que o termo ‘transexual’ possui um capital linguístico mais valorizado que o termo ‘travesti’, podendo ser mais facilmente convertido em capital social e, desta forma, sendo capaz de abrir ou fechar portas segundo a maneira como a pessoa se autoidentifica ou é identificada (LEITE JR., 2011:214)

No Brasil, o termo “transexual” passa a ser publicizado a partir da primeira cirurgia de transgenitalização realizada pelo Dr. Roberto Farina na década de 1980. O caso ganhou repercussão midiática e acadêmica após a condenação do cirurgião por crime de lesão corporal. O fato inaugurou o debate a respeito da legalidade do procedimento e sua possível regulamentação. Entretanto, a autorização para a realização da cirurgia de transgenitalização, que visa à construção da “neovagina”, a hormonoterapia e o procedimento sobre gônadas, foi autorizado apenas em 1997 (CFM no.1.482<sup>93</sup>). Para a realização do tratamento é preciso receber o diagnóstico de “transexualismo” dentro dos moldes benjaminianos.

Em 2008, o chamado Processo Transexualizador passou a ser oferecido na rede assistencial do Sistema Único de Saúde (SUS), após a Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008, assinada pelo ministro da Saúde. O documento cita a Resolução CFM nº 1.652/2002 como parâmetro para tratamento, fato que colocará o diagnóstico de “transexualismo” e a demanda pela cirurgia de transgenitalização como fatores determinantes para a inclusão do paciente nessa política pública. Por outro lado, pessoas que se autoidentificam como transexuais ou travestis, porém não requerem a cirurgia de transgenitalização, acabam ficando desassistidas de outras intervenções cirúrgicas e tratamentos que são importantes para a sua autoidentificação.

Na literatura médica, o termo “travesti” aparece sob o nome de “Travestismo Fetichista” e “Fetichismo Transvéstico” no CID e no DSM. Estes documentos

---

<sup>93</sup> Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm)> Acesso em jan.2017.

definem uma pessoa que se veste de acordo com um gênero diferente daquele designado ao nascer, porém não vive cotidianamente segundo esse gênero. Os termos “Travestismo Bivante ou de Duplo Papel” aparecem no DSM para designar o travestismo que surge em alguma fase da vida e que poderia “evoluir” para a transexualidade.

Pensar as transexualidades na biopolítica contemporânea significa refletir as formas de visibilidade (formas de estar no mundo) e as dizibilidades (enunciações) que circulam na sociedade, quer seja na mídia, no universo acadêmico, na militância política, enfim, em variados discursos que atuam como linhas de força na representação desses sujeitos. “É na tensão assujeitamentos (incitação, controle) e resistências (práticas de si, formas éticas, estéticas e políticas de estar em mundos)” (LIMA, 2014, p.64) que os sujeitos *trans* negociam sua existência ‘anormal’, “fazendo ver e dizer as fraturas e as fissuras” (Ibid) nos aparatos que compõem os dispositivos, que ultrapassam as linhas do visível e enunciável, expondo suas fraturas, suas brechas e suas linhas de fuga. É na potência da disputa entre regimes discursivos hegemônicos e contra-hegemônicos que reside o corpo *trans*.

A tirinha abaixo (FIGURA 36) discute a vivência de pessoas *trans* no espaço público. Trata-se de uma série de tirinhas na qual Muriel e sua amiga Socorro descobrem as dificuldades de enfrentar a rua “montadas”. Nessa sequência, o amigo de Hugo manifesta o desejo de sair na rua “montado” de Socorro. Ao ser incentivado pelo colega, o personagem abre a porta de sua casa e encontra um mundo devastado, em ruínas.

FIGURA 36



LAERTE COUTINHO (2012).

Os **sentidos** da imagem do “fim do mundo” do outro lado da porta, revela-nos essa negociação entre o âmbito do público e do privado tão crucial na vida de pessoas *trans*.

A metáfora usada pela filósofa Judith Butler no livro *Bodies that matter* (1993), ajuda-nos a entender como corpos considerados abjetos, ininteligíveis, que não têm uma existência legítima, pesam em sua existência material ao ocupar espaços legítimos, espaços que importam. Dessa forma, apesar da negação de sua existência, tais corpos abjetos existem.

O corpo *trans*, construído discursivamente e performativamente é significado em processos de exclusão e abjeção que configuram determinados espaços de pertencimento e não-pertencimento desses corpos. Ao tomar “espaços que importam” as mulheres *trans* sofrem todo tipo de violência e preconceito, sendo submetidas à situações desprezíveis. Por outro lado, nos territórios da rua onde se dá o trabalho sexual, as mulheres *trans* circulam entre suas iguais, “situando-se no limiar do ordenamento jurídico, constitui para si as regras próprias de seu ordenamento territorial próprio, que só pode existir simultâneo à norma, e que só pode viger onde estão presentes seus corpos” (MACDOWELL, 2008, p.8). Seus corpos carregam as marcas desse território, sinais de violência, deformações advindas da injeção de silicone industrial, cicatrizes de toda espécie.

A tirinha abaixo (FIGURA 37) discute a questão da violência na experiência transexual/travesti. Na sequência abaixo, Muriel é assassinada por homens desconhecidos que passam de carro em uma área de prostituição. Ao chegar ao céu, Muriel é recebida por pessoas vestidas de branco que lhes dá as boas vindas.

FIGURA 37



LAERTE COUTINHO (2011).

O último quadro faz referência ao livro *Nosso Lar* (1944), psicografado pelo médium brasileiro Chico Xavier, que posteriormente teve uma versão adaptada ao cinema. O céu é representado como um lugar minimalista, no qual as pessoas se vestem de branco e há muita harmonia. Ao perceber que está no céu, Muriel diz “*Mas nem morta!!*”, o que é uma ironia, uma vez que a personagem está morta.

A manifestação discursiva “*O traveco tomou!*” nos revela os **sentidos** atribuídos às travestis. Ao chamá-la no masculino “*o traveco*”, (artigo “o”, masculino) pressupõe-se que se trata de um homem “vestido” de mulher, sentido que se vincula à **memória** da palavra “travesti” para o senso comum.

Os assassinos de Muriel não podem ser identificados, pois o desenho não revela seus rostos. No entanto, as risadas enunciadas no primeiro quadro demonstram o homícidio da personagem como uma piada ou diversão na visão de seus assassinos. Em “*o traveco tomou!*” percebemos os **sentidos** da palavra “*tomou*” como merecimento da agressão pelo fato de ser uma travesti.

O preconceito e a violência que dele advém são temas recorrentes na obra de Laerte. De acordo com Rios,

Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos (2009, p.54).

Portanto, a violência baseada na sexualidade ancora-se na heteronormatividade como único destino, extinguindo qualquer possibilidade de respeito à diversidade de configurações possíveis de vivências de sexo, gênero, desejo e práticas sociais.

A tirinha traz à tona uma questão muito importante, as sociabilidades desse grupo localiza-se, muitas vezes, nas zonas de prostituição. Além disso, a estigma social e dramas familiares “empurram” travestis e transexuais para a prostituição como única fonte de subsistência.

Nesse sentido, o corpo fronteiriço das travestis e transexuais não é passível de “disfarce” nas fronteiras do “armário” dos homossexuais. A impossibilidade de

esconder-se no armário dá um sentido político para este corpo que resiste nos espaços públicos e privados. De acordo com Kulick (2008), “à medida que tais modificações [corporais] vão se tornando mais aparentes, os meninos quase sempre são expulsos de casa ou a abandonam por livre iniciativa” (KULICK, 2008, p.65).

O Brasil lidera o ranking de violência contra transexuais e travestis. De acordo com Bento (2014), “O transfeminicídio se caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo” (BENTO, 2014b, s/p). A pesquisadora alega que “as mortes das mulheres trans é uma expressão hiperbólica do lugar do feminino em nossa sociedade” (ibid).

A violência contra esse grupo é evidenciada na mídia com total desrespeito à suas identidades femininas. Os sujeitos passam uma vida lutando para serem reconhecidos no gênero que se identificam, e nem mesmo a morte lhes traz este reconhecimento. “Há um processo contínuo de esvaziamento e apagamento da pessoa assassinada” (ibid).

Além disso, Bento aponta alguns aspectos importantes a respeito do transfeminicídio. A violência advém do gênero, diferentemente do que se pode pensar que seria pela sexualidade da vítima. O caráter político das identidades de gênero revelam-se na necessidade de reconhecimento social. “A pessoa é assassinada porque além de romper com os destinos naturais do seu corpo-generificado, faz isso publicamente” (ibid).

Outra questão é a morte ritualizada. Trata-se de morte com requintes de crueldade e perversão. Dezenas de facadas, tortura, desmembramento da face, do corpo, golpes fatais. No entanto, os processos criminais não são instaurados. Há total impunidade em relação aos casos de transfeminicídio no Brasil, “pode-se inferir que há um desejo social de eliminação da existência trans com a conivência do Estado brasileiro” (Ibid). Por outro lado, as famílias raramente reclamam os corpos de pessoas trans. Não se estabelece o luto ou a melancolia.

No livro *Quadros de Guerra* (2015), Butler discute a questão das vidas que são passíveis de luto. “Apenas em condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente” (BUTLER, 2015, p.32).

O desrespeito às identidades de gênero continua até mesmo após a morte, nos noticiários e no registro de óbito. “A pessoa assassinada retorna ao gênero

imposto, reiterando, assim, o poder do gênero enquanto lei que organiza e distribui os corpos (vivos ou mortos) nas estruturas sociais" (ibid). Por fim, a maior parte das mortes ocorre nos espaços públicos, zonas de prostituição, ruas desertas e à noite.

A espetacularização da violência contra travestis e transexuais cumpre uma função social, definindo que somos na medida que nossos corpos apresentam a coerência determinada pela norma. "Da mesma forma que a sociedade precisa de modelos exemplares, de herói, os não exemplares, os párias, os seres abjetos também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação" (ibid).

### 3.4 Nas trincheiras - travesti é resistir

*Para poder fazer um relato, contar o mundo sua própria vida, é preciso partir de um ponto que é inominável, inenarrável, um ponto de ruptura de sentido e de não relato absoluto, de não discursividade absoluta.<sup>94</sup>*

*Então a pessoa colonizada descobre que sua vida, sua respiração, as pulsações de seu coração são as mesmas que as do colono. [...] Essa descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e revolucionária segurança da pessoa colonizada. Se, com efeito, minha vida tem o mesmo peso que a do colono, seu olhar não me fulmina, não me imobiliza mais, sua voz já não me petrifica. Não me perturbo mais em sua presença. Na verdade eu o contrario.<sup>95</sup>*

O que pode um corpo híbrido? O corpo que metamorfoseia na direção líquida do silicone injetado pelas *bombadeiras*<sup>96</sup>, vai ganhando outras formas e traços. É morrer ou morrer. A injeção clandestina de silicone, prática costumeira entre travestis, pode levar à óbito na primeira aplicação. Entretanto, a transformação corporal significa ver nascer a própria identidade. "O meu corpo é como a Cidade do Sols, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos" (FOUCAULT, 2013, p.14). O corpo possível. O corpo incivilizado.

O corpo híbrido produz algo distinto da docilidade, local de produção subjetiva que renuncia a estabilidade dos campos da normalidade para surgir como potência

---

<sup>94</sup> Félix Guattari.

<sup>95</sup> FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.34.

<sup>96</sup> Nome dado às travestis que injetam silicone industrial em outras travestis.

de emergência. A resistência se inscreve no campo político através de suas práticas artísticas e culturais. As dissidências sexuais têm se transformado em multidões.

A multiplicação dos discursos acerca das dissidências sexuais têm aberto um campo totalmente novo no Brasil e se expandido em outras ações de resistência e força política.

**FIGURA 38**



FONTE: MEMORIAL DA DEMOCRACIA<sup>97</sup>

Novas narrativas têm sido articulada em nome das mulheres (cis e trans) que historicamente fizeram parte do movimento de resistência no Brasil. A narrativa histórica do período da ditadura civil-militar, por exemplo, apagou completamente a participação política de transexuais, travestis, lésbicas e gays. Entretanto, tais atores sociais sofreram violações de todo tipo enquanto lutavam pela democratização do país. Neste enfrentamento, as minorias sexuais estiveram entre a cruz e a espada. De um lado, o governo autoritário da ditadura militar promovia uma verdadeira higienização e caça aos “degenerados” (travestis, transexuais e outros dissidentes

<sup>97</sup> Polícia Civil de São Paulo prende travesti no centro. Disponível em: < <http://www.memoraldademocracia.com.br/card/lgbt-e-prostitutas-denunciam-violencia> >. Acesso em jan.2017. Foto: Juca Martins/Olhar Imagens.

sexuais). De outro, a esquerda não via com bons olhos a participação de homossexuais em organizações anti-golpe.

Historicamente, LGBTs sempre sofreram preconceito e discriminação. Em muitos outros períodos da história brasileira, o preconceito esteve presente nas práticas discursivas do país: o discurso médico, que atribuiu o status de doença à homossexualidade e às identidades “desviantes”; o discurso religioso, que julgou as práticas dissidentes ao pecado; na visão criminológica, que até a década de 90 prendeu homossexuais e pessoas *trans* por “vadiagem”, qualificando-os como um “perigo social”; o discurso da tradição familiar, que colocou toda forma de existir fora da “normalidade” à margem, estigmatizando-os de “degenerados”.

Nesse cenário, a sociabilização de dissidentes sexuais esteve confinada à espaços circunscritos e bem demarcados. Com isso, observamos o nascimento de boates e bares gays destinados à frequência do público LGBT. Confinados a determinados espaços havia uma certa tolerância do Estado. As festas de Carnaval sempre foram destinadas à libertação dos usos e costumes. Homens vestindo-se de mulheres, mulheres de homens. Contudo, os movimentos gays e lésbicos das décadas de 50 e 60 foram os verdadeiros responsáveis pelo reconhecimento das identidades sexuais dissidentes, especialmente nos Estados Unidos.

No Brasil, a repressão generalizada promovida pela Ditadura Militar, dificultou a organização dos grupos de gays, lésbicas e travestis da década de 60 e 70. Dessa forma, a documentação e monitoramento das diversas violações de direitos humanos sofridas por esta população não pode ser estruturada com eficiência. Foi a partir da década de 80, que coletivos como o Grupo Gay da Bahia (GGB) se organizaram com o objetivo de coletar e divulgar, de forma estruturada, dados sobre violência cometida contra grupos LGBTs.

Apesar do Estado, no período da ditadura, não ter demonstrado de forma clara uma campanha de repressão à população LGBT, como se fazia com os grupos das lutas armadas, havia uma ideologia circulante que relacionava a homossexualidade e as sexualidades dissidentes às esquerdas e à subversão.

Em 1º de abril de 1980, O Estado de S. Paulo publicou matéria intitulada “Polícia já tem plano conjunto contra travestis”, no qual registra a proposta das polícias civil e militar de “tirar os travestis das ruas de bairros estritamente residenciais; reforçar a Delegacia de Vadiagem do DEIC para aplicar o artigo 59 da Lei de Contravenções Penais; destinar um prédio para recolher somente homossexuais; e abrir uma parte da cidade para fixá-los são alguns pontos do plano elaborado para combater de imediato os travestis, em São Paulo. (Relatório da Comisão Nacional da Verdade - CNV, p.307)<sup>98</sup>.

**FIGURA 39**



FONTE: MEMORIAL DA DEMOCRACIA<sup>99</sup>

Segundo o relatório, estabeleceu-se determinadas práticas com o objetivo de “medir” o corpos das travestis, registrar suas imagens para “averiguacão” e determinar o grau de periculosidade das mesmas. A polícia alertava para o risco que as travestis representavam, ao incentivo a tais práticas abomináveis. Porém, quando pensamos na identidade travesti sob a perspectiva interseccional com outros

<sup>98</sup> Disponível em: <[http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_2\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf)>. Acesso em jan.2017.

<sup>99</sup> Disponível em: <<http://www.memoraldademocracia.com.br/card/lgbt-e-prostitutas-denunciam-violencia>>. Acesso em jan.2017.

marcadores sociais da diferença, percebemos que as práticas discriminatórias agiam de forma diferente dentro do mesmo grupo.

Sobre isso É importante perceber a ênfase sobre a “imagem” da travesti. No período da Ditadura, conhecemos nomes de travestis que se saíram muito bem, como é o caso da travesti Rogéria. Mas que imagem ela possuía? Porque não era uma imagem perseguida? (...) No RJ, a travesti, negra e chacrete, Weluma Brum, nos relata suas experiências com a polícia. Naquele momento, Weluma nos narra, que certa vez, ao ser parada pela polícia enquanto se prostituía na Central do Brasil-RJ, fora obrigada a fazer sexo oral nos policiais para não ser presa. Isso depois de apanhar de 4 policiais, que lhe batiam e davam choques. Depois, Weluma conheceu a estratégia mais comum entre as travestis para evitar a prisão, segundo ela “Nós nos cortávamos com gilete, para que os policiais não nos prendessem, vejam aqui, tenho ainda cicatrizes. Eles tinham medo que a gente se cortasse”. Este medo, é claro, advinha do estigma de serem soropositivas, afinal, é neste período que a AIDS é considerada o “câncer gay”, a partir de uma cruel biopolítica (VIERA, 2015, s/p).

Isso nos faz perceber como “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes ‘contextos históricos’, estabelecendo ‘intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2015, p.20).

Para além do período da ditadura, a resistência se faz presente até os dias de hoje, especialmente nas práticas culturais e artísticas. A última década, permitiu a articulação de discursos dissidentes, novas estratégias políticas, novas práticas artísticas e culturais que emergiram do acúmulo dos movimentos feministas, lésbicos, anticapitalistas, bichas e de travestis.

As estratégias políticas por meio de produtos culturais, por exemplo, têm sido adotada por grupos dissidentes com o objetivo de sensibilizar o senso comum a respeito de suas demandas via manifestações culturais. Não é à toa que a história dos quadrinhos preenche estas narrativas com vistas à emancipação dos discursos acerca das travestis e dos(as) transexuais. Nesse sentido, o *Blog da Muriel*, criação de Laerte Coutinho inaugura, dentro da perspectiva das dissidências sexuais e de gênero, um espaço discursivo que demonstra suas intenções políticas caminhando ao lado de outras práticas, tais como as dos movimentos sociais.

Historicamente, diversas manifestações artísticas e culturais ocuparam esse espaço silenciado pela cultura *mainstream*, dedicando-se à fazer política de outros modos. O grupo Dzi Croquetes, a modelo Roberta Close, o Teatro Oficina (de São Paulo), o cinema de Jomard Muniz Britto, entre outros, foram responsáveis pela

construção de novos sentidos às travestilidades. Sentidos estes que ganham novas configurações na música de Liniker, Jaloo, Rico Dalasam, As Bahias e a Cozinha Mineira, MC Xuxu, Johnny Hooker; no teatro, Teatro da Queda (Salvador), Escola SP de Teatro e Teatro Kunyn(São Paulo), As Travestidas (Fortaleza), entre outros.

As novas tecnologias comunicacionais e as redes sociais transformaram o cenário *trans*. Diversas produções artísticas ou “artivismos”, surgem na internet em espaços de sociabilidade que podem ser mais facilmente acessados. Tais práticas abrem espaço para outras subjetividades.

A produção de subjetividade é, de fato, um processo ‘coletivo’, que vai além do individual, em uma dimensão extrapessoal (sistemas maquinicos, econômicos, sociais, tecnológicos) e aquém da pessoa (intensidades pré-verbais provenientes de uma lógica doa afetos e intensidades). (LAZZARATO, 2014, p.54).

Portanto, analisar os sentidos da transexualidade nos discursos em circulação abre margens para pensarmos novos possíveis. “O mundo possível existe, mas não fora daquilo que o exprime” (LAZZARATO, 2006, p.21), quer sejam os jornais, as revistas, os quadrinhos, todo fluxo comunicacional. “Ao falar, comunicar, conferimos certa realidade ao mundo possível. Mas esta nova realidade precisa ainda ser efetuada, atualizada, ao difundir e ao estruturar novos agenciamentos corporais na sociedade” (ibidem).

Um mundo de possíveis significa ampliar as figuras do discurso “explodir em poderosos novos tropos, novas figuras de discurso, novas viradas de possibilidade histórica” (HARAWAY, 1993, p.277). Se para Foucault (2006, p.246), o corpo é efeito dos dispositivos do poder ao mesmo tempo que nele “emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder”, localiza-se no corpo o potencial produtivo da resistência como contrafeito do poder.

É na potência desestabilizadora da verdade para os gêneros que Laerte liberta sua mulher de peito e pau, construindo uma trajetória que nos apresenta momentos de sujeição, momentos de revolução. A luta é instável. O enquadramento que a cartunista promove traz a narrativa de uma personagem travesti na perspectiva da autora, também travesti. De acordo com Butler, “é só desafiando a mídia dominante que determinados tipos de vida podem se tornar visíveis ou reconhecíveis em sua precariedade” (BUTLER, 2015a, p.83).

O deslocamento de sentidos que as narrativas de Muriel promove, não apenas opera na desestabilização das formações discursivas que afetam às minorias sexuais, mas amplia estes sentidos, muitas vezes, deixando-os abertos à interpretação e à incoerência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS ou Um beijo *pras travestis*

*Dentro das dimensões das relações de poder, complexas e em constante mudança, nós nos posicionamos do lado da mentalidade colonizadora? Ou continuamos em resistência política junto às pessoas oprimidas, prontas para oferecer nossas maneiras de perceber e teorizar, de fazer cultura, em direção àquele esforço revolucionário que busca criar espaços em que há um acesso ilimitado ao prazer e poder do saber, onde a transformação é possível? Esta escolha é crucial.<sup>100</sup>*

*Quem aprendeu inicialmente a se curvar e a inclinar a cabeça diante do “poder da história” acaba, por último, dizendo “sim” a todo poder.<sup>101</sup>*

A afirmação da potência do corpo nos questiona: “O que pode um corpo?”<sup>102</sup>. O que pode um corpo travesti? Instância de invenção da vida, de produção de estratégias de sobrevivência, de linhas de fuga (é reinventar ou morrer), que produzem novos mundos e reinventam-se para dar outros sentidos aos discursos que os objetificam, os jogam à margem, os tornam abjetos.

O corpo investido de saberes e poderes escapa. Cria outras intensidades para além do biopoder e da biopolítica (FOUCAULT, 1975; 1979). “O não endereçado ao poder não é mais um ponto de partida de uma luta dialética, mas a abertura de um devir” (LAZZARATO, 2006, p.21), trata-se da “biopotência” (PELBART, 2003). Mais do que um corpo que resiste aos poderes e aos saberes, um corpo como potência criadora.

O corpo travesti reivindica seu nome próprio<sup>103</sup>, “um indivíduo adquire um

<sup>100</sup> HOOKS bell. **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics**. Boston, Massachusetts:South End Press, 1990, p.145.

<sup>101</sup> NIETZSCHE, F.

<sup>102</sup> Espinosa, B. **Ética**.

<sup>103</sup> Ainda que para reivindicá-lo o Estado exija mais de 15 documentos e laudos médicos: 1) Cópia de Certidão de Nascimento; 2) Cópia do RG;; 3) Cópia do CPF; 4) Certidão de Distribuição Cível Estadual – original; 5) Certidão de Distribuição Criminal Estadual – original; 6) Certidão de Distribuição da Justiça Eleitoral – original; 7) Certidão de Distribuição da Justiça Militar – original; 8) Certidão de Distribuição da Justiça do Trabalho – original; 9) Certidão de Distribuição Cível, Fiscal, Criminal e dos juizados especiais adjuntos da Justiça Federal – original; 10) Certidões Negativas de protestos dos Cartórios da Comarca; 11) Laudo Psicológico que comprove a transexualidade, com indicação do Código Internacional da Doença – (CID-10/F64.0) 12) Laudo endocrinológico que demonstre que houve terapia hormonal e que os níveis hormonais estejam compatíveis com o sexo desejado; 13) Documentos que possua com o nome desejado: Cartão do SUS, Plano de Saúde, Crachás utilizados em eventos, Carteira de Clube, etc 14) Fotos que comprovem que a pessoa transexual se veste e se comporta socialmente como se fosse do sexo desejado. O ideal é que haja uma diversidade. 15) Comprovante de residência. Fonte: SIMAKAWA, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneride como normatividade. Salvador: UFBA, 2015. 244f. Dissertação. Programa Multidisciplinar de PósGraduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2015.

verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem" (DELEUZE, 2013, p.15). No movimento de reinvenção da vida, o corpo travesti investe na *diferença*.

É pelo universo das diversidades corporais e de identidades de gênero que Laerte Coutinho nos conduz à *diferença*. Sua narrativa nos convida a desestabilizar os sentidos para os gêneros e nos comunica a *tolerância*. "Comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro" (Dreyfuss e Rabinow, 1995, p. 240). E o que nos comunica o corpo de Muriel? A existência de Muriel abala a verdade para os corpos e todo essencialismo propagado pelo saber-poder. Se a produção de sujeitos se dá discursivamente, através da repetição e da reiteração (BUTLER, 2015) que também os objetiva, Muriel se constrói por meio do indizível, dizendo-se e "desdizendo-se", tornando-se um desafio, um escape. Nessa lógica, os sentidos para o corpo travesti transbordam significados, jogam com os signos dificultando sua codificação. Frente à matriz da "heterossexualidade compulsória" (ibid), a gramática corporal de Muriel torna-se uma "zona de indeterminação" não capturável pelas formações discursivas em circulação.

Os corpos que participaram das revoltas de Maio de 68, assistiram a um novo *éthos* do capitalismo e viram triunfar a "subjetivação capitalística" (ROLNIK, 2013). Nela "tudo que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam (...)" inserem-se em "sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo" (ibid, p.35). As identidades não-normativas foram capturadas pelo mercado e inseridas na sociedade como *consumidores*. Trata-se de uma relação ambígua, uma vez que indivíduos à margem do consumo estão excluídos do reconhecimento social. Se por um lado assistimos ao nascimento da indústria de produtos "sem gênero", de outro, a violência contra às sexualidades dissidentes, em especial, as travestis e transexuais, mantém seu curso ascendente.

O discurso midiático e suas representações de gênero continuam promovendo uma estética da existência permeada pela retórica do consumo como espaço de afirmação da multiplicidade. O território da expressão, porém, é um campo de lutas, "a criação diferencial de agenciamentos de enunciação é animada

pelas forças sociais e políticas que visam à polifonia e a à criação de novas possibilidades semânticas”, (LAZZARATO, 2006, p.157), trata-se do “plurilinguismo” (BAKHTIN, 2010). Nesta batalha, os corpos subalternos (SPIVAK, 2014) têm convocado um enfrentamento estético e tecnológico de criação do sensível, promovendo uma descentralização dos discursos homogeneizados das “máquinas de expressão”.

Camile Dumoulié<sup>104</sup>, em um trabalho a respeito da capoeira como arte e resistência, nos traz a citação do mestre Almir das Areias “Em todos os movimentos tu deves ser como a corrente do rio que contorna o rochedo”. No entanto, a arte não se opõe a força ou ao poder, “inversamente, é uma certa ordem do mundo ou uma estrutura social dada que, como o rochedo, constitui uma força de resistência contra a corrente da vida” (ibid).

Não sabemos o que pode um corpo, invocam as práticas pós-feministas, mas “podemos convocar suas forças e virtualidades através dos dispositivos dos enunciados, das técnicas que, ao constituir os agenciamentos, interpelam esse corpo, fazendo-o entrar na esfera das perguntas e respostas” (LAZZARATO, 2006, p.211). Se bem notarmos, Muriel escapa da esfera das perguntas e respostas. Muriel não é um modelo estabilizado de representação, de outro modo, se desloca para além do que foi dado.

Por fim, promover a despatologização do gênero para além de uma política de identidade, significa abrir espaço para “uma luta mais ampla que pretende abrir espaço para se pensar o próprio humano, a desnaturalização do gênero e a diferença (BENTO; PELÚCIO, 2012). “Daí a transformação da tolerância em afeto político maior” (SAFATLE, 2015, p.349).

---

<sup>104</sup> DUMOULIÉ, Camille. **A capoeira, arte de resistência e estética da potência**. In: LINS, Daniel (org.). Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia (2004). Rio de Janeiro: Forense Universitária, Fortaleza, CE: Fundação da Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 1.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Esta fala foi proferida por Giorgio Agamben em uma das conferências que realizou no Brasil, em setembro de 2005. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>> Acesso em 25 jan.2017.

AGÊNCIA EFE. Papa critica mudança de sexo e lembra que Deus criou 'homem' e 'mulher'. **Gazeta Online**. 22 dez.2008. Disponível em: <[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2008/12/43530-papa+critica+mudanca+de+sexo+e+lembra+que+deus+criou+homem+e+mulher.htm](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2008/12/43530-papa+critica+mudanca+de+sexo+e+lembra+que+deus+criou+homem+e+mulher.htm)> Acesso em 20 jan.2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J, & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Os Métodos nas Ciências Naturais e Sociais**. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo – Matéria de Primeira Página**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

AYOUCH, Thamy. **Psicanálise & Homossexualidades**: teoria, clínica, biopolítica. Curitiba: Editora CRV, 2015.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAITELLO, JR, **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Paulus, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1929].

BEAUVIOR, S. **O Segundo sexo**. Trad. S. Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 (1949). 2v.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença**: corpo e subjetividade na transexualidade. In Revista Bagoas, v.04, 2009: 111. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1243/bento\\_diferenca%20que%20faz%20a%20diferenca.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1243/bento_diferenca%20que%20faz%20a%20diferenca.pdf?sequence=1)> Acesso em: 21 de junho.

\_\_\_\_\_. **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** 2o.ed. Natal: EDUFRN, 2014.

\_\_\_\_\_. **Brasil: país do feminicídio,** 2014b. Disponível em: < [http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio\\_Berenice\\_Bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf)> Acesso em: nov.2016.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero:** a politização das identidades abjetas. In Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a17.pdf>> Acesso em: nov.2016.

BENVENISTE , E. **O homem na língua.** Problemas de Linguística Geral. Trad. M. G. Novak e L. Neri. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976, p.277-326.

BHABHA. Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens.** Revista Alceu, 10(20):41-54, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mediatização como processo interacional de referência.** In: Médola, Ana Silvia L.D., Araújo, Denise c. e Bruno, Fernanda (orgs.). **Imagen, visibilidade e cultura midiática.** Porto Alegre, Sulina, 2007.

BRAIT, B. **Ironia em Perspectiva Polifônica.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Trad. M.H. Kuhner. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BONFIM, Filomena Maria Avelina. **A informação nos cadernos de informática nos grandes jornais.** 1997. 228f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, 1997.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BUTLER, J. **Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”.** Nova York e Londres. Routledge. 1993.

\_\_\_\_\_. **Criticamente subversiva.** In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (ed.) **Sexualidades transgressoras: una antología de estudios queer.** Barcelona: Icaria, 2002.

\_\_\_\_\_. **Quadros de Guerra.** Quando a vida é passível de luto? Trad. S.T.N. Lamarão e A.M. Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 9o.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

CAPELATO, M. H.; MOTA, C. G. **História da Folha de São Paulo (1921-1981)**, São Paulo: IMPRES, 1981.

CAZELOTO, Edilson. **Resenha: o desafio da leitura não linear.** In: Regimes de visibilidade em revistas: análise multifocal dos contratos de comunicação, do Grupo de Pesquisa em Mídia Impressa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Brazilian Journalism Research. vol.6, no.01, 2010.

COULOMB-GULLY, Marlène. **Gênero, política e análise do discurso das mídias.** In Presença de Foucault na Análise do Discurso. Org. Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Vanice Sargentini. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COUTINHO, Laerte. Laerte: 'Tenho vergonha de quase tudo que desenhei'. **Bravo!** set. 2010a. Entrevista concedida a Armando Antenore.

\_\_\_\_\_. Paradoxo de salto alto. In: **Revista Trip - Só no site.** Entrevista concedida a Diogo Rodriguez, José Rodrigo Rodriguez e Heloísa Buarque de Almeida. São Paulo: Trip Editora, 16 dez. 2010b. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/paradoxo-de-saltoalto.html>>. Acesso em: dez.2016

\_\_\_\_\_. Laerte em carne, osso e minissaia. In: **Último Segundo IG.** Entrevista concedida a Guss de Lucca. São Paulo: Portal IG, 26 out. 2010c. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte-em-carne-osso-e-minissaia/n1237811802611.html>> Acesso em: nov.2016.

\_\_\_\_\_. Laerte-à-porter. In: **Blog da Fausta.** São Paulo: Blog da Fausta, 10 de set. 2013. Disponível em: <<https://blogdafausta.com/tag/abrat/>>. Acesso em: nov.2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 3.ed. Trad. P. Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2013a. 240 p.

\_\_\_\_\_. **Foucault.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2013b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2.** Vol 2. São Paulo: Ed. 34, 2000

\_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo.** Capitalismo e esquizofrenia 1. 2.ed. Trad. B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. 560p.

DREYFUS, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. V. Portocarrero; G.G. Carneiro. 2.ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

DIONÍSIO, Angela Paiva (org.). **Gêneros textuais e ensino.** 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DONINI, Angela. **Desurdir a lógica do gênero.** 2010. 130f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2010.

DUARTE, Fernando. **Mariana e Claudinha.** In: Ambrosia - HQ digital. Entrevista concedida a Carlos Felipe. 02 abr. 2010. Disponível em: <<http://ambrosia.com.br/colunas/hq-digital-colunas/hq-digital-mariana-claudinha/>>. Acesso em: nov.2016.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Trad. L. F. Baeta. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France; trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24.ed. São Paulo: Edições Loyola, (1970) 2014b.

\_\_\_\_\_. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade.** In: Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (org.). 2 ed. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** curso no Collège de France (1975-1976). GALVÃO, M.E. (trad) Ed. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I.** A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Edições Graal, 2012 (1988).

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, (1979) 2005.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões.** São Paulo: Ática, 2002.

GIROUX, Henry. **A disneyização da cultura infantil.** In: SILVA, Tomas Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). Territórios contestados: os currículos e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia:** a (re)produção de identidades. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol.4, no.11, p.11-25. Nov.2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 12.ed. Petropólis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, C. D. (2004). **O Homossexualismo Visto por Entendidos.** Rio de Janeiro: Editora Garamont.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados.** In: Cadernos Pagu (5), Campinas, 1995: pp.07-41.

\_\_\_\_\_. **O humano numa paisagem pós-humanista.** Tradução de Marcos Santana. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: Vol.1, nº2, 1993, p. 277-292.

ITURRUSGARAI, Adão. **Há vinte anos, surgia no Brasil dois caubóis gays: Rocky e Hudson.** In: A Capa. Entrevista concedida a William Magalhães. 19 de março de 2008. Disponível em: < <http://acapa.virgula.uol.com.br/revista/ha-vinte-anos-surgia-no-brasil-dois-caubois-gays-rocky-e-hudson/13/38/3934>>. Acesso em dez.2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, São Paulo. EDUSC, 2001.

LAZZARATO, M. **As Revoluções do Capitalismo.** A política no império. Trad. L.Corsini. Rio se Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Signos, Máquinas, Subjetividades.** Signs, Machines, Subjectivities. Ed. Bilíngue. São Paulo: n-1 edições, 2014.

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero.** Indiana University Press, 1987 (1994).

LEITE JUNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam.** Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nossos corpos também mudam:** a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo, Annablume: 2011.

LIMA, Fátima. **Corpos, gêneros, sexualidades: políticas de subjetivação;** textos reunidos 2.ed. re. atual. Porto Alegre: Rede Unida, 2014. 138p.: il. – (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde). Disponível em: < <http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/corpos-generos-sexualidades-politicas-de-subjetivacao-2o-edicao-pdf>>. Acesso em: nov.2016.

LONGHI, Carla Reis. **Informação jornalística:** da mediação à midiatização. Intercom-RBCC. São Paulo, v.38, n.2, p.185-206, jul./dez.2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUCCHESE, A. Laerte: "Estou interessada nos horizontes do humor, não nos limites". **Zero Hora.** Vida e Estilo. Porto Alegre, 17 jun.2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/06/laerte-estou-interessada-nos-horizontes-do-humor-nao-nos-limites-6038272.html>> Acesso em: 09 set.2016.

MACHADO, Irene A. **Os gêneros e a ciência dialógica do texto.** In Diálogos com Bakhtin. Org. Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro; Beth Brait,,, [et al,], 4.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

MACHADO, Roberto. **Por uma Genealogia do Poder.** In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARCELLO, F. A. **Dispositivo da Maternidade: mídia e produção agonística de experiência.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios do ver – hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: SENAC, 2001.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

McALLISTER, M.P.; SEWELL, Jr. E.H.; GORDON, I. **Introducing Comics and Ideology.** In: Comics and Ideology. NY: Peter Lang. 2001 Peter Lang.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX.** Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1967. p.16.

MOYA, Álvaro. **História da História em Quadrinhos.** Porto Alegre: L&PM, 1986.

NICOLAU, Marcos. **Tirinha:** a síntese criativa de um gênero jornalístico. João Pessoa: Marca Fantasia, 2007.

OPPERMANN, A. **O doutor que odiava heróis**. In. Revista Superinteressante. Ed. 201, jun/2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/o-doutor-que-odiava-herois/>>. Acesso em: dez.2016.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed.,Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

PELBART, Peter. **Vida Capital**. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 58

PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil**. Iberic@I, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines. Numéro 9 – Printemps 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: Analyse automatique du discours, 1969.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Basura y Género**. Mear/Cagar. Masculino/Femenino. (s/d). Disponível em: <[www.hartza.com/basura.htm](http://www.hartza.com/basura.htm)>. Acesso em: jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Contrassetual**. Práticas Subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. **Políticas das multidões queer**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 11-20, janeiro-abril, 2011.

\_\_\_\_\_. **Terror anal**. In: HOCQUENGHEM, G. *El deseo homosexual*. Barcelona: Tapa Blanda, 2009.

\_\_\_\_\_. **Testoyonqui**. Madri, Esparsa, 2008.

PRÓCHNO, C. C. S. C. & ROCHA, R. M. G. (2011). **O jogo do nome nas subjetividades travestis**. Psicologia & Sociedade, 23(2), 254-261.

RAMSEY, G. **Transexuais**: perguntas e respostas. São Paulo: Edições GLS, 1996.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. São Paulo, Rosa dos Tempos, 1988/1999.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo, **Desvio e Danação. As minorias na Idade Média**. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.

RIOS, R. R. **Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Mec/Unesco. 2009. p.53-83.

RODOVALHO, Amara. **Não fossem seus pêlos vários**. Periódicus, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out.2016. Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Trad. C.R. Dabat; E. O. Rocha; S. Côrrea. Ed. SOS Corpo. Recife, 1993. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/OTraficoDeMulheres.pdf>> Acesso em jun. 2016.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de Identidade Sexual**: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino. São Paulo: FMUSP, 2004. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir; MANZI, Ronaldo (Orgs.) **A Filosofia Após Freud**. São Paulo:Editora Humanitas, 2008.

SÁENZ, M.C.L. — Merleau-Ponty (1908-1961) y Simone de Beauvoir (1908-1986). **El cuerpo fenoménico desde el feminismo II**. Sapere Aude, v.3 - n.6, pp.57-72. PUCMG: Belo Horizonte, 2º sem. 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemología del armario**. Traducción de Teresa Bladé Costa. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

SPIVAK, G.C. **Pode um subalterno falar?** Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2014.

TALIB, Rosângela Aparecida. **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos** / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2011.

TEIXEIRA, Adla B.Martins; RAPOSO, Ana E.S.Silva. **Banheiros escolares promotores de diferenças de gênero**. GT Gênero, Sexualidade e Educação.30ª. reunião anual da ANPED, Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Minas Gerais: Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3472-int.pdf>>. Acesso em jan. 2017.

Teixeira, F. B. (2008, junho). **Do Y ao X: os fios que desenham os consensos e os desejos pelas cirurgias de transgenitalização** [CD-ROM]. In Anais da Reunião Brasileira de Antropologia, 26. Porto Seguro: ABA, 2008.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 150.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VENCATO, Anna Paula. **O que faz uma mulher, mulher?**: sexualidade, classe e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing. In Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. 2008. Disponível

em: < [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST18/Anna\\_Paula\\_Vencato\\_18.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST18/Anna_Paula_Vencato_18.pdf)>  
Acesso em nov. 2016.

VERGUEIRO, W; SANTOS, R, E. **A pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo:** análise da produção de 1972 a 2005. UNIrevista, São Leopoldo – RS, v. 1, n. 3, p. 1-12, julho, 2006. Disponível em:<[http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev\\_VergueiroSantos.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_VergueiroSantos.PDF)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil:** a busca de um novo público. História, imagem e narrativas. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 4-7, set. 2007.

VIERA, H. **Onde estavam as travestis durante a ditadura?** Revista Fórum. 5 de abr.2015. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/05/onde-estavam-travestis-durante-ditadura/>>. Acesso em jan.2017.

WEEKS, Jefrey. **O corpo e a Sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes Ltda, 2009. p. 7-72.

## APÊNDICE

Categorização das **236 tirinhas** do Blog da Muriel - 2009 a 2013

**08.10.2012** - A tira *Blog da Muriel*, que saía no caderno *TEC da Folha*, passou a sair no caderno *Equilíbrio*.

**07.06.2013** - As tiras da Muriel deixaram de ser publicadas no caderno *Equilíbrio*, da Folha.

Todas as tiras estão publicadas no Blog da Muriel e no site da Associação Brasileira de Transgêneros - ABRAT - [www.abrat.org](http://www.abrat.org)

Título	Data	Categoria
<b>silicon blues 1</b>	01/03 a 07/03/2009	Discurso Médico
<b>silicon blues 2</b>	08/03 a 14/03/2009	Discurso Médico
<b>silicon blues 3</b>	08/03 a 14/03/2009	Discurso Médico
<b>silicon blues 4</b>	08/03 a 14/03/2009	Discurso Médico
<b>silicon blues 5</b>	08/03 a 14/03/2009	Discurso Médico
<b>silicon blues 6</b>	08/03 a 14/03/2009	Discurso Médico
<b>ouverture</b>	08/03 a 14/03/2009	Microlutas
<b>games</b>	08/03 a 14/03/2009	Outros
<b>espelho</b>	08/03 a 14/03/2009	Outros
<b>sharon</b>	08/03 a 14/03/2009	Outros
<b>varinha</b>	08/03 a 14/03/2009	Outros
<b>manual</b>	15/03 a 21/03/2009	Discurso Psiquiátrico
<b>freud</b>	15/03 a 21/03/2009	Discurso Psiquiátrico
<b>número</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>psiquê</b>	15/03 a 21/03/2009	Discurso Psiquiátrico
<b>depilação</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>banheiro</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>loucuras</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>vestidinho</b>	15/03 a 21/03/2009	Outros

<b>provador</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>liberais</b>	15/03 a 21/03/2009	Discurso do Estado
<b>casamento</b>	15/03 a 21/03/2009	Discurso Religioso
<b>tempo</b>	15/03 a 21/03/2009	Microlutas
<b>íntima</b>	22/03 a 28/03/2009	Outros
<b>vida sexual</b>	22/03 a 28/03/2009	Microlutas
<b>cálculo</b>	22/03 a 28/03/2009	Lutas
<b>saída</b>	22/03 a 28/03/2009	Outros
<b>fase</b>	22/03 a 28/03/2009	Outros
<b>tendinite</b>	22/03 a 28/03/2009	Outros
<b>armário</b>	29/03 a 04/04/2009	Outros
<b>spam</b>	29/03 a 04/04/2009	Discurso da Mídia
<b>nicks</b>	29/03 a 04/04/2009	Discurso da Mídia
<b>vírus</b>	29/03 a 04/04/2009	Discurso da Mídia
<b>de repente</b>	29/03 a 04/04/2009	Discurso da Mídia
<b>Bagdad</b>	29/03 a 04/04/2009	Discurso da Mídia
<b>batida</b>	29/03 a 04/04/2009	violência
<b>excomunhão</b>	05/04 a 11/04/2009	Discurso Religioso
<b>excomunhão automática</b>	05/04 a 11/04/2009	Discurso Religioso
<b>garantir</b>	05/04 a 11/04/2009	Outros

<b>segunda investida</b>	13/09 a 19/09/2009	Discurso da Sociedade
<b>terceira investida</b>	27/09 a 03/10/2009	Discurso da Sociedade
<b>na calçada</b>	27/09 a 03/10/2009	Discurso da Sociedade
<b>fada madrinha</b>	11/10 a 17/10/2009	Microlutas
<b>desejos</b>	18/10 a 24/10/2009	Outros
<b>brincos de pérola</b>	18/10 a 24/10/2009	Outros
<b>lua cheia</b>	01/11 a 07/11/2009	Outros
<b>teste</b>	08/11 a 14/11/2009	Microlutas
<b>jogo</b>	15/11 a 21/11/2009	Microlutas
<b>torcida</b>	22/11 a 28/11/2009	Microlutas
<b>camisa</b>	29/11 a 05/12/2009	Microlutas
<b>exame</b>	06/12 a 12/12/2009	Discurso Médico
<b>de carro</b>	13/12 a 19/12/2009	violência
<b>natal</b>	20/12 a 26/12/2009	Outros
<b>gripe</b>	10/01 a 16/01/2010	Outros
<b>mais sobrevivência</b>	24/01 a 30/01/2010	Microlutas
<b>ainda sobrevivência</b>	24/01 a 30/01/2010	Microlutas
<b>solidariedade</b>	24/01 a 30/01/2010	Outros
<b>chuva</b>	24/01 a 30/01/2010	Microlutas
<b>costumes</b>	31/01 a 06/02/2010	Prostituição
<b>psiquiatria</b>	13/02/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>mores secundum tempus</b>	09/02/2010	Discurso Jurídico
<b>anômalo</b>	25/02/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>papel</b>	03/03/2010	Discurso Jurídico
<b>reeducação</b>	11/03/2010	Discurso da Sociedade

<b>infância</b>	08/03/2010	Discurso da Sociedade
<b>como homem</b>	27/03/2010	Discurso da Sociedade
<b>fogo</b>	02/04/2010	Discurso da Sociedade
<b>porrada</b>	01/04/2010	Discurso da Sociedade
<b>diversão</b>	01/04/2010	Discurso da Sociedade
<b>fênix</b>	19/04/2010	Discurso da Sociedade
<b>culpa</b>	29/04/2010	Outros
<b>brincos</b>	26/04/2010	Outros
<b>entre gôndolas</b>	10/05/2010	Discurso da Sociedade
<b>carona</b>	21/05/2010	Prostituição
<b>viagem</b>	17/05/2010	Outros
<b>Paris</b>	28/05/2010	Prostituição
<b>banheiros</b>	03/06/2010	Microlutas
<b>pergunta</b>	14/06/2010	Microlutas
<b>problema</b>	21/06/2010	Microlutas
<b>embarque</b>	01/07/2010	Microlutas
<b>sexo</b>	28/06/2010	Microlutas
<b>viva</b>	17/07/2010	Discurso Jurídico
<b>familiar</b>	14/07/2010	Discurso da Sociedade
<b>atalho</b>	28/07/2010	Outros
<b>túnel</b>	05/08/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>machu picchu</b>	10/08/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>cadê</b>	24/08/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>Socorro</b>	15/09/2010	Discurso da Sociedade
<b>armário</b>	12/09/2010	Discurso da Sociedade
<b>aceitação</b>	23/09/2010	violência
<b>no metrô</b>	26/09/2010	Microlutas
<b>verdade</b>	08/10/2010	Microlutas
<b>tevê</b>	30/10/2010	Discurso da Mídia
<b>brincos</b>	25/10/2010	Outros

<b>essa onda</b>	04/11/2010	Discurso da Mídia
<b>provador</b>	26/11/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>o que você quer?</b>	21/11/2010	Discurso Psiquiátrico
<b>terror</b>	13/12/2010	Discurso do Estado
<b>silvia helena</b>	24/12/2010	Discurso do Estado
<b>agentes</b>	24/12/2010	Discurso do Estado
<b>alerta</b>	20/12/2010	Discurso do Estado
<b>gulag</b>	09/01/2011	Discurso do Estado
<b>real</b>	21/01/2011	Discurso do Estado
<b>perguntas</b>	05/02/2011	Discurso Religioso
<b>et cum spiritu tuo</b>	05/02/2011	violência
<b>trapezinho</b>	14/02/2011	Discurso Religioso
<b>longe</b>	21/02/2011	violência
<b>fúria</b>	28/02/2011	violência
<b>liberdade</b>	09/03/2011	Discurso da Sociedade
<b>corpo</b>	15/03/2011	Outros
<b>volver</b>	24/03/2011	Microlutas
<b>medo</b>	22/03/2011	violência
<b>frutas</b>	04/04/2011	Microlutas
<b>reencarnando</b>	12/04/2011	Microlutas
<b>re-reencarnando</b>	19/04/2011	Microlutas
<b>ensinamento</b>	25/04/2011	Microlutas
<b>primeiros passos</b>	05/05/2011	Discurso Institucional
<b>escola</b>	02/05/2011	Discurso Institucional
<b>normais</b>	28/05/2011	Discurso da Sociedade
<b>voltamos</b>	23/05/2011	Outros
<b>interrompemos</b>	23/05/2011	Lutas
<b>gospel</b>	13/06/2011	Discurso Religioso
<b>normal do normal</b>	13/06/2011	Discurso da Sociedade
<b>nomes</b>	23/06/2011	Microlutas

<b>cantando na chuva</b>	19/06/2011	Outros
<b>terno-e-gravata</b>	02/07/2011	Microlutas
<b>nas trincheiras</b>	11/07/2011	violência
<b>caverna</b>	16/08/2011	violência
<b>unidas</b>	23/08/2011	violência
<b>socorro urgente</b>	31/08/2011	violência
<b>desejos</b>	13/09/2011	Outros
<b>papo em paz</b>	22/09/2011	violência
<b>respeito</b>	22/09/2011	Outros
<b>cavalo</b>	22/09/2011	Outros
<b>briga</b>	03/10/2011	violência
<b>inspiração</b>	10/10/2011	violência
<b>peitos</b>	24/10/2011	Discurso Médico
<b>alfa</b>	24/10/2011	violência
<b>riscos</b>	05/11/2011	Discurso Médico
<b>resposta</b>	05/11/2011	Discurso Médico
<b>humor</b>	22/11/2011	Discurso Médico
<b>brincos</b>	22/11/2011	Discurso Médico
<b>elixir</b>	04/12/2011	Discurso Médico
<b>pregações</b>	16/12/2011	Discurso Religioso
<b>operação</b>	14/12/2011	Microlutas
<b>praia</b>	19/12/2011	Microlutas
<b>festas</b>	04/01/2012	violência
<b>maiás</b>	09/01/2012	Microlutas
<b>???</b>	15/01/2012	Discurso Jurídico
<b>nisso</b>	31/01/2012	Microlutas
<b>quem? onde? como?</b>	29/01/2012	Discurso da Sociedade
<b>portas</b>	11/02/2012	Microlutas
<b>carnaval</b>	28/02/2012	Lutas
<b>cura</b>	23/03/2012	Discurso Psiquiátrico

<b>questão</b>	22/03/2012	Discurso da Sociedade
<b>volta</b>	20/03/2012	Outros
<b>de repente</b>	06/04/2012	Microlutas
<b>ferormônios</b>	09/04/2012	Microlutas
<b>diferença</b>	08/04/2012	Microlutas
<b>significativa</b>	24/04/2012	Microlutas
<b>roubo</b>	08/06/2012	violência
<b>agora sim</b>	05/06/2012	Discurso Médico
<b>sempre</b>	12/06/2012	Lutas
<b>conta pra gente</b>	21/06/2012	Discurso da Sociedade
<b>eles ainda</b>	16/07/2012	Discurso do Estado
<b>eles</b>	15/07/2012	Discurso do Estado
<b>mais um repetido</b>	24/07/2012	Discurso Psiquiátrico
<b>mais cura</b>	23/07/2012	Discurso Psiquiátrico
<b>vadias</b>	31/07/2012	Discurso da Sociedade
<b>nunca</b>	11/08/2012	Outros
<b>ops!</b>	05/08/2012	Discurso Psiquiátrico
<b>GPS</b>	01/09/2012	Prostituição
<b>taxi</b>	31/08/2012	Outros
<b>prostituição</b>	07/09/2012	Prostituição
<b>secretária</b>	05/09/2012	Outros
<b>nome</b>	22/09/2012	Prostituição
<b>estreia</b>	20/09/2012	Prostituição
<b>ninguém</b>	28/09/2012	Prostituição
<b>com o tempo</b>	10/10/2012	Prostituição
<b>ué</b>	08/10/2012	Prostituição
<b>contas</b>	20/10/2012	Prostituição
<b>casar</b>	26/10/2012	Prostituição
<b>volta</b>	03/11/2012	Prostituição
<b>crime</b>	15/11/2012	Discurso Psiquiátrico

<b>jornalista</b>	29/11/2012	Outros
<b>provocação</b>	28/11/2012	Lutas
<b>programa</b>	06/12/2012	Discurso do Estado
<b>Castello</b>	12/12/2012	Discurso do Estado
<b>Costa</b>	20/12/2012	Discurso do Estado
<b>mãe</b>	03/01/2013	Discurso do Estado
<b>Médici</b>	03/01/2013	Discurso do Estado
<b>ano da serpente</b>	14/01/2013	Discurso Religioso
<b>menu</b>	22/01/2013	Discurso Religioso
<b>grande tentação</b>	31/01/2013	Discurso Religioso
<b>enigma</b>	07/02/2013	Discurso Religioso
<b>ficção</b>	16/02/2013	Discurso Religioso
<b>conversão</b>	22/02/2013	Discurso Religioso
<b>mchuac!</b>	28/02/2013	Discurso Religioso
<b>sal grosso</b>	07/03/2013	Discurso Religioso
<b>beijo</b>	03/03/2013	Discurso Religioso
<b>sinal</b>	13/03/2013	Discurso Religioso
<b>Deus</b>	21/03/2013	Discurso Religioso
<b>Deus 2</b>	29/03/2013	Discurso Religioso
<b>todo poderoso</b>	02/04/2013	Discurso Religioso
<b>penitência</b>	13/04/2013	Discurso Religioso
<b>mais penitência</b>	18/04/2013	Discurso Religioso
<b>pecado e iniquidade</b>	24/04/2013	Discurso Religioso
<b>dra. Beth</b>	09/05/2013	Discurso Psiquiátrico
<b>modelo</b>	22/05/2013	Discurso Psiquiátrico
<b>gisele</b>	01/06/2013	Microlutas
<b>piada velha</b>	07/06/2013	violência